



**Prática Pedagógica Inovadora nas aulas de Educação Física:  
Uma construção a partir do tênis de campo**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, da Universidade Federal de São Carlos UFSCar, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Francisco Lindosmar da Silva Junior

Orientador: Prof. Dr. Glauco Nunes Souto  
Ramos

Silva Junior, Francisco Lindosmar da

Prática pedagógica inovadora nas aulas de educação física: uma construção a partir do tênis de campo / Francisco Lindosmar da Silva Junior -- 2025.  
154f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Glauco Nunes Souto Ramos

Banca Examinadora: Andreia Cristina Metzner, Nathan Raphael Varotto

Bibliografia

1. Educação física escolar. 2. Práticas pedagógicas inovadoras. 3. Tênis de campo. I. Silva Junior, Francisco Lindosmar da. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática  
(SIn)

**DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR**

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde  
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional

---

### Folha de Aprovação

---

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Francisco Lindosmar da Silva Junior, realizada em 27/02/2025.

#### Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos (UFSCar)

Profa. Dra. Andreia Cristina Metzner (UFSCar)

Prof. Dr. Nathan Raphael Varotto (FHO)

## DEDICATÓRIA

Dedico a Deus essa dissertação, por possibilitar a realização de um sonho, que almejei por muito tempo.

Dedico aos meus maiores professores, esses professores carregam o maior título que a vida pode proporcionar, esse título não é acadêmico, mas certamente não há um mestrado, ou doutorado capaz de competir com os conhecimentos transmitidos por eles. A esse título damos o nome de Pais.

Pai obrigado por sempre ser um exemplo de honestidade e trabalho para mim, sou muito orgulhoso do pai que tenho e espero que eu consiga ser para o meu filho tudo o que o senhor é para mim.

À memória eterna da minha rainha, minha querida mãe, por quem eu tenho um amor incondicional e que está sempre presente na minha vida, perto o suficiente para segurar a minha mão ou mesmo distante confortando o meu coração, te amo para sempre e essa conquista é toda sua, tudo que sou certamente foi construído pelo seu amor.

A minha amada esposa que sempre me dá todo apoio e incentivo para lutar por aquilo que eu desejo, pela parceria, pelo amor e todo cuidado dedicado a mim.

Ao meu filho que acabou de chegar ao mundo e já é capaz de proporcionar sentimentos e emoções que eu nem sabia que eu podia ter, te amo muito meu pequeno, e que essa dissertação sirva de exemplo e inspiração para você construir o seu futuro.

As minhas irmãs e irmãos que sempre cuidaram e bajularam esse caçula, cada um ao seu modo, sempre ajudando e lutando para me proporcionar o melhor, para eu conquistar os meus objetivos. Sei o quanto vocês estão orgulhosos, e saibam que essa conquista é nossa.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pela incrível oportunidade de participar do PROEF, onde sou eternamente grato por tudo que aprende.

Aos amigos da 4º turma UFSCar e UNESP Rio Claro, pelo companheirismo em todo percurso do mestrado. Em especial ao grupo de professores companheiros de rede municipal e agora de mestrado também. Caravana de Ribeirão Preto: Andréia, Cássia, Cristiano e Joielse, muito obrigado pela cumplicidade e momentos de trocas durante nossas viagens.

Ao meu orientador Glauco Nunes Souto Ramos, por sua dedicação e paciência durante toda a construção do projeto e dissertação, obrigado pelo acompanhamento, pelas correções e incentivo. Aprendi muito e sempre serei agradecido pela prontidão em me ajudar.

Aos professores Andreia Cristina Metzner e Nathan Raphael Varotto por aceitarem fazer parte da banca e pela generosidade em aconselhar, corrigir, opinar e dar contribuições tão importantes para este trabalho.

À equipe gestora da unidade escolar e colegas professores onde foi feita a pesquisa, por todo apoio e incentivo na realização desta pesquisa.

Aos meus alunos que fizeram desta pesquisa uma jornada inesquecível.

À minha esposa Nátaly por estar sempre do meu lado, me incentivando e dando força nos momentos de maior dificuldade e toda a minha família pelo apoio.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento e Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

## RESUMO

SILVA JUNIOR, Francisco L. **Prática Pedagógica Inovadora nas aulas de Educação Física: Uma construção a partir do tênis de campo**. Orientador: Glauco Nunes Souto Ramos. 2025 154f. Dissertação (Mestrado Profissional PROEF - Educação Física em Rede Nacional) - Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, 2025.

A proposta do presente estudo partiu da inquietação sobre as práticas pedagógicas e seu desenvolvimento durante as aulas, sendo identificadas três categorias: tradicional (esportivista), abandono do trabalho docente (“rola bola”) e práticas inovadoras. O termo “práticas pedagógicas inovadoras” (PPI) chamou a atenção e, com o interesse de compreender melhor tal atuação docente, o objetivo deste estudo foi explorar as práticas pedagógicas inovadoras nas aulas de educação física a partir do tênis de campo. A pesquisa de caráter qualitativo, foi realizada com estudantes do 6º ano do ensino fundamental em uma escola pública da rede municipal de ensino do interior de São Paulo, contemplando 19 aulas de tênis de campo. A coleta de dados aconteceu por meio de diários de aula produzidos pelo pesquisador deste estudo, que também era o professor de Educação Física da turma. Os dados analisados deram origem às seguintes categorias: a) *pré-jogo*, na qual foram identificados os seguintes códigos: conteúdo, metodologia, relação teoria x prática, avaliação e cronograma. Conceitos explorados pelo docente antes mesmo da ação com os alunos iniciar, dentro do seu planejamento e que devem ser revisitados sempre que necessário realizar ajuste durante a ação docente. Tais conceitos quando bem planejados podem auxiliar no desenvolvimento de uma PPI; e, b) *nosso jogo*, na qual foram identificados os seguintes códigos: lógica interna, lógica externa, adaptações e protagonismo discente, trazendo alguns conceitos que podem interferir diretamente no desenvolvimento das atividades quando explorados dentro das perspectivas das PPI e facilitar a compreensão do conteúdo, melhorar a participação e o engajamento dos alunos. Durante o desenvolvimento da pesquisa foi possível identificar que as ações em torno das PPI são compostas por uma série de quesitos, que demandam um planejamento e envolvimento do docente, analisando e refletindo sobre questões que muitas vezes já estão enraizadas na sua atuação docente. É preciso romper com padrões de ensino onde o aluno é apenas receptor dos ensinamentos passados pelo docente e colocá-lo como protagonista do processo de ensino e de aprendizagem, além de explorar os diferentes saberes advindos da cultura corporal de movimento.

**Palavras-chave:** Educação Física escolar; práticas pedagógicas inovadoras; tênis de campo.

## ABSTRACT

SILVA JUNIOR, Francisco L. **Prática Pedagógica Inovadora nas aulas de Educação Física: Uma construção a partir do tênis de campo.** Orientador: Glauco Nunes Souto Ramos. 2025 154f. Dissertação (Mestrado Profissional PROEF - Educação Física em Rede Nacional) - Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, 2025.

The proposal for this study arose from concerns about pedagogical practices and their development during lessons, identifying three categories: traditional (sports-oriented), abandonment of teaching work ("just let them play"), and innovative practices. The term "innovative pedagogical practices" (IPP) stood out, and with the interest of better understanding this teaching approach, the objective of this study was to explore innovative pedagogical practices in Physical Education classes using tennis as a starting point. This qualitative research was conducted with 6th-grade students in a public school within a municipal education network in the interior of São Paulo, covering 19 tennis lessons. Data collection was carried out through lesson journals produced by the researcher, who was also the Physical Education teacher of the class. The analyzed data led to the identification of the following categories: a) Pre-game, in which the following codes were identified: content, methodology, theory vs. practice relationship, assessment, and schedule. These are concepts explored by the teacher even before engaging with students, incorporated into lesson planning, and revisited whenever adjustments are necessary. When well-planned, these concepts can support the development of an IPP. b) Our game, in which the following codes were identified: internal logic, external logic, adaptations, and student protagonism. These bring in concepts that can directly influence the development of activities when explored within the perspectives of IPP, facilitating content understanding, enhancing participation, and increasing student engagement. Throughout the research, it was possible to identify that actions surrounding IPP consist of multiple elements that require careful planning and teacher involvement, as well as reflection on ingrained teaching practices. It is necessary to break away from teaching models where the student is merely a passive recipient of knowledge and instead position them as protagonists in the teaching and learning process, while also exploring the various forms of knowledge derived from movement culture.

**Keywords:** School Physical Education, innovative pedagogical practices, field tennis.

## **Lista de Siglas e abreviações:**

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CBT - Confederação Brasileira de Tênis

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos

CNS - Conselho Nacional de Saúde,

CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

DA - Diário de Aula

EF - Educação Física

EFE - Educação Física Escolar

EJA - Educação de Jovens e Adultos

EMEF - Escola Municipal de Ensino Fundamental

FPT - Federação Paranaense de Tênis

ITF - Federação Internacional de Tênis

PAS - Play and Stay

PPI - Práticas Pedagógicas Inovadoras

PPP - Projeto Político Pedagógico

ProEF - Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional

PROUNI - Programa Universidade para todos

SAMU - Serviço de Atendimento Médico de Urgência

SESI - Serviço Social da Indústria

TALE - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UD - Unidade Didática

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

UNAERP - Universidade de Ribeirão Preto

## Lista de Imagens

Imagem 1: Relatório global de tênis da ITF .....	32
Imagem 2: Quadra com as redes montadas.....	84
Imagem 3: Quadra com as redes .....	84
Imagem 4: Raquetes produzidas pelos alunos .....	87

## Lista de Figuras:

Figura 1: Materiais.....	113
Figura 2: Materiais disponíveis.....	114
Figura 3: Quadra com os materiais.....	114
Figura 4: Cartaz do grupo 1.....	119
Figura 5: Cartaz do grupo 2.....	119
Figura 6: Cartaz do grupo 3.....	119
Figura 7: Cartaz do grupo 4.....	119
Figura 8: Quadra com as redes montadas.....	123
Figura 9: Quadra com as redes.....	123
Figura 10: Bola de vôlei.....	124
Figura 11: Bola de borracha firme .....	124
Figura 12: Bola de borracha flácida.....	125
Figura 13: Bola de tênis de campo.....	125
Figura 14: Quadras feitas com fita crepe no pátio.....	128
Figura 15: Campos numerados.....	130
Figura 16: Forehand.....	137
Figura 17: Backhand.....	137
Figura 18: Smash.....	137
Figura 19: Love.....	137
Figura 20: Out.....	137
Figura 21: Winner.....	137
Figura 22: Raquetes produzidas pelos alunos.....	140
Figura 23: Bola de tênis de mesa.....	142
Figura 24: Bola de plástico.....	142
Figura 25: Quadra com as marcações do jogo para simples.....	145
Figura 26: Quadra com as marcações do jogo para duplas.....	146
Figura 27: Quatro raquetes de madeira.....	150
Figura 28: Duas raquetes de badminton.....	150

## Lista de Quadros

Quadro 1: Números sobre a modalidade no mundo e no Brasil segundo a Federação Internacional de Tênis, ITF (2019).....	33
Quadro 2: Síntese da Unidade Didática.....	48
Quadro 3: Etapas realizadas .....	48
Quadro 4: Lista de códigos identificados nos diários de aula .....	52
Quadro 5: Categoria Pré Jogo.....	52
Quadro 6: Categoria Nosso Jogo.....	53

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
1.1 <i>Objetivos.....</i>	20
1.2 <i>Produto Educacional.....</i>	21
<b>2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA .....</b>	<b>22</b>
2.1 <i>Esportes de rede e parede.....</i>	26
2.2 <i>Esporte no contexto escolar.....</i>	28
2.3 <i>Tênis de campo .....</i>	31
2.4 <i>Tênis de campo na escola .....</i>	36
2.5 <i>Práticas Pedagógicas Inovadoras e o ensino do tênis de campo na escola.....</i>	38
<b>3 PERCURSO INVESTIGATIVO .....</b>	<b>42</b>
3.1 <i>Universo da pesquisa.....</i>	43
3.2 <i>Participantes .....</i>	44
3.3 <i>Unidade didática .....</i>	45
3.4 <i>Aspectos éticos.....</i>	47
<b>4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>48</b>
4.1 <i>Pré-jogo .....</i>	53
4.2 <i>Nosso Jogo.....</i>	70
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>95</b>
<i>REFERÊNCIAS.....</i>	100
<b>6 APÊNDICES.....</b>	<b>105</b>
6.1 <i>APÊNDICE A: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.....</i>	105
6.2 <i>APÊNDICE B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Responsável .....</i>	107
6.3 <i>APÊNDICE C: Planejamento detalhado das aulas.....</i>	109
6.4 <i>APÊNDICE D: Diários de Aula .....</i>	113
<b>7 ANEXO.....</b>	<b>153</b>
7.1 <i>Anexo A: Parecer do CEP/UFSCar.....</i>	153

## 1. INTRODUÇÃO

A minha relação com a Educação Física (EF) foi sempre muito estreita. Fui uma criança agitada que gostava imensamente de praticar esportes, de me movimentar e topava qualquer prática proposta em aula. Porém, essa vontade de realizar práticas esportivas não ficou apenas dentro da escola, desde cedo ingressei em turmas de treinamentos de basquete, onde tive a oportunidade de participar de diversas competições municipais e estaduais até os meus 17 anos. Com o passar do tempo e meu amadurecimento, fui vendo que meu interesse nos esportes estava também ligado ao meu interesse profissional, foi quando decidi ingressar na universidade para fazer a graduação em Educação Física.

Particpei de um programa federal que destinava bolsas de estudos para pessoas que haviam concluído os seus estudos na rede pública, o Programa Universidade para todos (PROUNI). Ingressei na graduação em Educação Física em 2007, na Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP e me formei em 2010 em licenciatura e, a partir daí, comecei a minha trajetória profissional. Já trabalhei na rede estadual de São Paulo, na rede privada, no sistema SESI - Serviço Social da Indústria e hoje me encontro em duas redes públicas municipais: Serrana e Ribeirão Preto, ambas no estado de São Paulo.

Ao iniciar a minha prática profissional pude ver o quanto eu estava certo na escolha de cursar Educação Física, pois apesar das diversas dificuldades enfrentadas pela área, sou extremamente realizado com a minha escolha profissional. Os desafios da área são grandes e por conta desta demanda tive o interesse de me aperfeiçoar. Desta forma, fiquei muito entusiasmado em participar do programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF).

Tive a grande honra de conseguir ingressar na 4ª turma do programa no polo da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) no ano de 2023. Sou eternamente grato pelos aprendizados construídos com os professores e com os meus colegas participantes. Com toda certeza essa é uma experiência que ficará marcada por toda a minha vida, as oportunidades de trocas e enriquecimento profissional, pessoal e cultural que aconteceram, certamente me modificaram para me tornar uma pessoa melhor.

Durante essa jornada acadêmica foram surgindo algumas dúvidas e inquietações a respeito das práticas pedagógicas na Educação Física Escolar (EFE), mais especificamente sobre as práticas pedagógicas inovadoras (PPI). Como elas funcionam? Como podem e/ou devem ser aplicadas na escola? Quais são os resultados encontrados com base nessas práticas? A partir dessas indagações que surgiu o meu interesse em estudar esse tema, com a orientação do professor Dr. Glauco Nunes Souto Ramos.

Para desenvolver nossa pesquisa, utilizamos o tênis de campo como tema da nossa unidade didática. A temática do tênis de campo, foi escolhida como uma forma de estimular a trabalhar com um tema novo para mim, pois até este momento, eu não havia trabalhado, nem praticado esta modalidade esportiva, seja em momentos de lazer ou mesmo na vida profissional. É importante ressaltar que apesar do tema ser uma novidade para mim, isso não significa que trabalhá-lo seja uma prática pedagógica inovadora. Quando eu ainda era criança, observava no clube algumas pessoas praticando esta modalidade esportiva, ela me chamava bastante atenção, porém, nunca tive a oportunidade de vivenciá-la. Deste modo, surgiram o interesse e o desafio de trabalhar o tênis de campo junto às práticas pedagógicas inovadoras na nossa pesquisa.

Levando em consideração que a Educação Física escolar vem passando por importantes avanços ao longo da sua história em relação às abordagens, metodologias e práticas pedagógicas, este estudo tem por interesse identificar Práticas Pedagógicas Inovadoras (PPI) na Educação Física escolar, ou seja, como elas podem ser desenvolvidas e aplicadas nas aulas com a temática do tênis de campo afim de ampliar os conhecimentos e interesses dos professores e alunos.

Para isso se faz necessário compreender como acontecem o desenvolvimento das aulas de EFE e de que forma a atuação docente pode interagir com ela. As aulas podem ser determinadas pela conduta ou forma como o docente realiza a sua prática e, brevemente, podemos dizer que as atuações docentes podem ser classificadas em 3 categorias: tradicional (esportivista), abandono do trabalho docente (“rola bola”) e práticas inovadoras (González, 2018).

A utilização de práticas pedagógicas tradicionais ou ainda de abandono do trabalho docente podem trazer problemas tanto para os alunos como para toda a comunidade escolar, proporcionando, em alguns casos, o não

desenvolvimento dos conteúdos da área ou a repetição de alguns poucos conteúdos ao longo dos anos e, desta maneira, causando o desinteresse dos alunos pelas aulas de Educação Física, o aumento da indisciplina ou ainda a exclusão dos alunos com menor habilidade, além de produzir uma falta de credibilidade da área diante dos outros componentes curriculares e da comunidade escolar. (Chicati, 2008; Darido; González; Paes, 2002; Tenório; Silva, 2013)

Desta forma, é possível notar que um estudo que evidencia as abordagens inovadoras e exemplifique sua prática, podem impactar positivamente os docentes de Educação Física escolar, seus discentes e a comunidade escolar, proporcionando aulas que estimulem a participação dos alunos, que ampliem o seu conhecimento sobre a cultura corporal de movimento e aumente o reconhecimento da área no ambiente escolar.

A EFE no Brasil, desde o seu surgimento vem sofrendo influências de diversos fatores como: políticos, militares, da saúde, do esporte de alto rendimento, sociais e culturais presentes na sociedade. Em determinando momento da sua história, a prática da Educação Física e os eventos esportivos foram utilizados para retirar o foco das problemáticas sociais, das ações políticas e das possíveis manifestações de represália organizadas pela sociedade (Oliveira, 2008).

O viés esportivista da Educação Física tomou conta das aulas principalmente entre as décadas de 1970 a 1990, levando um entendimento popular que a Educação Física escolar é apenas a prática de esportes (Bracht, 1999; Darido, 2018).

O propósito das aulas era desenvolver e aprimorar o desempenho atlético dos alunos, afim dos mesmos estarem aptos para representar a escola em competições esportivas – situação essa que ainda é presente em muitos sistemas de ensino e escolas. Durante esse processo, ocorre a valorização nas aulas dos alunos mais habilidosos e uma exclusão e falta de oportunidades para os alunos com menor habilidade, assim como um favorecimento na participação dos meninos sobre as meninas, uma tematização excessiva dos esportes coletivos deixando de lado outras unidades didáticas, além de uma valorização da vitória sem se importar com os meios para atingi-la (González, 2018).

Este tipo de atuação corresponde ao perfil do docente tradicional ou esportivista, geralmente as atividades são organizadas por bimestre e seguem uma linha de dificuldade crescente, partindo das atividades básicas trabalhadas de

forma isoladas até chegarem em atividades mais complexas e por fim a realização do jogo especificamente (Barroso, 2018). Porém essa não é a única forma de atuação docente. Podemos ilustrar outra categoria da prática profissional como a do desinvestimento pedagógico (abandono docente) ou comumente conhecida como “rola bola”.

Segundo González (2018), o abandono docente é marcado por aulas onde o professor tem pouco ou quase nenhuma intervenção na dinâmica da aula, os alunos que decidem o que praticar e de que forma praticar. Este tipo de aula comumente leva os meninos a praticarem futebol e as meninas, o vôlei ou a queimada, ou ainda os alunos podem ficar sentados conversando ou mexendo no celular, apenas aguardando a aula terminar. O professor nesta dinâmica fica sendo apenas um espectador dos seus alunos e administrador de materiais.

Darido e Rangel (2005); Silvia e Bracht (2012) e Gonzáles (2013) condenaram a prática do “rola bola”, pois a mesma ignora os conceitos e os procedimentos pedagógicos. Esta prática ainda é muito encontrada nas escolas e vai contra os princípios do componente curricular da Educação Física. É preciso lembrar que a Educação Física e seus docentes, assim como os de outros componentes curriculares, devem cumprir de forma crítica os seus deveres de acordo com as expectativas criadas nos documentos oficiais, já que estes, de certo modo, indicam a perspectiva da própria área em um determinado momento histórico.

As atuações docentes podem ser moldadas por um ou mais aspectos que cercam a prática pedagógica. González (2018) alerta que não devemos atribuir esse tipo de atuação como apenas um problema individual, ou apenas uma vontade específica do docente e, da mesma forma, também não devemos colocá-lo como “vítima” de um sistema que o levou até este lugar. É preciso esclarecer que esse não é um fenômeno simples de se explicar ou que tenha apenas uma única causa.

Um dos possíveis motivos para os docentes terem se envolvido com o desinvestimento pedagógico, segundo González (2018), pode ter sido o grande número de metodologias disponíveis e a falta de compreensão das mesmas. Esse grande volume acabou por provocar nos profissionais da área uma certa dificuldade de compreender cada uma delas, assim como identificar a melhor forma de implementá-las nas suas aulas (Dessbesell, 2011). Junto a isso podemos elencar a falta de materiais e espaço físico como possíveis fatores. A própria cultura escolar

também pode acabar ajudando na manutenção deste tipo de prática, assim como as propensões individuais do professor.

Já os professores considerados inovadores possuem uma postura diferente dos docentes em desinvestimento pedagógico, vendo a transformação pedagógica da área como um espaço para novas descobertas, novos aprendizados, novos conhecimentos e possibilidades de exercer a sua profissão. Esses professores, durante suas práticas pedagógicas, valorizam às questões de oportunidades iguais entre os gêneros, buscam trabalhar e variar as temáticas nas unidades didáticas, buscam romper com os padrões da Educação Física esportivista, valorizam a cultura corporal de movimento e buscam uma integração dos conhecimentos procedimentais, conceituais e atitudinais (Fensterseifer; Silva, 2011; Silva; Bracht, 2012; Farias; Nogueira; Maldonado, 2017).

O conhecimento é construído de forma que a teoria está atrelada à prática e vice e versa, os alunos são levados a praticar as atividades e refletirem sobre elas (Silva; Bracht, 2012). Outro aspecto educacional que o profissional inovador se debruça é sobre a avaliação, o docente inovador buscar utilizar diferentes formas de avaliar os alunos, procura colocar os alunos dentro de todo esse processo avaliativo e busca integrar a Educação Física junto ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola (Silva; Bracht, 2012).

Deste modo um professor inovador em EF precisa estruturar as suas ações pedagógicas, explorando os conhecimentos biológicos, sociológicos, filosóficos, econômicos e políticos ligados à cultura corporal de movimento, superando o modelo focado no desempenho físico (Fensterseifer; Silva, 2011).

É preciso considerar que uma prática pedagógica inovadora não se limita apenas aos gestos técnicos, mas sim deve estar atenta a tudo que cerca as atividades relacionadas à cultura corporal de movimento, como, por exemplo, os princípios da equidade, direitos, justiça social e cidadania que devem ser trabalhados junto aos conteúdos práticos. Além de buscar entender de que forma tais práticas se relacionam com as classes sociais, etnia, gênero, níveis de habilidades, religião, os locais de moradias e as histórias dos discentes (Neira, 2010).

Como será apresentado no decorrer deste trabalho, identificamos que a área acadêmica não tem um apontamento ou uma definição fechada do que seria uma prática pedagógica inovadora, visto que esse conceito tem uma gama muito

grande de fatores que interferem no entendimento e definição do seu termo. Todavia, vamos considerar neste trabalho alguns aspectos para inferirmos a prática pedagógica inovadora, como: diversificação das unidades didáticas, aluno no centro do processo de ensino e de aprendizagem, ampliar os conhecimentos indo além do ensino ou repetição de gestos motores, buscar a participação de todos nas aulas, considerar as questões sociais, culturais, econômicas que envolvem a temática desenvolvida e ampliar as possibilidades dos recursos avaliativos.

Junto a essas considerações, ainda é preciso compreender o tema da nossa unidade didática, o tênis de campo. O tênis de campo é uma modalidade esportiva praticada com uso de raquetes e uma bola pequena, podendo ser jogado por duas duplas ou de forma individual, um contra um. A quadra é dividida por uma rede e o objetivo principal do jogo é fazer com que a bola passe por cima da rede e caia na quadra adversária, na tentativa que o oponente não consiga devolver a bola (Moreira *et al*, 2020).

O esporte já passou por diversas transformações e atualizações desde a sua origem, como, por exemplo, no início a modalidade era praticada com as mãos sem implemento, com o passar do tempo os jogadores utilizaram uma luva e só posteriormente as raquetes foram inseridas (CBT, 2024).

O tênis se expandiu pela Europa e chegou ao Brasil em meados de 1900 trazido principalmente por engenheiros britânicos, que vieram para o país para trabalhar na construção das ferrovias (Balbinotti, 2009). Daí em diante o tênis de campo foi ganhando novos praticantes no território nacional.

Vale ressaltar que a escolha do tênis de campo como tema da nossa unidade didática, não está relacionada com uma possível consideração de que o tênis de campo ou qualquer outra temática por si só, sejam capazes de ser consideradas uma prática pedagógica inovadora. A PPI vai além de meramente explorar o novo, esta prática está ligada à forma como o docente irá desenvolver o seu trabalho (Silva; Bracht, 2012).

A partir de tais considerações, o presente trabalho encontra-se estruturado da seguinte maneira: no capítulo 2, intitulado *Revisão bibliográfica*, a pesquisa inicia-se na busca por explorar o que são as práticas pedagógicas inovadoras. Nesta tentativa, foram utilizados conceitos trazidos por diferentes autores, afim de definir as práticas pedagógicas inovadoras. Na sequência no subcapítulo *Esportes de rede e parede* o trabalho se debruça sobre a modalidade

tênis de campo. Para isso partimos do conceito dos esportes de rede e parede apresentado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Na sequência, no subcapítulo *Esporte no contexto escolar*, tratamos do esporte no contexto escolar, a proposta deste subcapítulo é de apresentar a importância do esporte para a sociedade e como acontece essa relação, onde um influencia o outro e vice e versa. González e Bracht (2012) indicam que a lógica externa das modalidades esportivas deve ser explorada dentro do ambiente escolar, deste modo é preciso levar em consideração os significados sociais, culturais, políticos e econômicos que cada modalidade atinge.

Seguimos a pesquisa, no subcapítulo *Tênis de Campo*, apresentando a tema da nossa unidade didática, o tênis de campo. Exploramos a origem da modalidade, sua chegada no Brasil, os principais representantes da modalidade no país e ainda utilizamos um relatório divulgado pela Federação Internacional de Tênis (ITF) em 2019, onde foi possível comparar alguns aspectos da modalidade no mundo com o nosso país.

Já no subcapítulo, intitulado *Características do tênis de campo*, autores como Garganta (1998) e Bracht e González (2012) foram utilizados para ajudar na compreensão da modalidade. Os autores destacaram as questões das imprevisibilidades da modalidade esportiva, visto que ao praticar a mesma, os jogadores têm interação com o adversário e precisam se adequar a cada situação proposta pelo oponente. Deste modo ao ensinar a modalidade é preciso considerar esta imprevisibilidade, o ensino deve explorar a solução de situações problemas e não focar na transmissão e reprodução maçante de gestos técnicos.

Na sequência, é apresentado o subcapítulo *Tênis de campo na escola*, nele são levantadas algumas questões como: o baixo número de pesquisas acadêmicas relacionadas ao tênis de campo na escola, assim como as dificuldades apresentadas por docentes para desenvolver a modalidade dentro do ambiente escolar. Dentro das dificuldades apontadas aparecerem a falta de material específico e quadras inadequadas para modalidade. A falta de formação específica e o pouco contato dos docentes junto à modalidade podem ter levado os docentes a terem uma percepção equivocada da forma como podem ou devem trabalhar o tênis de campo dentro do ambiente escolar.

Na sequência, no subcapítulo *Práticas pedagógicas inovadoras e o ensino do tênis de campo na escola*, utilizamos os autores Ginciene e Impolcetto

(2019) para explanarem algumas sugestões de como os docentes podem trabalhar o tênis de campo no ambiente escolar. Esse ensino passa pela valorização lógica tática do jogo, variações de materiais, número de jogadores e espaços. Além disso, neste capítulo, Paes (2002) sugere a utilização de um modelo onde jogo tem papel de destaque, corroborando com a metodologia *Play and Stay* (PAS) “jogue e fique”, apresentado pelo ITF, que também é centrado no ensino através do jogo.

No capítulo 3, referente ao *Percurso Investigativo*, indicamos que esta pesquisa foi desenvolvida de maneira qualitativa e para o seu desenvolvimento foi elaborada uma Unidade Didática com 19 aulas objetivando trabalhar com o tênis de campo junto a uma prática pedagógica inovadora, desenvolvida para uma turma do 6º ano de uma escola pública pertencente à rede municipal de ensino do interior de São Paulo. Como instrumento de coleta de informações, utilizamos os diários de aula com o objetivo de registrar os principais acontecimentos ocorridos durante as nossas aulas, sistematizando os acontecimentos e facilitando na compreensão dos fatos.

Posteriormente, apresentamos o capítulo 4, no qual apresentamos, analisamos e discutimos os dados.

Finalmente, apresentamos as Considerações Finais, no capítulo 5, deste trabalho, no qual apontamos os principais aspectos encontrados após a sua realização.

### 1.1 Objetivos

Objetivo geral: Explorar as práticas pedagógicas inovadoras nas aulas de educação física a partir do tênis de campo.

Objetivos específicos:

- a) elaborar uma unidade didática sobre o tênis de campo, seguindo as práticas pedagógicas inovadoras;
- b) aplicar uma unidade didática sobre o tênis de campo, seguindo as práticas pedagógicas inovadoras.

### *1.2 Produto Educacional*

A partir desta dissertação de mestrado foi produzido um vídeo sobre as práticas pedagógicas inovadoras e alguns aspectos que a cercam e que podem influenciar na atuação do docente. O mesmo encontra-se no link: <https://youtu.be/bqRsSg5vGIY>.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

As práticas inovadoras serão adotadas neste trabalho como alicerce teórico para contribuir na compreensão das práticas docentes, especialmente as consideradas inovadoras, portanto, se faz necessária à sua compreensão.

Para Farias, Rodrigues e Correia (2018):

As práticas inovadoras não são objetos e realizações exclusivas de um ou outro componente curricular, mas, sim, uma busca incessante de legitimação dos interlocutores e protagonistas da educação de modo geral. Essa alusão se dá, também, pelo reconhecimento de que o currículo é um campo de entrecruzamento de concepções de mundo, sociedade e ser humano e, por essa razão, um terreno de disputas políticas e sociais (p. 144).

O termo prática pedagógica inovadora pode parecer no primeiro momento novo, ou uma estratégia utilizada recentemente pelos profissionais da área para desenvolver seu trabalho. Porém, é possível evidenciar que a busca por essa prática já vem sendo desenvolvida há alguns anos (Farias, Rodrigues e Correia, 2018).

Especificamente na Educação Física escolar, é possível perceber que desde a década de 1980, buscou-se romper a forma como ela era vista e aplicada dentro das escolas, tentando promover a renovação da área. O objetivo era de superar as tradições da Educação Física voltada para o desenvolvimento físico e o aperfeiçoamento dos gestos técnicos esportivos, trazendo à tona um ensino que estimulasse nos alunos uma visão crítica de todo o conteúdo que compõe a cultura corporal de movimento (Soares e cols.,1992).

De acordo com Farias, Rodrigues e Correia (2018):

Alavancadas pelo movimento renovador dos anos oitenta do século passado, tais práticas vêm tentando superar o tecnicismo reducionista do modelo esportivizante de outrora, e segue em direção a uma vertente crítica e plural da cultura corporal do movimento. No entanto, em que se admita essa tendência, é imperativo reconhecer que novidades pedagógicas não geram necessariamente inovações educacionais. Não é incomum o anúncio de “modernidades” ou “modismos” no campo educacional, sobretudo, quando temos um pujante apelo mercadológico que, segundo Silva, contém valores fortemente alicerçados nas ideias de competitividade e preparo para o mercado de trabalho (p. 141).

Apesar desta luta já estar sendo desenvolvida há algum tempo, ainda encontramos dificuldades quando buscamos na literatura evidenciar como essas

práticas funcionam efetivamente, como são desenvolvidas pelos docentes, como são recebidas pelos discentes, mas isso não significa que não estejam acontecendo. As práticas acontecem nos mais distintos estados, municípios e escolas, porém, falta ainda uma organização e disseminação dos seus registros (Silva; Bracht, 2012). Essas práticas ocorrem nas tentativas de interpretar os diferentes modelos, propostas e abordagens que surgiram na Educação Física escolar nas últimas décadas, afim de avançar com os conhecimentos advindos da cultura corporal de movimento.

É preciso reconhecer essas experiências, colocá-las em prática nas aulas, analisarmos sua eficiência, pontuarmos seus pontos positivos e negativos, antes de definirmos o seu local na prática educativa (Linhares, 2002).

Silva e Bracht (2012) mostraram dificuldades em “definir tecnicamente” este conceito, pois existem diversos fatores que estão interligados ao termo. Os autores evidenciaram como esse conceito vem sendo tratado dentro da Educação Física escolar, carregando um viés histórico e político. Demonstraram que antes dos anos 2000, os termos relacionados à inovação pedagógica traziam consigo um caráter de transformação e/ou revolução para a ordem social. Este não é o único sentido atribuído para esse termo, a utilização de novos métodos e técnicas capazes de gerar um ensino eficiente em relação à compreensão dos conteúdos também foram denominados dessa forma, mesmo quando o trabalho desenvolvido não mensurou o impacto e relevância desse conteúdo para o discente fora dos muros da escola.

Segundo Correia (2014) citado por Farias, Rodrigues e Correia Farias (2018):

Educação Física escolar está inserida num contexto de mudanças e evoluções historicamente situadas, de forma a identificarmos uma pluralidade de concepções educacionais, perspectivas de análise multidisciplinares, protagonismos diversos e esforços de inovação curricular. Em suma, uma teia de complexidades. No entanto, é preciso questionar qual é o direcionamento desses esforços, especialmente, do ponto de vista da sistematização do conhecimento e da eficácia social dos conteúdos (p. 141).

Silva e Bracht (2012) mostraram preocupações com a rigidez tecida pela área acadêmica, quando a mesma pretende determinar as práticas inovadoras. Para eles, muitas vezes os conhecimentos que não são produzidos no meio acadêmico são deixados de lado. Tentando evitar este tipo de situação, os

autores optaram por utilizar em seu trabalho apenas uma categorização de forma ampla, dando espaço e considerando todos tipos de conhecimentos. Ainda mencionam a necessidade de estreitar a relação dos conhecimentos oriundos do chão da escola com o mundo acadêmico, afim de construir uma relação que seja capaz de juntos buscar uma definição do que podemos identificar e determinar como uma prática pedagógica inovadora.

A busca por inovação está ligada na capacidade que esta prática tem de alterar, mudar e dar sentido à prática proposta e não apenas uma prática que explore novos temas, tendo compreendido que:

O entendimento é o de que nosso (pré)-conceito (de inovação) deve se abrir ao diálogo com o mundo empírico para que se construa, nesse diálogo, uma compreensão do que pode significar práticas inovadoras. Com isso não estamos advogando estabelecer a tirania do fático ou a primazia do empírico, não estamos, portanto, abrindo mão de confrontar o fático com o contra fático, em suma, com uma determinada concepção de Educação e Educação Física. Estamos procurando apenas evitar operar com uma concepção rígida e idealizada que se sobreponha, que submeta o mundo da vida (o empírico) à uma só forma. Em princípio, poderíamos dizer que estamos interessados em inovações que alteram o sentido da prática e não apenas, acrescentem, por exemplo, conteúdos novos (por exemplo, além dos esportes convencionais como vôlei, basquete, etc. ensinar também os esportes radicais) (Silva; Bracht, 2012, p. 84).

Para uma inovação pedagógica na Educação Física escolar acontecer, não necessariamente temos que trabalhar com um conteúdo apresentado como “moderno” ou atual, nem inventar um esporte ou jogo novo. A inovação pode ser encontrada na atuação docente que busca expandir a cultura corporal de movimento, que se preocupa em superar os paradigmas da Educação Física tradicional vinculada basicamente nos esportes coletivos como (futsal, vôlei, basquete e handebol). A PPI proporciona aos discentes participações em todas as etapas do processo de ensino e de aprendizagem, participando desde a escolha, desenvolvimento das atividades até o processo de avaliação a serem desenvolvidos pelo grupo e proporciona a construção de novas práticas corporais (Fensterseifer; Silva, 2011; Silva; Bracht, 2012; Farias; Nogueira; Maldonado, 2017).

De acordo com Maldonado e cols. (2018):

A inovação pedagógica nas aulas de Educação Física escolar acontece quando os/as docentes do componente curricular organizam o seu trabalho pedagógico superando o paradigma da aptidão física e do

rendimento esportivo, que se tornaram hegemônicos no chão das escolas nas últimas décadas (p. 1).

Dentro desta perspectiva, atitudes como o compartilhamento da ação do processo de ensino e de aprendizagem entre os docentes e discentes, a preocupação com práticas que promovem inclusão, a sistematização do aprendizado, a resolução de conflito por meio de diálogo são algumas características identificadas como inovações da Educação Física apontadas por Silva e Bracht (2012). Além disso para os autores, os professores inovadores têm como características não ficar apenas aguardando o que o estado (escola) tem para oferecer, eles correm atrás de desenvolver o seu trabalho, são preocupados com a qualidade das práticas que estão oferecendo aos estudantes, buscam promover a relação dessa prática com o cotidiano dos alunos, além de procurarem a valorização do seu trabalho. Na relação professor-aluno prevalece aspectos de afeto, aprendizagem, respeito, confiança e não da obrigatoriedade de atividades sem relevância e significado para a vida do estudante (Silva; Bracht, 2012).

Maldonado e cols. (2018) destacam que as práticas inovadoras na EF não são obras de apenas alguns distintos professores, mas atribuições inerentes ao fazer docente e que práticas com essas características são encontradas por todo país.

Para Fensterseifer e Silva (2011), “[...] inovar não significa focar sempre no novo, no inédito, mas a inovação pedagógica em EF acontece quando alguém decide ser e agir como professor” (citado por Nogueira; Maldonado; Silva, 2021, p. 234).

Maldonado e cols. (2018), ao analisarem estudos e relatos de experiências com temas que relataram ou investigaram práticas inovadoras, elencaram as principais características de inovações pedagógica encontradas, como: diversificação das práticas corporais tematizadas (esportes, jogos e brincadeiras, ginásticas, danças e lutas), ampliação das estratégias de ensino, variação dos recursos didáticos, sistematização dos currículos de Educação Física nas redes de ensino ou nas escolas, inclusão de todos/todas estudantes nas aulas e utilização de variados instrumentos de avaliação.

Podemos observar que as práticas inovadoras não são determinadas de forma simples ou que as mesmas tenham uma única forma de acontecer, essa análise nos ajuda a construir uma visão sobre as práticas inovadoras, possibilitando

aos docentes compreender os mecanismos ligados à sua atuação, ampliando a reflexão sobre a atuação nas aulas.

No entendimento das práticas inovadoras que adotaremos neste trabalho, o docente de EF escolar pode desenvolver seu trabalho de forma conjunta com os seus alunos, possibilitando a eles também o poder de participar das decisões, estabelecendo uma relação de respeito entre atores do processo de ensino e aprendizagem, primando por práticas que promovam a inclusão de todos, ampliando os instrumentos avaliativos e utilizando todo rol que cerca a cultura corporal do movimento como tema das aulas.

Para elaborarmos e aplicarmos uma unidade didática inovadora, se faz necessário um entendimento de como as práticas inovadoras são definidas pela área acadêmica. Para que isso ocorra, elaboramos algumas questões que possam auxiliar neste processo de busca por práticas inovadoras, a saber: O que são práticas pedagógicas inovadoras na escola? Por que devemos utilizar práticas inovadoras na escola? Como ensinar utilizando uma prática pedagógica inovadora? Qual a sua relação com os saberes procedimental, conceitual e atitudinal? Como um professor de Educação Física com a intenção de tornar seu trabalho inovador pode elaborar e executar as suas aulas em tal perspectiva? Não é algo simples.

As respostas a essas perguntas não são consensuais, porém, vamos tentar uma aproximação de forma a encontrar pistas que nos auxiliem no processo de construção de tais práticas. Deste modo faremos um desenho de uma unidade didática com a temática do tênis de campo levando em consideração os achados no percurso investigativo desta pesquisa e a colocaremos em prática e análise.

Para tanto, abordaremos a seguir a temática relacionada aos esportes de rede e parede, mais especificamente do tênis de campo e sua relação e o seu desenvolvimento dentro da educação física escolar.

### *2.1 Esportes de rede e parede*

Os esportes podem ser classificados de diferentes formas, uma das formas de classificação é a partir da sua lógica interna, ou seja, de acordo com objetivo e características semelhantes, estabelecendo uma forma de agir comum aos seus praticantes (González, 2006).

Para González (2006), a lógica interna é definida pelas características de desempenho impostas nas situações motoras presentes nas diferentes modalidades esportivas, das características táticas e técnicas, regras e fundamentos básicos.

Na BNCC encontramos a seguinte definição para os esportes de rede e parede:

Rede/quadra dividida ou parede de rebote: reúne modalidades que se caracterizam por arremessar, lançar ou rebater a bola em direção a setores da quadra adversária nos quais o rival seja incapaz de devolvê-la da mesma forma ou que leve o adversário a cometer um erro dentro do período de tempo em que o objeto do jogo está em movimento. Alguns exemplos de esportes de rede são voleibol, vôlei de praia, tênis de campo, tênis de mesa, badminton e peteca. Já os esportes de parede incluem pelota basca, raquetebol, squash etc (Brasil, 2017, p. 216).

A classificação através da lógica interna é utilizada atualmente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Deste modo utilizando-se da lógica interna, a BNCC classificou os esportes da seguinte maneira: marca, precisão, técnico combinatório, rede/quadra dividida ou parede de rebote, campo e taco, invasão ou territorial e combate (Brasil, 2017).

Na BNCC:

[...] é utilizado um modelo de classificação baseado na lógica interna, tendo como referência os critérios de cooperação, interação com o adversário, desempenho motor e objetivos táticos da ação. Esse modelo possibilita a distribuição das modalidades esportivas em categorias, privilegiando as ações motoras intrínsecas, reunindo esportes que apresentam exigências motrizes semelhantes no desenvolvimento de suas práticas (Brasil, 2017).

Dentro das diferentes classificações esportivas indicadas pela BNCC, daremos um enfoque neste momento para o grupo rede e parede.

O tênis de campo assim como vôlei, futevôlei, badminton e as demais modalidades com as mesmas características estão dentro da mesma categoria de classificação dos esportes: rede e parede, por apresentarem a mesma lógica interna:

[...] são modalidades nas quais se arremessa, lança ou se bate na bola ou peteca em direção à quadra adversária (sobre a rede ou contra uma parede) de tal forma que o rival não consiga devolvê-la, ou a devolva fora do campo adversário ou pelo menos tenha dificuldades para devolvê-la (González; Darido, 2017, p. 61).

Dentro deste grupo de esportes, ainda é possível identificar uma diferença entre eles, o uso de implemento ou não, para golpear a bola ou peteca. Desta forma podemos identificar dois grupos de esportes dentro da classificação de rede e parede, os que fazem o uso de implemento raquetes como no caso do: tênis de campo, tênis de mesa, badminton, squash e no outro grupo os que não utilizam de nenhum implemento poderíamos citar o vôlei, vôlei de areia, futevôlei, entre outros.

Os esportes de rede e parede aparecem na BNCC como proposta de objeto de conhecimento para os anos iniciais do ensino fundamental 3º e 5º ano e nos anos finais do ensino fundamental 8º e 9º ano. Sendo uma sugestão o ano da implementação do objeto de conhecimento, esse pode ser flexibilizado de acordo com as necessidades e realidade de cada comunidade escolar e com o plano ensino estabelecido pelo docente. Deste modo buscamos desenvolver uma unidade didática que fosse capaz de suprir as necessidades pertencentes ao nosso grupo de alunos.

Procuramos explorar as tendências relacionadas às práticas pedagógicas inovadoras, no desenvolvimento de um trabalho relacionado ao ensino do tênis de campo dentro das aulas regulares da Educação Física escolar para o 6º ano. Nosso município segue o Currículo Paulista e essa modalidade esportiva é uma das propostas previstas para serem desenvolvidas no ensino fundamental no 5º ano, porém, ao confrontar os alunos sobre quem havia vivenciado a modalidade no ano anterior, apenas dois alunos relataram já ter tido essa experiência. Diante da baixa experiência do grupo, o tema foi escolhido com o objetivo de possibilitar que os alunos que ainda não desfrutaram desta modalidade tenham contato com o tênis de campo e possam ampliar os seus conhecimentos e vivências sobre a modalidade.

## *2.2 Esporte no contexto escolar*

O esporte está inserido dentro do contexto escolar como uma das unidades temáticas propostas pela BNCC, especificamente na disciplina de Educação Física. De acordo com González e Bracht (2012), o esporte é uma das

manifestações culturais mais propagadas do planeta, fazendo parte não somente da vida escolar dos alunos, mas também presente como práticas sociais e econômicas, que pode ir do lazer até a profissão. O esporte está presente nas diversas mídias, faz parte da indústria do espetáculo, movimenta a economia. Sua prática está relacionada com saúde e com a qualidade de vida, além de influenciar de diferentes formas a sociedade.

O esporte pode influenciar no desenvolvimento da cultura e na diversidade pertencente à população na qual está inserido, assim como, também, pode ser influenciado por esses fatores, tornando-se um fenômeno plural, com um poder de alterar e ser alterado pela sociedade. Diante de tal magnitude é preciso superar os achismos e mitos presentes na sociedade que acabam por reduzir e limitar esse fenômeno cultural, como “o esporte educa” ou “esporte é saúde”. Entendemos que o esporte pode sim educar e também pode ser saúde, porém, dependerá da forma como o professor/profissional irá trabalhar.

Deste modo, é importante que esta prática cultural esteja presente nas escolas, proporcionando aos alunos um conhecimento que extrapole o saber praticar, levando-os a compreender e ampliar a totalidade dessa manifestação cultural e, desta forma, entendendo como ela se faz presente na sua realidade e como pode vir a influenciar nas questões pessoais e sociais da sua comunidade.

Assim, o “esporte” pode ser modificado, recriado de acordo com os interesses e necessidades de quem pratica, de acordo com o local e momento que está sendo praticado, principalmente, se considerarmos as aulas de Educação Física na escola.

Os esportes (coletivos) são uma parte de nossa cultura corporal de movimento (assim como a ginástica, as danças, os jogos, as lutas etc.). Essa dimensão da cultura é que configura que a responsabilidade de legar às novas gerações esse conhecimento é da Educação Física; é isso que justifica a presença da Educação Física no currículo escolar. O conhecimento de que trata a Educação Física é, portanto, parte da cultura humana. Entende-se que, para que as pessoas possam exercer a cidadania plenamente, elas devem ter acesso também a essa parcela da cultura. Mas não é um acesso apenas no sentido de aprender a praticar, no caso, os esportes, mas também de compreendê-los profundamente (González; Bracht, 2012, p.12).

Desta forma, fica evidente a importância de trabalhar os esportes dentro das aulas regulares de Educação Física escolar. Dentro da vasta demanda de modalidades esportivas existentes e que são passíveis de serem trabalhadas

dentro da escola, optamos por limitar a nossa pesquisa na modalidade de tênis de campo como o conteúdo a ser desenvolvido.

Como já mencionado neste trabalho, o tênis de campo, se enquadra na classificação através da lógica interna ao grupo de rede e parede. Segundo Cabello (2000), esse grupo de modalidades é constituído pelos esportes que tem o ato de golpear um objeto móvel, com a intenção de ultrapassar a rede ou demarcação com o intuito de ganhar o lance, podendo ainda ser praticado de forma individual ou em duplas.

Os esportes de rede e parede tem como uma das suas características a necessidade de estar sempre interceptando e defendendo o lançamento da bola ou peteca realizado pelo seu adversário, ao mesmo tempo que se preocupa em realizar o ataque contra o mesmo. Portanto, o ato de defender já é uma tentativa de preencher melhor os espaços para receber e devolver (bola ou peteca), tentando desta forma já realizar um ataque, que seja capaz de marcar o ponto ou dificulte a próxima ação do seu adversário.

Numa partida de tênis, cada jogador só pode atuar no seu lado da quadra, não pode invadir o lado do adversário nem tocar nele, mas a sequência de ações de um interfere diretamente nas ações do outro. Por exemplo, para responder bem a qualquer ataque adversário, um tenista precisa adaptar sua movimentação corporal de acordo com a direção e a velocidade da bola; precisa se deslocar a tempo de alcançá-la e rebatê-la para o outro lado da quadra de um modo que dificulte a devolução do seu oponente, e assim por diante, até que alguém faça um ponto. Não há contato físico entre tenistas adversários, mas há interação entre eles porque as jogadas de um afetam as jogadas do outro (González; Bracht, 2012, p. 21).

Além da lógica interna já contextualizada nesta pesquisa, vamos explorar também a lógica externa do esporte tênis de campo, pois este conteúdo é passível de ser explorado na Educação Física escolar. González e Bracht (2012), apontam que a lógica externa trata das características e significados sociais, culturais, políticos e econômicos que cada modalidade alcança, podemos citar como exemplo a história de uma determinada modalidade esportiva, como o esporte amador funciona nesta modalidade em determinada comunidade, quais os tipos de preconceitos e estereótipos contidos nesta prática, as questões econômicas que cercam a modalidade, a influência da mídia, entre outros fatores.

Sabendo que o esporte é uma atividade de grande notabilidade que influencia e também é influenciado pela sociedade, interpretar como esta relação

acontece na sua vida, na sua comunidade e no mundo, é um tipo de aprendizagem que deve ser desenvolvida na Educação Física escolar (González; Bracht, 2012).

Desta forma devemos compreender os diferentes sentidos e significados que o esporte carrega, gera e altera com o passar do tempo e da sua história. Explorar suas diferentes possibilidades como profissão, saúde, lazer, diversão entre outros. Também podemos mostrar o esporte e sua instituição, desde sua prática formal, caracterizada pelas confederações ou informal através das práticas amadoras.

Portanto, pretende-se desenvolver a partir da elaboração da Unidade Didática, um trabalho capaz de contextualizar a lógica externa de forma sincronizada com a lógica interna, contemplando e articulando os saberes.

No tópico a seguir, será abordado e contextualizado o tênis de campo, esporte que protagoniza esta dissertação e por isso faz-se necessário compreendê-lo desde sua origem até a atualidade.

### 2.3 Tênis de campo

A origem do tênis assim como de outras modalidades esportivas possui algumas versões, o fato de não ter registros oficiais dificulta a formalização de uma versão única. O ITF (Federação Internacional de Tênis) acredita que o tênis no seu formato inicial possa ter surgido no século XI, com um jogo praticado por monges. O jogo evolui para o *Real Tennis*, o que teria sido o precursor moderno do jogo e ganhou popularidade entre os nobres Franceses e Britânicos. Em 1873 o Major inglês Walter Clopton Wingfield patenteou sua versão do jogo, com as quadras em um formato muito próximo do que temos hoje em termos de marcações, porém com um formato de ampulheta. Em 1875, a quadra ganha o formato que é utilizado até hoje (ITF, 2019).

De acordo com a Federação Paranaense de Tênis (FPT), a modalidade chega ao Brasil entre o final do século XIX e início do século XX trazida pelos ingleses. As primeiras quadras foram construídas em 1988 na cidade de Niterói, situada no Estado do Rio de Janeiro. Nesta época o jogo era praticado no Brasil pelos trabalhadores ingleses que estavam por aqui e aos poucos foi

ganhando novos adeptos. A primeira competição oficial no nosso país aconteceu em São Paulo em 1904 (FPT, 2020).

Com o aumento da popularidade do esporte no país, começaram a surgir atletas que representaram o país em competições oficiais, em 1932 o Brasil fez a sua estreia na Copa Davis, com Nelson Cruz e Ricardo Pernambuco, dois pioneiros da modalidade no país (FPT, 2020).

Entre as décadas de 40 e 50 surgiram vários outros tenistas que representaram o Brasil, dentre eles Maria de Esther Bueno (FPT, 2020). Maria atuou entre as décadas de 50 e 70, sendo uma das tenistas a conquistar títulos nas 3 décadas. Conhecida como a Rainha do Tênis, foi eleita a melhor tenista do século XX da América Latina e em 2012 teve seu nome incluído na 38ª colocação entre os 100 melhores tenistas da história (Revista Tênis, 2024).

Mesmo com tamanha façanha da brasileira, o Brasil não conseguiu aproveitar o momento para disseminar o esporte no país, porém, Maria Esther não foi a única representante brasileira a brilhar no cenário internacional do tênis. Um jogador com um perfil fora dos padrões da modalidade e com roupas chamativas para época, ganhou um dos torneios mais importantes do mundo Roland Garros em 1997, Gustavo Kuerten, ou somente Guga, surgiu para o mundo do tênis arrebatando títulos e conquistando fãs pelo mundo todo e ajudou a modalidade a se tornar conhecida no país do futebol (Grizzo, 2007).

Imagem 1: Relatório global de tênis da ITF.



Fonte: ITF (2019).

Em 2019, o ITF fez um relatório sobre a participação e desempenho no tênis em todo o mundo. O relatório contém informações como número de praticantes, desmembrados por categorias e gêneros, números de locais públicos e privados para a realização da modalidade, dentre outras informações que nos ajudam a compreender o desenvolvimento da modalidade em diferentes locais do mundo.

Quadro 1: Números sobre a modalidade no mundo e no Brasil segundo a Federação Internacional de Tênis (IFT, 2019).

No mundo	No Brasil
87 milhões de tenistas (1,17% da população mundial)	2,2 milhões de praticantes (10º no geral)
71.263 clubes de tênis	4.490 clubes de tênis (5º no geral)
489.135 quadras de tênis	4900 quadras de tênis (20º no geral)
165.548 treinadores	7.200 treinadores (8º no geral)
47 % dos praticantes são mulheres	2,1 % dos jogadores e jogadoras profissionais no Mundo (15º no geral)
	2,1 % dos jogadores e jogadoras juvenis no mundo (11º no geral)

Fonte: ITF (2019).

A partir dos dados presentes no quadro é possível identificar que o Brasil possui um número significativo de praticantes da modalidade, clubes, treinadores, jogadores profissionais e juvenis. Apesar dos números altos expressos na tabela serem relevantes, um dado muito importante não está descrito na tabela, esse dado é o número de quadras públicas no país, segundo Confederação Brasileira de Tênis (CBT) ao todo, no país há 226 quadras públicas. A falta de oportunidade de locais públicos para a prática do tênis pode ser um dos indicativos do baixo número de crianças que já viram ou praticaram a modalidade na sua comunidade, desta forma para ter contato com o tênis é preciso ser sócio de um clube ou ter acesso a espaços privados para praticar a modalidade.

Para termos uma ideia de comparação, apenas o Distrito Federal possui mais de 90 campinhos públicos destinado ao futebol. Sendo este número quase 30% do total de quadras públicas destinadas ao Tênis (Caraballo, 2022).

Além disso, outros fatores possuem a capacidade de influenciar na prática do tênis de campo. Andrade *et al.* (2018) realizaram um estudo no Brasil, em torno das questões econômicas e sociais envolvendo o tênis de campo:

Estes achados apontam que tênis [de campo], no Brasil, é um esporte elitizado, sendo praticado predominantemente por indivíduos da classe A. Assim, algumas questões relacionadas ao cenário do esporte no Brasil podem estar relacionadas a esse baixo número de praticantes nos estratos socioeconômicos mais baixos. Por exemplo, podemos destacar o número reduzido de quadras públicas para a prática da modalidade, o alto custo de materiais (ex.: raquetes, bolas e calçados específicos). Além disso, para iniciar no esporte, o tenista tem altos custos para aprender através de aulas individuais e coletivas, e no caso do esporte de alto rendimento o treinamento especializado é ainda mais caro. Ainda, os locais disponíveis para praticar o tênis são em clubes esportivos onde o indivíduo precisa se associar, e podem trazer custos adicionais de mensalidade. Logo, políticas públicas de incentivo ao esporte devem ser realizadas através do fornecimento dos materiais esportivos, construção de quadras de acesso público gratuito, e o aumento no número de projetos sociais em comunidades visando à iniciação no tênis para os estratos socioeconômicos mais baixos, incentivando prática em nível recreacional e de saúde, bem como em nível competitivo (p. 71).

Levando em consideração tais informações, refletir sobre as questões sobre a origem do esporte e seu desenvolvimento na sociedade se faz importante.

Do ponto de vista sociológico, Bourdieu (1983) sugere refletir sobre a prática esportiva e seu consumo, identificando como o nível de instrução, sexo, idade, profissão, influenciam tal prática, interrogando o próprio sentido que as práticas assumem nestas relações. Para o autor, uma tarefa importante é identificar a história social do esporte e interpretar a sua realidade específica irreduzível a qualquer outra, na tentativa de buscar identificar o porquê essa prática surgiu, a forma que surgiu, como a sua lógica própria se desenvolveu e como se tornou uma atividade relevante para a sociedade atual.

Apesar de cada modalidade esportiva apresentar a sua lógica própria, não podemos negar que ele sofra influências da sociedade, assim como interfere na sociedade onde está inserida, formando uma via de mão dupla.

Bourdieu (1983) busca compreender como as pessoas passam a gostar mais de uma determinada modalidade esportiva do que de outra, como escolhem entre as diferentes práticas disponíveis? Qual a oferta e a demanda dos

esportes para cada fragmento da sociedade? Como as relações sociais de poder influenciam nas escolhas de cada indivíduo? De qual maneira o capital cultural, econômico, simbólico e político são capazes de influenciar nessas escolhas? Além disso é preciso se atentar que cada um desses fatores pode possuir peso e relevância diferentes em cada local do mundo e em determinado momento histórico.

Em primeiro lugar, existe um espaço de produção dotado de uma lógica própria, de uma história própria, no interior do qual se engendram os "produtos esportivos", isto é, o universo das práticas e dos consumos esportivos disponíveis e socialmente aceitáveis em um determinado momento? Segundo, quais são as condições sociais de possibilidade de apropriação dos diferentes "produtos esportivos" assim produzidos, prática do golfe ou do esqui, leitura de jornais esportivos, reportagem televisionada da copa do mundo de futebol? Dito de outra maneira, como se produz a demanda dos "produtos esportivos", como as pessoas passam a ter o "gosto" pelo esporte e justamente por um determinado esporte mais do que por outro, enquanto prática ou enquanto espetáculo? Mais precisamente, segundo que princípios os agentes escolhem entre as diferentes práticas ou consumos esportivos que lhes são oferecidos como possibilidade em um dado momento? (Bourdieu, 1983, p. 1).

Deste modo, pensando sobre os diferentes fatores que influenciam o desenvolvimento do esporte, ao trabalhar o tênis de campo nas nossas aulas, buscamos explorar tais características de modo a proporcionar para os alunos um conhecimento que não se limite aos gestos técnicos ou à compreensão tática da modalidade, mas que dê uma base para que eles sejam capazes de interpretar e compreender a forma que a modalidade foi e está inserida na sociedade.

Diante do exposto, entendemos que o ambiente escolar se mostra um local adequado para as crianças e adolescentes conhecerem, praticarem e aprenderem sobre o tênis de campo.

O tênis é uma modalidade esportiva que tem a possibilidade de ser jogada de forma individual e por equipe (duplas) e que promove interação com o adversário. O fato desta modalidade ter uma interação com o adversário traz para o jogo a imprevisibilidade, obrigando os jogadores a se adequarem a cada situação apresentada pelo seu oponente, ao mesmo tempo que seu oponente precisa se adequar a suas ações (Bracht; González, 2012).

Para Valentini *et al.* (2009) o tênis permite uma constante tomada de decisão e de ajustes em relação espaço e tempo, pois a imprevisibilidade está presente no jogo quase o tempo todo, visto que na maioria dos momentos não sabemos qual jogada o adversário irá realizar. Deste modo destacam-se as ações

abertas, que necessitam de ajuste constantes de acordo com a demanda oferecida pelo oponente. Mas também temos as ações fechadas dentro da modalidade, como por exemplo no momento do saque, onde as ações dos movimentos são previsíveis.

Bracht e González (2012) apontam que as ações táticas no tênis, são ações conscientes e orientadas para a solução de situações problemas que surgem durante a partida, é o modo que se organiza e seleciona a resposta motora para as dificuldades apresentadas em cada momento, escolhendo uma resposta que atenda às necessidades daquela jogada.

Deste modo Garganta (1998), enfatiza a necessidade de trabalhar os saberes corporais, de modo a não focar o trabalho na transmissão e reprodução de gestos técnicos. É preciso explorar os aspectos mental e físico dos alunos de modo a prepará-los para além da simples automatização dos gestos, enfatizando a assimilação de regras de ação e princípios de gestão do espaço de jogo, assim como as formas de comunicação e contra comunicação presentes no jogo.

Isso não significa que os fundamentos técnicos do jogo não devam ser trabalhados e conhecidos pelos alunos. Valentini *et al.* (2009) apresentam os seguintes fundamentos técnicos relacionados a modalidade: Saque, devolução de saque, voleio, *forehand*, *backhand*, *lob* e *dropshot*. Deste modo é preciso interligar os saberes táticos e técnicos com as habilidades que carecem no jogo. Habilidades como: antecipação e organização temporal que consiste em antecipar uma possível trajetória da bola e tempo do seu deslocamento “quanto tempo ela demora para percorrer o percurso imaginado”. As ações motoras rápidas é outra habilidade que deve ser explorada, pois esses movimentos são capazes de responder a trajetória da bola buscando a precisão nas jogadas, além das habilidades de rebatida de cima para baixo, de baixo para cima e lateral.

#### 2.4 Tênis de campo na escola

Apesar do crescente número de pesquisas na área da pedagogia do esporte dos últimos tempos, revisando publicações internacionais, nota-se que a maioria dos estudos abordam temas relacionados aos esportes coletivos, sobretudo os esportes de invasão. Segundo Ginciene e Impolcetto (2019) sem divulgar qual foi a base de dados que utilizaram no seu trabalho, relataram que poucas publicações relacionadas aos esportes de rede e parede, como tênis de

campo, badminton, squash foram identificadas. A maior tradição dos esportes de invasão quando comparados com os de rede e parede pode ser um dos motivos do número de pesquisa destinada a cada categoria (Ginciene; Impolcetto, 2019).

Já Moreira *et al.* (2020), utilizando a base de dados Google acadêmico e analisando artigos nacionais entre os anos de 2001 a 2020, com as palavras chaves “tênis na escola”, “tênis escolar” e “tênis na educação física” também relataram um baixo número de trabalhos acadêmicos encontrados.

Ginciene e Impolcetto (2019) apontam que o fato das habilidades técnicas dos esportes de rede e parede serem vivenciadas em menor número quando comparadas com as habilidades dos esportes de invasão, colaboram para um entendimento da população que estas modalidades são mais difíceis de serem praticadas, causando uma certa resistência de explorá-las no ambiente escolar.

Souza e Martins Junior (2009) evidenciam uma compreensão que o tênis é um esporte a ser praticado apenas pela elite e seu alto custo é outro fator que influencia o não desenvolvimento da modalidade. Porém, os autores mostram que a modalidade já é praticada além das quadras oficiais em espaços e materiais alternativos, deste modo caberia aos docentes promoverem ações e projetos nesse sentido para expandirem a prática da modalidade.

Valentini *et al.* (2009) indicam a falta de material e espaço adequado, junto ao pouco conhecimento e vivência da modalidade por parte dos docentes, como um dos possíveis motivos pelo baixo número de trabalhos desenvolvidos nas escolas nesta temática. Além disso os autores ainda pontuam que um método de ensino tradicional de alguns docentes também impediria no desenvolvimento da modalidade, nesta forma de atuação o docente tem a necessidade de domínio total da aula e da turma devido a isso classes com número elevados de alunos seria outro impeditivo. Além disso um entendimento da necessidade de ter materiais específicos e quadra oficial para desenvolver a modalidade são outros fatores que impediriam a realização da modalidade na escola.

Gesa *et al.* (2020) ao analisarem o currículo dos cursos superiores de Educação Física no estado do Paraná, perceberam que a maioria dos cursos não ofertavam disciplinas voltadas para o tênis ou esportes de raquetes em sua grade curricular, impactando diretamente a formação dos docentes em relação a modalidade.

Diante do apresentado, é possível verificar alguns dos fatores que dificultam o desenvolvimento do tênis nas aulas de Educação Física escolar e fica evidente a necessidade de um trabalho conjunto de toda a comunidade de professores de Educação Física para alterar esse cenário. Porém, se diferenciarmos o esporte de alto nível ou midiático daquilo que podemos e devemos ensinar nas escolas, entendemos que é possível proporcionar aos alunos da escola pública que conheçam e vivenciem o tênis de campo em aulas de Educação Física.

### *2.5 Práticas Pedagógicas Inovadoras e o ensino do tênis de campo na escola.*

Ao longo da história, o modo de ensinar esportes na escola, seguia um padrão “tradição”, os esportes majoritariamente foram ensinados de modo fragmentado, partindo que seria necessário primeiro aprender os movimentos básicos da modalidade para depois partir para o jogo.

Ginciene e Impolcetto (2019) encontraram essa “tradição” no ensino dos esportes em seu estudo, foi identificado um modelo tecnicista, onde os movimentos são fragmentados e repetidos durante as aulas, para que apenas mais a frente, fossem juntados e realizado o jogo. Dando uma prioridade exacerbada para o desenvolvimento da técnica em detrimento a tática. Os mesmos autores mostram que esse panorama pode vir a mudar, pois identificaram vários pesquisadores refletindo o modo de se ensinar esporte na escola, demonstrando outro entendimento de modelo educacional, valorizando a compreensão da lógica tática do jogo, utilizando variações de materiais, número de jogadores e espaços, além de empregar situações problemas para ajudar na compreensão da modalidade. Se preocupando desta maneira em primeiro compreender o sistema tático da modalidade antes de buscar um refinamento da técnica.

Sobre o ensino baseado em metodologias tecnicistas, Borelli *et al.* (2023) assevera que:

[...] sob elas, apenas indivíduos com mais habilidades e recursos tendem a perseguir trajetória perene na modalidade, tendo em vista o enfoque unidirecional à execução da técnica perfeita, de golpes e gestos estereotipados e isolados, que pouco ou nada levam em consideração as individualidades biológicas e sociais dos/as praticantes, e muito menos aos pressupostos que constituem a lógica interna do ambiente de jogo – desafio, imprevisibilidade, representação e desequilíbrio (p.3).

Paes (2002) acredita que pedagogia do esporte deveria apontar para uma perspectiva diferente, onde o jogo tem um papel de destaque, onde se joga para aprender, ou seja, o ensino deve partir do jogo. Além disso, nesta metodologia deve-se buscar o envolvimento e participação de todos, sem promover nenhum tipo de exclusão. Desenvolvendo assim o “jogo possível” para cada turma em cada aula.

A ITF também já fez apontamentos para o ensino do tênis usando uma metodologia mais centrada no jogo, ao invés dos movimentos técnicos. A proposta nomeada de *Play and Stay* (PAS) “jogue e fique”, também é utilizada e difundida pela CBT, tem como um dos seus objetivos promover o tênis como uma modalidade esportiva fácil, divertida de ser praticada e visa ainda garantir que mesmo os jogadores iniciantes sejam capazes de jogar desde o início do seu contato com a modalidade. Para isso é explorado diferentes tipos de bola de baixa pressão, redução do tamanho da quadra e raquetes (ITF, 2024; Cortela, 2012).

O *Play and Stay* é uma abordagem que segue uma linha cognitivista e construtivista, onde o ensino do tênis de campo se baseia na tomada de decisão, ao invés do gesto motor. Procura estimular a leitura do jogo, identificar as estratégias utilizadas pelo oponente e o que deve ser feito em cada momento, seja na vantagem ou desvantagem do *rally*, sem depender do seu treinador ou professor para determinar a melhor estratégia. O professor deve incentivar os alunos a solucionarem os problemas presentes em cada situação do jogo (ITF, 2024; Scaglia, 2017).

Cortela (2012), após estudo analisando o PAS como metodologia de ensino para adultos e crianças, considerou que ao utilizar o jogo como elemento central no modo de ensinar, junto as adaptações de materiais e papel de protagonista direcionado ao aluno, se apresentou como uma ótima opção para iniciação do tênis e que as alterações favoreceram a implementação do tênis no ambiente escolar.

Para Machado, Galatti e Paes (2014), é preciso contextualizar os esportes ensinados e dar um significado a ele. Os autores relatam 3 referências que devem nortear a prática pedagógica, são elas:

- Técnico-tático: trabalha os aspectos motores, físicos, técnicos e táticos;

- Socioeducativo: desenvolve valores e comportamentos relacionados a prática;
- Histórico-cultural: demonstra o processo histórico da modalidade, transformações e personalidade das modalidades.

González, Darido e Oliveira (2017) também se debruçam sobre alterações nas regras, adaptação de espaço e material no processo de ensino, sempre visando jogos de inteligência e criatividade tática. Os autores ainda destacam a necessidade de deixar evidente o aspecto que está sendo trabalhado em cada alteração e jogo proposto, como por exemplo: criar espaço na quadra adversária para facilitar o seu ataque, como fazer para defender o seu espaço na quadra. Tendo como objetivo que o aluno tome consciência de qual será a melhor decisão a tomar nas jogadas.

Os autores compreendem que no primeiro momento deva-se trabalhar de forma contextualizada na compreensão do jogo, para depois trabalhar de forma mais específica os aspectos técnicos. Não que seja preciso dominar todas as questões táticas do jogo para apenas depois passar para os aspectos técnicos, a busca é que esses conhecimentos sejam desenvolvidos de maneira articulada através dos jogos possíveis.

A partir da investigação sobre as práticas pedagógicas inovadoras é possível ver um indicativo dessa manifestação nos trabalhos citados nesse capítulo. Mesmo que tais trabalhos em nenhum momento tenham abordado a prática pedagógica inovadora como o seu objetivo de estudo, é possível observar indicativos de práticas que vão ao encontro das práticas pedagógicas inovadoras, nas quais busca-se romper com o ensino tradicional, o tecnicismo, o ensino fragmentado que enfatiza e valoriza excessivamente o gesto motor e maior número de oportunidades aos mais habilidosos.

Os estudos mostram uma tendência de ensino que vai ao encontro das práticas inovadoras quando prioriza o ensino através do jogo, onde as questões táticas são exploradas, os alunos levados a compreender a lógica interna e externa da modalidade, as regras e materiais são alterados para favorecerem o conhecimento do grupo.

Desta maneira, compreendemos que o conceito de uma prática pedagógica inovadora, deva desenvolver seu trabalho de modo que os alunos

sejam protagonistas do processo de ensino e de aprendizagem e que o professor não seja considerado o único detentor do saber. As unidades temáticas devem ser diversificadas e precisam contemplar os diferentes conhecimentos que a cercam, como os relacionados à cultura corporal de movimento, articulando a teoria e prática. Além disto o processo de ensino deve focar em incluir todos os estudantes e não apenas os mais habilidosos. No ensino dos esportes, o jogo deve assumir um papel relevante nas aulas, com o intuito de explorar os conceitos técnicos e a compreensão dos conceitos táticos das modalidades, fazendo assim com que os alunos sejam capazes de responder da melhor forma possível às problemáticas apresentadas durante os jogos. Para além, é preciso superar os modelos de alto rendimento durante as aulas e apostar em ajustes e alterações tanto de regras, como dos locais e dos materiais afim de conseguir atingir os objetivos traçados para cada estudante. O docente deve também utilizar de diferentes estratégias avaliativas.

Apresentado o contexto histórico das práticas pedagógicas inovadoras e da modalidade esportiva tênis de campo que foram considerados e utilizados para o desenvolvimento da unidade didática elaborada neste trabalho, daremos continuidade apresentando a metodologia da pesquisa.

### 3 PERCURSO INVESTIGATIVO

Considerando-se que o objetivo deste trabalho é explorar as práticas pedagógicas inovadoras nas aulas de educação física a partir do tênis de campo, temos que a pesquisa utilizada é de natureza qualitativa, a qual não se prende aos valores numéricos, mas busca a possibilidade de contribuir no entendimento, na compreensão de um grupo social ou organização (Silveira; Cordova, 2009).

Silveira e Cordova (2009) indicam que a pesquisa qualitativa trabalha com um gama enorme de significados, ideias, conceitos, sentidos, princípios e condutas, que se desenvolve dentro de uma densa relação, deste modo não deve ser reduzida apenas as variáveis numéricas.

Minayo infere a pesquisa qualitativa, da seguinte maneira.

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação. A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador (Minayo, 2002, p. 22).

Neste estudo, foi feita uma pesquisa de natureza qualitativa que terá o respaldo da pesquisa-ação.

Pelo fato da pesquisa em questão ser desenvolvida dentro do contexto profissional do professor-pesquisador, procurou-se um método que fosse capaz de promover a interação do professor-pesquisador com a sua prática de campo e sua intervenção em conjunto com os seus alunos.

Desta forma, optou-se pela utilização da pesquisa-ação, por entender que este instrumento permite uma investigação-ação intensa da realidade, capaz de produzir confrontos entre os conceitos teóricos e as vivências práticas, proporcionando conhecimento através das discussões e das ações desenvolvidas durante o processo do desenvolvimento da pesquisa, logo, vale definir a pesquisa-ação para explanar os motivos da escolha do referido método (Franco, 2005).

Para Franco (2005) a pesquisa e a ação precisam andar de forma conjunta quando buscamos produzir uma transformação na práxis, “[...] numa dinâmica pedagógica que deve produzir, nos sujeitos, envolvimento, participação,

comprometimento e produção de saberes e produzir também conhecimentos novos a serem incorporados no campo científico” (p. 485). Segundo a autora,

Considerando-se a pesquisa-ação um processo eminentemente interativo, a análise da qualidade da ação entre os sujeitos que dela participam é fundamental para definir sua pertinência epistemológica e seu potencial praxiológico (Franco, 2005, p. 491).

O desenvolvimento da unidade didática foi realizado com alunos e alunas de uma turma do 6º ano do ensino fundamental. Esta ação está sequenciada por meio de três etapas: elaboração de uma unidade didática de PPI; implementação da Unidade Didática (UD) e avaliação dos dados obtidos através da vivência da UD.

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado o diário de aula (Zabalza, 2004), que vem ganhando força no meio acadêmico há cerca de 50 anos. Segundo Zabalza (2004) os diários de aula “são os documentos em que professores e professoras anotam suas impressões sobre o que vai acontecendo em suas aulas” (p. 13).

Os diários de aula são um documento pessoal capaz de gerar uma riqueza de informação e para isso é preciso alimentá-lo com informações relevantes dos acontecimentos mais importantes ocorridos durante as aulas. Ele tem também o poder de sistematizar e dar um sentido aos acontecimentos, facilitando o entendimento evolutivo dos fatos e possibilitando uma análise cronológica dos acontecimentos (Zabalza, 2004).

Deste modo o diário de aula, foi realizado pelo professor-pesquisador (apêndice D). Como estratégia para não esquecer nenhum ponto importante foram feitas anotações em um caderno que esteve sempre próximo ao professor, registrando os principais fatos ocorridos na aula e, posteriormente, ao final da sua jornada de trabalho, o professor-pesquisador elaborou o diário de aula de forma mais densa, se aprofundando no detalhamento dos fatos.

### *3.1 Universo da pesquisa*

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal no interior do estado de São Paulo. Nesta escola é ofertada o ensino dos Anos Finais do Ensino

Fundamental do 6° ao 9° ano no diurno e no período noturno tem o atendimento do Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Esta é a única escola municipal que oferece essas modalidades de ensino, a escola tem aproximadamente 1100 alunos. A escola tem uma estrutura física destinada para as aulas composta por 16 salas de aulas, um anfiteatro, uma quadra poliesportiva coberta e com alambrado cercado-a, um espaço chamado de “quadrinha” que é um cimentado com as demarcações de uma mini quadra de vôlei. A escola ainda conta com outros locais como cozinha, secretaria, sala de professores, sala da gestão, sala de atendimento especializado e uma sala de atendimento com a psicóloga.

Por ser a única escola municipal com atendimento do ensino fundamental dos anos finais e devido à sua localização central a mesma recebe alunos da maioria dos bairros da cidade.

### 3.2 Participantes

O estudo foi composto por jovens com idades entre 11 e 13 anos, de uma turma do 6° ano do Ensino Fundamental que o professor-pesquisador ministrou as aulas referentes à unidade didática que compõe este estudo, no primeiro semestre de 2024, com 30 alunos devidamente matriculados na escola. A turma tem toda semana aulas duplas de Educação Física com duração de 50 min cada aula, foram utilizadas 19 aulas para a execução do projeto.

As atividades realizadas pelos(as) participantes da pesquisa são atividades corporais e teóricas relacionadas com os esportes de rede e parede, com enfoque principal no tênis de campo. As atividades conceituais envolvem, entender a origem do esporte, suas regras e discutir sobre a predominância deste esporte nas diferentes classes sociais. As atividades corporais são compostas por pequenos jogos voltados a ajudar a compreender a técnica e tática desta modalidade, como o jogo *four square*, jogos de agarrar e lançar, jogos de rebater sem e com implementos e jogos com raquetes ministrados pelo professor-pesquisador.

O professor-pesquisador explicou sobre o estudo para todos os discentes da turma do 6° ano A os convidando a participarem da pesquisa. Para critério de inclusão, recrutamento dos estudantes na pesquisa, os mesmos

aceitaram e preencheram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (apêndice A) e seus responsáveis preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (apêndice B), como forma de aceitação voluntária e consentimento para a participação na pesquisa. O critério de exclusão da pesquisa se deu pelo não aceite em participar do estudo. É importante ressaltar que a recusa em participar da pesquisa não impediu a participação do aluno nas aulas de Educação Física e, também, não prejudicou a avaliação de desempenho escolar dos(as) estudantes. E, desta forma, não foram registradas e/ou analisadas nenhuma informação relacionada aos(às) discentes que se recusaram a participar da pesquisa.

### *3.3 Unidade didática*

Para a elaboração da unidade didática, composta por 9 aulas duplas e 1 aula simples, aplicadas entre os meses de maio e junho de 2024. Foi realizado um mapeamento com a turma para identificar a realidade da mesma em relação aos esportes de rede e parede e mais especificamente com o tênis de campo.

A pesquisa foi desenvolvida com os alunos do 6º ano e, desta forma, foi utilizada como base de análise dos conhecimentos dos alunos as habilidades da BNCC proposta para os 3º e 5º anos do ensino fundamental relacionada com os esportes dentro da classificação de rede e parede, a saber:

✓ (EF35EF05 Experimentar e fruir diversos tipos de esportes de campo e taco, rede/parede, identificando seus elementos comuns e criando estratégias individuais e coletivas básicas para sua execução, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo (Brasil, 2017, p. 229).

Sobre as práticas pedagógicas inovadoras apresentadas nessa pesquisa, reforçamos as ideias de Farias, Rodrigues e Correia (2018), que evidenciam que tais práticas vêm tentando superar os modelos tecnicistas de outrora, buscando explorar de forma crítica e plural a cultura corporal do movimento, e de Maldonado e cols. (2018), que indicam que a busca pela prática pedagógica inovadora passa pela superação do paradigma da aptidão física e do rendimento esportivo.

Desta forma, neste trabalho, as PPI passam pelo desenvolvimento de forma conjunta do docente com os seus alunos, possibilitando a todos participar

das decisões, estabelecendo uma relação de respeito entre todos, proporcionando práticas que promovam a inclusão, ampliação dos instrumentos avaliativos e utilização de todo rol que cerca a cultura corporal do movimento no desenvolvimento das aulas.

A partir de tais considerações, foi elaborada uma unidade didática seguindo as diretrizes de uma PPI, afim de possibilitar aos alunos conhecer e vivenciar o esporte de rede e parede tênis de campo, propor estratégias de práticas utilizando espaços e materiais alternativos, utilizar metodologias que favoreçam a realização dos movimentos básicos da modalidade, compreender seus conceitos e reconhecer as questões histórico cultural relacionados a modalidade.

A unidade didática elaborada pretendeu atingir as seguintes habilidades presentes no Currículo Paulista (São Paulo, 2019) relacionada ao 6º ano:

✓ (EF05EF05B) Identificar as características das práticas lúdicas esportivas e dos jogos pré desportivos diferenciando-os dos esportes de campo taco, rede / parede.

✓ (EF05EF06) Diferenciar os conceitos de jogo e esporte, identificando as características que os constituem na contemporaneidade e suas manifestações (profissional e comunitária/lazer).

Deste modo pretendeu-se explorar as dimensões de conhecimento estabelecidas pela BNCC e adotadas pelo Currículo Paulista, junto aos saberes corporais, conceituais e atitudinais.

Quadro 2: Síntese da Unidade Didática.

<b>AULA</b>	<b>DATA</b>	<b>TEMA/ASSUNTO</b>	<b>ATIVIDADE/OBJETIVO</b>
1 e 2	07/05	Sondagem sobre o tema tênis de campo.	Explorar os materiais esportivos.
3 e 4	14/05	História do tênis de campo	Construindo a sua própria história e conhecendo a versão oficial.
5 e 6	21/05	Regras oficiais e os nossos combinados.	Compreender as regras do esporte tênis de campo e entender que podemos modificá-las. Jogos de agarrar e lançar.
7 e 8	28/05	Bora rebater	Pequenos jogos de rebater sem implementos, utilizando de diferentes tamanhos e pesos de bolas.

9 e 10	04/06	Quem pode jogar?	Explorar os conceitos relacionados ao gênero e ao esporte. Praticar jogos em coletivos usando implementos
11 e 12	11/06	O que foi dito professor? E como se faz?	Atividade de interpretação dos termos em inglês usados no tênis e reprodução de alguns dos termos na quadra.
13, 14 e 15	18/06	Mão na massa e na raquete	Confeccionar e utilizar material alternativo para jogar tênis.
16 e 17	25/06	Explorando outras quadras. Tem quadra no meu bairro?	Experimentar uma quadra oficial de tênis e identificar as questões econômicas e sociais relacionadas a modalidade.
18 e 19	02/07	Nosso jogo	Colocar em prática o “nosso tênis” e compartilhar com o grupo suas considerações em relação as vivências realizadas.

Fonte: O autor.

### 3.4 Aspectos éticos

Todos os participantes da pesquisa e seus respectivos responsáveis receberam de forma impressa informações sobre a mesma e, desta forma, tiveram acesso, respectivamente, ao Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (Apêndice A) e ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice B), os quais constam os objetivos, a metodologia utilizada, a garantia de anonimato dos participantes, bem como os benefícios e riscos na participação da pesquisa.

Esta pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sob o parecer nº: 6.670.548 (Anexo A).

#### 4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta pesquisa iremos explorar a análise de categorias de codificação apresentada por Bogdan e Biklen (1994). Desta forma, na primeira etapa é feita a organização dos documentos, organizamos os materiais coletados durante a pesquisa, que no nosso caso são os diários de aula que produzimos ao aplicar a unidade didática para o 6 ano A. Além disso, neste momento é feita uma leitura atenta afim de identificar as impressões, conflitos referentes aos mais distintos momentos das aulas. Essas ações são importantes e proporcionaram um suporte para a próxima etapa, que é a Codificação (Bogdan; Biklen, 1994).

Na segunda etapa, deve ocorrer a codificação dos materiais, os códigos procuram agrupar as informações de diferentes níveis. Para Bogdan e Biken (1994), a codificação pode ser realizada da seguinte maneira: procurando nos seus dados por regularidades e padrões; e escolhendo palavras e frases capazes de representar os padrões encontrados.

Para realizar esta etapa, todos diários de aula (apêndice D) foram agrupados em um único documento no *word*. Ao ler cada diário e identificar trechos importantes para responder o objetivo da pesquisa, esses trechos eram grifados através da ferramenta de (realce de cor disponível no *word*). Na sequência foi criado um segundo documento apenas com as partes que foram grifados dos diários originais e em seguida esses trechos foram agrupados por pertencimento a cada código. Cada grupo ganhou uma cor para facilitar a visualização dos trechos pertencentes a cada código. Segue um quadro evidenciando como aconteceu esse processo.

Quadro 3: Etapas realizadas.

<p>1ª etapa: leitura e marcação das partes consideradas importantes.</p> <p>Utilizamos o diário da aula 1 e 2 como exemplo de</p>	<p>Diário de aula 1 e 2: Na sala de aula, os alunos foram informados que a aula começaria com uma atividade exploratória na quadra e que eles poderiam escolher a atividade que gostariam de fazer de acordo com os materiais disponíveis, assim como também poderiam trocar de atividade quando quisessem e que em segundo momento retornaríamos para a sala para uma outra atividade.</p> <p>A saída da sala de aula foi agitada, os alunos estavam eufóricos com a possibilidade de jogar o que quiser. Alguns já diziam vou jogar futebol e outros já falavam em jogar vôlei.</p> <p>Ao chegarmos na quadra, os materiais estavam todos localizados no centro da quadra (bola de basquete, bola de futsal, bola de vôlei, cones, bambolês, jogo de dama, raquetes e bolinhas de tênis), a turma foi</p>
---	---

<p>como ocorreu o processo.</p>	<p>formando um círculo em volta dos materiais. Após alguns segundos os alunos começaram a pegar os materiais e formarem pequenos grupos.</p> <p>As raquetes que eram novidades entre os materiais, logo chamaram a atenção. O Messi e o Cristiano Ronaldo logo pegaram uma cada um e combinaram de jogar. Teve o grupo que já foi pegando a bola de futsal e organizando os times. Neymar que estava como grupo do futsal, voltou ao centro logo em seguida para pegar 4 cones que o grupo utilizou como gol. Teve um grupo que decidiu fazer uma roda para controlar a bola de vôlei. Uma dupla de alunas começou a jogar dama e logo mais um aluno se juntou a elas. Ainda teve alunas que estavam brincando com os bambolês e com a bola de basquete.</p> <p>Logo quase todos os materiais estavam em uso, restando apenas alguns cones parados no centro da quadra.</p> <p>Ao observar o grupo que estava com as raquetes e bolinhas de tênis: Messi e Cristiano Ronaldo pegaram uma bolinha e começaram a brincar.</p> <p>Anitta pegou uma raquete na mão e olhou para um grupo de colegas e disse: eu sei jogar. Vamos jogar?</p> <p>Desta forma as quatro raquetes e as duas bolinhas de tênis estavam ocupadas. O grupo foi logo de primeira tentando devolver a bolinha um para outro sem nenhum tipo de disputa. Em seguida Luísa que estava com uma das raquetes propõe de jogarem todos juntos, deixando uma bolinha parada.</p> <p>Começaram a tentar controlar a bola e logo em seguida Luísa propôs de colocar um cone para determinar se era dentro ou fora e a brincadeira já foi tomando cara de jogo. Colocou mais um cone dividindo a quadra de cada dupla. Foi feita então a dupla da Luísa e Anitta x Messi e Cristiano Ronaldo.</p> <p>Com o passar da aula alguns grupos entraram em conflito por conta do espaço da quadra. Anitta em um determinado momento pede licença para o Cássio pois eles estavam jogando beach tênis aqui. Logo depois o grupo pegou mais alguns cones tentando delimitar o espaço de jogo deles. Neste momento o grupo também já estava contando pontos a cada jogada. Ao passar da aula os grupos foram trocando de membros, Cristiano Ronaldo saiu do tênis e logo a Marta pegou o seu lugar. O mesmo também aconteceu em outros grupos.</p> <p>Depois de um tempo, o jogo de dupla foi paralisado e foi feito jogo de simples, fazendo duas quadras de 1x1.</p> <p>Anitta fala para o grupo ao buscar uma bolinha que foi para longe:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- É muito difícil ser jogadora de beach tennis.</li> </ul> <p>Em um outro momento diz para o Luísa:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Nós ainda vamos ficar boa nisso. E Luísa concorda com a cabeça.</li> </ul> <p>Marta reclama com a Carol que não é poste não, depois de uma rebatida alta da colega. Carol sorri. Neste momento já não havia mais contagem de pontos.</p> <p>Na brincadeira do tênis, os alunos vão se ajudando e falando como devem ser realizados os movimentos.</p> <p>Quando o jogo volta a contar pontos, Luísa fala para o Marta que não pode sacar sem a bola pingar no chão:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Só pode sacar depois que a bola bater no chão. E demonstra sem a bolinha como deveria ser feito o saque.</li> </ul> <p>Luísa volta a reclamar com os colegas do futsal sobre o espaço de jogo de cada grupo.</p> <p>Enquanto os alunos estavam jogando eu fiquei apenas observando as atividades e dando suporte aos alunos em relação a segurança dos mesmos e continuidade das atividades que estavam acontecendo.</p>
---------------------------------	---

Depois de aproximadamente 1 hora de atividade prática, os alunos retornaram para a sala para fazermos a segunda parte da aula.

Neste momento fiz a chamada enquanto a turma se acalmava e conversava sobre as atividades realizadas na quadra.

Em seguida iniciei um diálogo com os alunos sobre como foi a aula. A primeira pergunta para o grupo foi: o que vocês acharam da aula? Vocês gostaram? Nesta pergunta houve uma participação intensa da classe, todos falando que gostaram e cada um dando os seus motivos: Enzo disse que gostou porque jogou futebol; Marta disse que gostou porque tinha diversas opções para fazer; Jéssica disse que gostou porque assim dá para aprender várias coisas ao mesmo tempo; Cássio disse que gostou porque foi divertido.

Perguntei para os alunos se eles já tinham feito alguma aula assim? Com a possibilidade de explorar vários materiais? A maioria respondeu que não e que desta forma foi bem legal.

Em seguida comecei a direcionar as perguntas para a atividade relacionada ao tênis.

Quem fez atividade com as raquetes? 10 alunos levantaram as mãos e começaram a falar sobre a atividade. Anitta que não mudou de atividade em nenhum momento disse que foi bem divertido jogar com as raquetes.

Outra pergunta feita foi quem teve vontade de jogar tênis, mas não jogou? E porque não jogou? Nove alunos levantaram a mão. Questionei a Lilian por que ela não jogou e ela disse que não deu tempo, estava jogando vôlei e futsal.

Jéssica disse que tinha muitas pessoas querendo jogar o tênis, mas que não deu tempo. Luísa explicou que quando as pessoas chegavam para jogar tinha que esperar o jogo acabar, porque cada partida durava 10 pontos.

Outras questões levantadas foram de quem já havia jogado com raquetes na escola: apenas a Amanda e Julia informaram que já tinham feito esta atividade na escola. Deste modo falei com os alunos que esta prática poucos tiveram a possibilidade de praticá-la na escola e que deste modo esse é um conteúdo interessante para trabalharmos nesse momento.

Neste momento informei aos alunos que nas próximas aulas esse será o tema que vamos explorar “tênis de campo”. Alguns alunos gostaram da temática e já se mostraram animados. Anitta disse:

- Nossa estou empolgada, vai ser legal essas aulas.

Para os alunos ficarem a par dos acontecimentos futuros, passei na lousa o cronograma das atividades previstas para o desenvolvimento desta unidade didática e pedi para copiarem no caderno. Essa foi a primeira vez que passei o cronograma e pedi para registrarem no caderno.

Os alunos a princípio tiveram um estranhamento sobre o porquê copiar o cronograma. Já aproveitei e expliquei para turma que o cronograma iria facilitar a compreensão sobre o que realizaríamos em cada aula. Desta forma, todos saberão com antecedência o que irá acontecer, podendo se preparar para as atividades.

Achei que aula conseguiu cumprir com o esperado, deu há alguns alunos a possibilidade de vivenciar brevemente o tênis de campo, além de mostrar esta possibilidade para todo o grupo. Percebi a maioria da sala animada com a temática, porém alguns alunos prefeririam que a unidade temática fosse voltada para o futsal. Fiquei satisfeito com o início desta jornada e estou ansioso para colocar tudo que está programado em ação.

<p>2° etapa: as partes grifadas foram agrupadas.</p>	<p>A saída da sala de aula foi agitada, os alunos estavam eufóricos com a possibilidade de jogar o que quiser. Alguns já diziam vou jogar futebol e outros já falavam em jogar vôlei.</p> <p>Anitta fala para o grupo ao buscar uma bolinha que foi para longe: - É muito difícil ser jogadora de beach tennis</p> <p>Outras questões levantadas foram de quem já havia jogado com raquetes na escola: apenas a Amanda e Julia informaram que já tinham feito esta atividade na escola. Deste modo falei com os alunos que esta pratica poucos tiveram a possibilidade de pratica-la na escola e que deste modo esse é um conteúdo interessante para trabalharmos nesse momento.</p> <p>Para os alunos ficarem a par dos acontecimentos futuros, passei na lousa o cronograma das atividades previstas para o desenvolvimento desta unidade didática e pedi para copiarem no caderno. Essa foi a primeira vez que passei o cronograma e pedi para registrarem no caderno.</p> <p>Os alunos a princípio tiveram um estranhamento sobre o porquê copiar o cronograma. Já aproveitei e expliquei para turma que o cronograma iria facilitar a compreensão sobre o que realizaríamos em cada aula. Desta forma, todos saberão com antecedência o que irá acontecer, podendo se preparar para a atividades.</p>
<p>3° etapa: os trechos agrupados foram coloridos por temas.</p> <p>Trechos que fazem parte de mesmo tema possuem a mesma cor, enquanto os temas divergem ganham uma nova cor.</p>	<p>A saída da sala de aula foi agitada, os alunos estavam eufóricos com a possibilidade de jogar o que quiser. Alguns já diziam vou jogar futebol e outros já falavam em jogar vôlei.</p> <p>Anitta fala para o grupo ao buscar uma bolinha que foi para longe: - É muito difícil ser jogadora de beach tennis</p> <p>Outras questões levantadas foram de quem já havia jogado com raquetes na escola: apenas a Amanda e Julia informaram que já tinham feito esta atividade na escola. Deste modo falei com os alunos que esta pratica poucos tiveram a possibilidade de pratica-la na escola e que deste modo esse é um conteúdo interessante para trabalharmos nesse momento.</p> <p>Para os alunos ficarem a par dos acontecimentos futuros, passei na lousa o cronograma das atividades previstas para o desenvolvimento desta unidade didática e pedi para copiarem no caderno. Essa foi a primeira vez que passei o cronograma e pedi para registrarem no caderno.</p> <p>Os alunos a princípio tiveram um estranhamento sobre o porquê copiar o cronograma. Já aproveitei e expliquei para turma que o cronograma iria facilitar a compreensão sobre o que realizaríamos em cada aula. Desta forma, todos saberão com antecedência o que irá acontecer, podendo se preparar para a atividades.</p>
<p>4° etapa: agrupar os temas presentes</p>	<p>Nesta etapa os trechos grifados de todos os diários foram agrupados de acordo com os códigos “cores” que eles pertenciam. No total foram identificados 9 códigos.</p>

em todos os diários por cor.	
------------------------------	--

Fonte: O autor.

Neste trabalho identificamos os seguintes códigos:

Quadro 4: Lista de códigos identificados nos diários de aula.

1	LÓGICA INTERNA	
2	ADAPTAÇÕES	
3	PROTAGONISMO DISCENTE	
4	LÓGICA EXTERNA	
5	CONTEÚDO	
6	METODOLOGIA	
7	RELAÇÃO TEORIA X PRÁTICA	
8	AVALIAÇÃO	
9	CRONOGRAMA	

Fonte: O autor.

A terceira etapa é a categorização; ela acontece a partir do diálogo entre os códigos encontrados na etapa anterior. Os códigos precisam ser agrupados em categorias e essas categorias devem ser capazes de descrever os elementos pertencentes a ela (Bogdan; Biklen, 1994). Nesta pesquisa foram criadas duas categorias “ Pré jogo” e “Nosso jogo”.

Quadro 5: Categoria Pré Jogo.

Identificação	Códigos	Categoria
	CONTEÚDO	<i>Pré-Jogo</i>
	METODOLOGIA	
	RELAÇÃO TEORIA X PRÁTICA	
	AVALIAÇÃO	
	CRONOGRAMA	

Fonte: O autor.

Quadro 6: Categoria Nosso Jogo.

Identificação	Códigos	Categoria
	LÓGICA INTERNA	<i>Nosso Jogo</i>
	LÓGICA EXTERNA	
	ADAPTAÇÕES	
	PROTAGONISMO DISCENTE	

Fonte: O autor.

#### 4.1 Pré-jogo

Nesta categoria são trabalhados os conceitos que o docente deve explorar antes mesmo da ação com os alunos começar, isso não significa que durante o jogo ele não tenha que revisitá-las ou que seja necessário fazer ajustes nelas. Mas sim, que é preciso ter um *pré-jogo* traçado para ajudar no desenvolvimento de uma prática docente inovadora. Deste modo, dentro desta categoria estão os seguintes códigos: **conteúdo, metodologia, relação teoria e prática, avaliação e cronograma.**

Para Fensterseifer e Silva (2011), “[...] inovar não significa focar sempre no novo, no inédito, mas a inovação pedagógica em EF acontece quando alguém decide ser e agir como professor” (citado por Nogueira; Maldonado; Silva, 2021, p. 234). A citação acima me levou, enquanto professor-pesquisador, a indagar todos os meus atos como docente e, a partir dessa citação, daremos início à discussão dos dados desta pesquisa.

Pois bem, como podemos “ser e agir como professor”, levando em consideração uma atuação docente que utilize as práticas pedagógicas inovadoras (PPI)? Partiremos nessa viagem em busca de responder essa pergunta. Para nossa viagem irei assumir o papel de guia turístico, tentando levar o grupo de tripulantes (os alunos participantes da pesquisa) por uma viagem em torno das práticas pedagógicas inovadoras. Durante nosso caminho buscaremos verificar qual a melhor rota, o melhor percurso, a melhor estratégia para concluirmos a nossa viagem.

Qualquer boa viagem se inicia pela criação do roteiro. Desse modo devemos refletir como, quando e onde vamos chegar.

Para ajudar elaborar o roteiro inicial da nossa viagem, consideramos alguns apontamentos feitos por um grupo de viajantes mais experientes:

Maldonado e cols. (2018) que relatam algumas características das PPI. Dentre elas estão a diversificação das práticas corporais, ampliação das estratégias de ensino, variação dos recursos didáticos, sistematização dos currículos de Educação Física, inclusão de todos/todas estudantes nas aulas e utilização de variados instrumentos de avaliação.

Diante disto, esse guia busca informar os nossos pontos de partidas, nossas paradas, nossos perrengues, nossas conquistas até chegarmos no nosso destino final. Prontos para embarcarmos na nossa viagem?

Ao iniciar nosso plano de viagem, buscamos explorar o código **conteúdo**, procuramos saber se alguns dos tripulantes já conheciam o caminho que pretendíamos percorrer, ou seja, o tênis de campo. Confrontando o grupo, foi possível identificar que apenas dois tripulantes já haviam cruzado por esse caminho anteriormente.

Outras questões levantadas foram de quem já havia jogado com raquetes na escola: apenas a Amanda <sup>1</sup> e Julia informaram que já tinham feito esta atividade na escola. Deste modo falei com os alunos que esta prática poucos tiveram a possibilidade de praticá-la na escola e que deste modo esse é um conteúdo interessante para trabalharmos nesse momento (DA<sup>21</sup> e 2).

Levamos em consideração essa informação para a continuidade da nossa viagem. Apesar do grupo de tripulantes viajar há pelo menos 5 anos – fazendo referência aos anos anteriores de estudo do 1º ao 5º ano –, poucos foram os alunos que já tinham feito esse caminho “praticado tênis de campo”. Dando um indício que seguindo esta rota, atingiríamos um dos conselhos elencados pelo grupo de viajantes mais experientes (Maldonado e cols., 2018): a diversificação dos temas.

Apesar do tênis de campo fazer parte dos esportes de rede e parede, e que os mesmos são indicados na BNCC e no Currículo Paulista desde os primeiros anos escolares, poucos alunos relataram já terem vivenciado os esportes redes e parede que utilizam raquete na escola.

---

<sup>1</sup> Como informado anteriormente, os nomes utilizados ao longo do trabalho são fictícios, com o objetivo de não identificação e exposição dos (as) alunos (as) participantes da pesquisa.

<sup>2</sup> Utilizarei DA para indicar que a citação em destaque se refere ao Diário de Aula. E, na sequência, informo o número do DA que está sendo citado. Neste caso, para exemplificar, DA 1 e 2, ou seja, me refiro aos diários de aula 1 e 2. Lembro que todos os diários de aula se encontram no apêndice D.

Sabemos que o currículo que engloba a Educação Física escolar é amplo, deste modo sabemos que é basicamente impossível conseguir tematizar para os alunos todo o repertório existente, porém, é preciso ter um olhar atento por parte dos professores e do estado na elaboração do planejamento e dos currículos, afim de tentar tematizar as mais diversas práticas corporais aos estudantes, rompendo com a barreira de trabalhar de forma excessiva um determinado tema.

As práticas inovadoras não são objetos e realizações exclusivas de um ou outro componente curricular, mas, sim, uma busca incessante de legitimação dos interlocutores e protagonistas da educação de modo geral. Essa alusão se dá, também, pelo reconhecimento de que o currículo é um campo de entrecruzamento de concepções de mundo, sociedade e ser humano e, por essa razão, um terreno de disputas políticas e sociais (Farias; Rodrigues; Correia, 2018, p. 144).

Na BNCC, os esportes de rede e parede que utilizam raquetes aparecem da seguinte maneira: experimentar e fruir diversos tipos de esportes de campo e taco, rede/parede, identificando seus elementos comuns e criando estratégias individuais e coletivas básicas para sua execução, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo, sob o código EF35EF05 (Brasil, 2017, p. 229).

Enquanto no Currículo Paulista, aparece com o código EF05EF05B, indicando: identificar as características das práticas lúdicas esportivas e dos jogos pré desportivos diferenciando-os dos esportes de campo taco, rede/parede (São Paulo, 2019, p. 272).

Partindo do pressuposto de realizarmos uma viagem por meio das PPI, escolhemos o tênis de campo afim de diversificar o roteiro da nossa viagem. Porém, um roteiro novo não significa que a viagem será inovadora.

Deste modo a seleção de um tema, por mais que ele ainda não tenha sido explorado por grande parte da turma, não significa, que uma PPI esteja acontecendo, é preciso ir além de apresentar algo novo. Seguimos assim a nossa viagem.

O grupo de viajantes gostou do tema, porém, no meio da viagem sempre aparecia um ou outro viajante questionando se não poderíamos alterar a nossa rota, para passarmos por uma rota já explorada pela maioria da turma.

Ao finalizar a chamada pergunto para a turma qual atividades vamos ter hoje.

A maioria da sala responde tênis, jogos de rebater.

Mas Lucas diz:

- Futebol.

Depois de confirmar para turma que eram jogos de rebater, falo diretamente com o Fagner que ainda não entramos na modalidade de futsal. A turma gosta bastante desta modalidade e sempre tem um ou outro afim de realizar esta prática (DA 7 e 8).

Em outro momento da viagem:

Elize se manifesta nesse momento:

- Nunca jogamos futebol!

Expliquei para Elize e para a turma que o futsal vai ser trabalhado em outro momento, nós temos várias possibilidades de conteúdo dentro das aulas de Educação Física e não podemos nos limitar a praticar apenas um esporte (DA 9 e 10).

Nesses relatos é possível ver como parte do grupo, apesar de participar das aulas proposta com a temática tênis de campo, tinha um interesse que essa prática corporal fosse interrompida, passando para o futsal. Vale ressaltar que a cidade tem uma tradição na modalidade e que existem várias turmas de treinamento espalhadas na cidade voltada para o futsal, inclusive dentro da própria escola. Para além disso, sabemos que as pessoas tendem a querer fazer aquilo que já conhecem e estão acostumadas e isto não é diferente nas aulas de EF. Contudo, como professor-pesquisador envolvido com as PPI, me comprometi a ampliar os conhecimentos, saberes e vivências dos alunos, desta vez, com o tênis de campo (Darido; González; Ginciene, 2018).

Deste modo esse foi um dos pequenos perrengues que enfrentamos durante a nossa fascinante viagem. Foi preciso dialogar com o grupo e apresentar argumentos para conseguirmos que todos se sentissem satisfeitos com o tema da nossa viagem. De acordo com os mais diferentes guias, esse é um dos papéis que um guia deve exercer.

Outro viajante experiente já havia deixado alguns avisos de perigos para os viajantes que desejassem realizar uma prática pedagógica inovadora poderiam enfrentar. Em um dos avisos, ele deixa explícita a necessidade de variar os temas das unidades didáticas, pois caso contrário, poderá ocorrer uma tematização excessiva dos esportes coletivos deixando de lado outras unidades didáticas (González, 2018).

A saída da sala de aula foi agitada, os alunos estavam eufóricos com a possibilidade de jogar o que quiser. Alguns já diziam vou jogar futebol e outros já falavam em jogar vôlei (DA 01 e 02).

Devendo sempre se preocupar com a satisfação dos seus tripulantes.

Neymar reclama para os colegas que jogamos pouco futebol. Lembro a turma que durante as aulas de educação física temos que trabalhar os esportes de forma diversificada para atender o interesse de todos e contemplar o máximo o repertório pertencente à educação física (DA 7 e 8).

No decorrer do desenvolvimento da unidade didática, procuro conversar com o grupo de alunos, demonstrando para os mesmos que as nossas aulas de Educação Física devem ser capazes de ampliar o repertório deles em relação à cultura corporal de movimento, proporcionar para o grupo novas possibilidades e vivências.

Pensando na necessidade de desenvolver a inovação pedagógica na nossa viagem para além da diversificação da unidade didática, fomos em busca de outros atrativos que fossem capazes de estimular a inovação pela nossa viagem. Outro fator importante para PPI é a **metodologia** utilizada pelo docente. Deste modo, esse é outro fator que precisa ser explorado que tem uma grande influência sobre as PPI.

Durante uma viagem, o guia deve estar atento de como ele se porta perante o grupo e como ele apresenta os pontos turísticos para os viajantes. Pois um guia turístico com um roteiro incrível e uma atuação precária pode acabar prejudicando a viagem de todo o grupo.

Dentro da Educação Física escolar a atuação do professor “guia turístico” tem um papel direto no modo que essa prática vai ser apresentada e desenvolvida durante a aula. Nesta perspectiva, Silva e Bracht (2012) apontaram algumas características relacionadas às PPI relacionadas à ação dos docentes, dentre elas estão: o compartilhamento da ação do processo de ensino e de aprendizagem entre os docentes e discentes, a preocupação com práticas que promovam inclusão, a sistematização do aprendizado, a resolução de conflito por meio de diálogo.

González (2018), classificou os docentes “guias” em 3 categorias: tradicional (esportivista), desinvestimento pedagógico (rola bola) e inovador. Onde cada um contém características distintas. O docente tradicional está muito ligado

aos esportes coletivos, na repetição do movimento em busca do gesto técnico perfeito, no ensino fragmentado por partes, valorização dos mais habilidosos, favorecimento da participação masculina, além de uma busca pela vitória sem se importar com os meios para atingi-la. Já a atuação do docente em desinvestimento pedagógico, está ligada a um docente que pouco atua durante as suas aulas exercendo o papel de professor, acaba exercendo na maioria das vezes um papel de expectador dos seus alunos e organizador de materiais esportivos. Enquanto o docente inovador está preocupado com a participação efetivas de todos, oportunidades iguais entre os gêneros, busca romper com os padrões ligados ao rendimento esportivo, diversificação dos temas das unidades didáticas, integração dos conhecimentos.

Deste modo, durante a nossa viagem, buscamos explorar ações e atitudes condizentes que nos aproximasse do docente inovador.

Jéssica diz: - Professor, é muito difícil realizar esse movimento. Se referindo ao *backhand*.

Incentivei a aluna tentar reproduzir o movimento e informei que com o passar do tempo eles vão ganhando mais habilidade e vai ficando mais fácil.

Após algumas tentativas de cada aluno, realizamos pequenos jogos, com o intuito de tentar explorar os movimentos realizados anteriormente. Ao pensarmos uma prática pedagógica inovadora o jogo tem um papel central, desta forma não ficamos a aula toda reproduzindo o gesto motor até conseguir a perfeição. O objetivo foi ampliar o repertório motor dos alunos através de pequenos jogos (DA 11 e 12).

Neste trecho extraído dos diários, é possível ver a postura assumida pelo guia durante a viagem, identificando uma postura de incentivo à aluna em relação à dificuldade de realizar determinado movimento e não uma cobrança em busca de uma execução perfeita. Indicando assim uma possível superação de uma das características dos guias tradicionais e/ou esportivistas a busca pelo gesto técnico perfeito e uma aproximação com uma das características de atuação ligada à inovação, que é romper os padrões ligados ao refinamento técnico excessivo.

Outro fator que ajuda a identificar um perfil de docente que busca superar uma atuação tradicional foi que, após algumas tentativas dos alunos, o grupo partiu para a realização dos jogos, superando o modelo de ensino fragmentado, onde o docente via a necessidade de um grande aprimoramento do gestual técnico antes da realização dos jogos. Como já apontado anteriormente por Soares e cols. (1992), onde pontuavam que ao buscar renovação, era preciso

superar as tradições da Educação Física escolar voltadas para o desenvolvimento físico e o aperfeiçoamento dos gestos técnicos esportivos.

Barroso (2018) em um de seus indicativos para guias que procuram superar o pratica tradicional, pontuou que este tipo de profissional geralmente organiza o seu trabalho de forma bimestral e utiliza atividades de dificuldades crescentes, partindo de atividades básicas isoladas, para as atividades mais complexas, até a realização do jogo propriamente dito.

Durante a nossa viagem, o guia deixa evidente neste trecho, que a atividade realizada do *backhand* teve como objetivo ampliar o repertório do grupo e dar suporte e condições básicas para o desenvolvimento do jogo. O aprimoramento e o aumento das habilidades surgirão a partir da realização dos jogos, indicando assim uma atuação ligada às PPI.

Já em outro trecho da nossa viagem, podemos ver que a atuação do docente, procurou promover a participação de todos na atividade de forma ativa, além de não priorizar os alunos com maior nível de habilidade.

Pelo número grande de alunos e a necessidade de fazer todos participarem de forma ativa na aula e ficarem pouco tempo como expectadores, os pontos dentro no nosso jogo foram computados de forma diferente do tênis oficial. A cada jogada era computado um ponto, esse ponto indicava que o jogador venceu o jogo. O jogador derrotado deveria dar lugar para outro participante, outra situação que também proporciona a troca dos jogadores, é se um jogador conseguir vencer todos os seus oponentes, nesta situação mesmo vencendo ele deveria dar lugar para outro jogador, retornando para o final da sua fila e aguardando chegar a sua vez novamente (DA 05 e 06).

De acordo com Maldonado e cols. (2018):

A inovação pedagógica nas aulas de Educação Física escolar acontece quando os/as docentes do componente curricular organizam o seu trabalho pedagógico superando o paradigma da aptidão física e do rendimento esportivo, que se tornaram hegemônicos no chão das escolas nas últimas décadas (p. 1).

Deste modo, uma atuação que busca seguir os princípios inovadores, deve priorizar atitudes que favoreçam a participação dos alunos nas mais distintas atividades, sem atitudes que visam proporcionar vantagens ou maior tempo de atividades para os alunos com maior habilidade.

Dividi os grupos de acordo com o número de quadras que tínhamos disponível. A pontuação foi repetida da aula anterior, apenas um ponto por

partida para manter a rotatividade dos alunos na atividade e preservando a participação de todos. Sem privilegiar os mais habilidosos, se uma dupla ganhava 4 pontos seguidos (“partidas”), essa dupla deixava a quadra para dar lugar a outra (DA 09 e 10).

Importante destacar, que apesar das aulas serem desenvolvidas seguindo estas características para proporcionar um maior aproveitamento pela turma. Os alunos foram informados que essas mudanças aconteceram para facilitar o desenvolvimento da nossa aula e que em uma partida oficial de tênis de campo, o jogo segue as regras oficiais. Mais para frente quando falarmos sobre as adaptações nas aulas seguindo as PPI, retornaremos a falar de forma mais detalhada sobre as alterações das regras.

Outra característica do docente que utiliza as práticas pedagógicas inovadoras é a preocupação com o grupo e com a forma com que as atividades são desenvolvidas.

A aula foi encerrada e me senti feliz com o resultado final da atividade, mesmo com uma certa frustração por parte dos alunos no início da aula pelo fato que a aula aconteceria na sala ou invés da quadra. Ao decorrer dela todos foram se envolvendo e conseguiram participar efetivamente da atividade.

Aparentemente a turma se esqueceu da vontade inicial de ir para a quadra e conseguiram aproveitar a aula (DA 03 e 04).

A atividade se mostrou prazerosa para os alunos e era possível ver todos contentes desenvolvendo as atividades e vibrando a cada ponto (DA 05 e 06).

Procura avaliar a sua atuação, reflete sobre os pontos positivos e negativos em busca de melhorar o nível da sua atuação. Segundo González (2016), “Em linhas gerais, em nossas pesquisas, podemos identificar entre os professores com práticas inovadoras que tem disposições para a flexibilidade, pensar as razões de seu fazer” (p.64).

Saio satisfeito com o resultado final, pois os alunos conseguiram realizar a construção do material e gostaram bastante de usá-lo. Mas fico pensativo sobre a capacidade das turmas que estão no 6º ano em realizarem a construção deste material em apenas uma aula. Penso que para uma utilização desta unidade didática no futuro seja necessário acrescentar mais tempo para a conclusão desta atividade dentro do cronograma (DA 13,14 e 15).

Diante das colocações, é possível observar um esforço do docente em realizar uma prática pedagógica de acordo com PPI, porém sabemos que para

exercer esta prática de forma consistente é preciso reconhecer os diferentes tipos de atuação docentes existentes e suas características no modo de atuar, afim de superar os aspectos voltadas para uma atuação docente tradicional e/ou em desinvestimento acadêmico, e buscar uma aproximação com as características do professor inovador. Pensando nessas características, partiremos nesse momento na busca por compreender a forma que podemos desenvolver os conhecimentos teóricos e práticos dentro de uma perspectiva inovadora.

Seguindo o desenvolvimento do nosso roteiro de viagem, partiremos agora para outro ponto, a relação da **teoria e da prática** durante o processo de ensino e de aprendizagem.

Guias mais experientes Silva e Bracht (2012), falaram sobre os conceitos de uma PPI e salientaram a necessidade de trabalhar de forma vinculada os conhecimentos teóricos e práticos.

[...] inovar os conteúdos da Educação Física, ampliando-os para além dos tradicionais esportes, tematizando outras manifestações da cultura corporal de movimento, além de considerar como conteúdos de aula os aspectos ligados ao conhecimento sobre a cultura corporal de movimento, como conhecimentos fisiológicos, antropológicos, sociológicos etc. tratando-os contextualizadamente, portanto, articulando teoria e prática (Bracht; Silva, 2012, p. 82-83).

Sabemos que as aulas teóricas assim como as práticas, podem ser desenvolvidas em diferentes locais da escola, inclusive na própria quadra. Durante esta viagem, assumimos o risco de trabalhar as aulas teóricas majoritariamente dentro da sala de aula. Assumimos esse risco por entender que de acordo com o ambiente que tínhamos disponível, essa era a melhor opção, visto que nossa escola possui apenas uma quadra e temos 3 professores de Educação Física que trabalham ao mesmo tempo. Se uma classe está na quadra, as outras acabam ocupando espaços improvisados ao redor dela para realizar as suas atividades ou acabamos dividindo a quadra. Deste modo, dentro da quadra fica com um barulho grande e quando se faz necessário uma explicação um pouco mais detalhada, dificulta no entendimento do grupo e exige mais da voz do docente.

Levando em consideração as informações sobre a quadra e junto a isso os recursos que a sala de aula pode nos proporcionar, como a possibilidade de utilizar o projetor e lousa que não temos na quadra, a sala de aula foi o local

escolhido para aula com uma densidade teórica maior. Porém, isso não significa que não tivemos conhecimentos teóricos sendo realizados na quadra.

Ficar na sala de aula, por qualquer que seja o motivo, nem sempre é bem recebido pelos alunos, que acabam tendo uma certa aversão de realizar as aulas de Educação Física dentro deste espaço físico. Lembrando que, tradicional e infelizmente, a Educação Física é o único componente curricular que tem o hábito de “sair da sala de aula” durante o período letivo.

Ouçó a Luísa dizer:

- Não sei porque vocês estão comemorando, nós não vamos para a quadra, a aula vai ser na sala (DA 03 e 04).

E quando esta situação acontece, acabam ficando ansiosos para terminar o mais rápido possível o que estão fazendo para irem para a quadra.

Neste momento Giovana faz um comentário:

- Que bom que vai ser em grupo, assim acaba mais rápido e ainda dá tempo de ir para a quadra, alguns alunos concordaram com a fala dela (DA 03 e 04).

Em uma outra aula, a mesma situação acaba se repetindo.

Bianca se manifesta:

- Vamos professor! Pode começar o vídeo, que assim vamos mais rápido para a quadra.

O grupo tem sede de ir logo para a quadra e ainda acredita que ficar na sala de aula é perda de tempo para as aulas de Educação Física (DA 05 e 06).

Deste modo, é preciso constantemente dialogar com o grupo e explicar os motivos desta escolha e qual é a intensão de estarmos na sala de aula. Conforme os alunos adquirirem esse entendimento, facilita o trabalho futuro com a turma, fora do ambiente da quadra.

Como esse é o primeiro ano que estou ministrando aula para esses alunos, conversando com eles sobre as experiências deles nos anos anteriores, eles relataram que tinham apenas aulas na quadra e, em sua maioria, voltadas para as atividades livres. Desta forma acredito que a falta de experiências anteriores deles relacionadas à Educação Física com aulas estruturadas e com atividades teóricas além das práticas contribuíram para esse tipo de sensação da sala (DA 03 e 04).

Para os guias Silva e Bracht (2012), o ensino deve ser realizado de forma que a teoria e a prática sejam vinculados e vice e versa, os alunos devem ser estimulados a realizarem as atividades práticas e refletirem sobre elas (Silva; Bracht, 2012).

Os alunos registraram as palavras no caderno e o como elas são utilizadas no jogo de tênis. Após a finalização dos registros por todo o grupo, fomos para a quadra.

Já na quadra o objetivo era realizar os movimentos de *backhand* e *forehand*. Expliquei de forma simples para os alunos que no *forehand* a palma da mão que está com a raquete fica voltada para frente quando realizamos o golpe (DA 11 e 12).

Deste modo, dentro desta perspectiva de PPI, procuramos proporcionar aos alunos atividades que fossem além da repetição dos gestos técnicos ou apenas a prática por si só. Buscamos envolver os alunos nas atividades de modo que eles, conseguissem utilizar os seus conhecimentos teóricos e práticos de forma integrada.

Vitória durante o jogo me perguntou:

- Professor, se eles tiverem aqui perto da rede já posso lançar a bola direto lá fundo?

Aproveitei a pergunta dela, e pedi um minuto de atenção da classe para refletirmos sobre a pergunta.

Fiz a mesma pergunta para a turma. Podemos jogar a bola lá no fundo se a dupla de oponentes estiver aqui na frente?

Fagner: - Claro, pois assim fica mais difícil deles pegarem.

Vitória continua: - Mas já na primeira jogada?

Quando a aluna diz "Primeira jogada" ela está se referindo ao saque.

Cristiano Ronaldo continua: - Sim, ele que escolheu ficar lá, podemos jogar em qualquer lugar. Não é professor?

Aproveito o retorno da pergunta do Cristiano Ronaldo e explico para o grupo, que no nosso jogo não determinamos a área de saque, portanto podemos sacar em qualquer lugar [...] (DA 09 e 10).

Na tentativa de buscar uma relação entre os saberes, os alunos são estimulados a colocar em prática o que já aprenderam nas aulas anteriores.

- Professor, a bola pegou na linha? Vale ponto?

Retorno a pergunta para o grupo, nós vimos nas regras da aula passada. Linha é dentro ou fora? Messi responde:

- Linha é dentro.

Falo com toda a turma sobre a necessidade de relembramos o que já aprendemos nas aulas anteriores e colocar em pratica nesta aula (DA 07 e 08).

Em outro recorte da nossa viagem, podemos ver essa situação sendo repetida. No processo de ensino e de aprendizagem, estimulamos os alunos a

sempre que for necessário revisitar uma informação anterior para ajudar na compreensão dos acontecimentos do momento.

Amanda: - Professor, é de terra essa quadra?

Informo para a Amanda e para o grupo que essa quadra é de saibro. Pergunto se eles lembram dos outros pisos que vimos nas aulas anteriores.

Giovana diz: - Tem de grama, eu acho!

Confirmo a resposta da Giovana e falo para grupo que tem mais um. O grupo tenta lembrar o outro piso. Mas sem sucesso. Daí pergunto, onde jogamos?

Cristiano Ronaldo responde: - Na quadra.

Concordo com o Cristiano Ronaldo e dou continuidade, isso o piso que tem na nossa quadra é similar ao terceiro piso do tênis, que é o piso duro de quadra (DA 16 e 17).

Realçamos nesses recortes algumas das atitudes que realizamos afim de proporcionar uma relação entre os conhecimentos teóricos e práticos e vice e versa. Depois de explorar mais um ponto turístico da nossa viagem, chegou a hora de seguimos em frente, agora em direção a outra atração a **avaliação**, este é um ponto turístico muito visitado pelos guias e tripulantes. Ele pode ser visto de diferentes formas de acordo com o guia que o apresenta. Considerando o impacto da avaliação direta para o aluno:

Defendemos que a avaliação é um processo mais amplo que atribuir uma nota. Na verdade, avaliar é um processo que procura auxiliar o aluno a aprender, mais e melhor. Em outras palavras, avaliar é mais complexo do que tomar exclusivamente o desempenho dos alunos em uma prova e considerá-lo aprovado ou reprovado, mesmo porque cada aluno chega à escola e às práticas corporais com certo nível de conhecimento, carregando experiências anteriores e com características pessoais (Darido, 2012, p. 127).

Considerando a avaliação para o docente, diferentes guias já deixaram as suas contribuições sobre esse ponto turístico. Silva e Bracht (2012) relataram que o docente inovador se debruça sobre as possibilidades da avaliação e busca utilizar diferentes instrumentos avaliativos. “[...] utilizar diferentes formas de avaliação que envolvam o aluno nas decisões do que avaliar, como avaliar e, mesmo, no próprio ato de avaliação (auto-avaliação)” (p. 83).

Enquanto isso, segundo Darido (2012), as avaliações dos docentes tradicionais/esportivistas enfatizam a medição, o desempenho das capacidades físicas, as habilidades motoras e tendem a utilizar medidas antropométricas e

testes físicos. Além disso, possuem características de avaliar o desempenho do aluno em relação ao esporte, domínio dos fundamentos e táticas, sem considerar o conhecimento prévio do aluno. Essas avaliações ainda são marcadas pela falta de explicações para os alunos sobre o que estava sendo avaliado e muitas vezes não têm nenhuma relação com o conteúdo desenvolvido durante as aulas (Darido, 2012).

Uma guia experiente e com um grande representatividade nesse ponto turístico, propôs certa vez a seguinte reflexão: “Se a avaliação na vida tem gosto de recomeçar, de partir para melhor, de fazer muitas outras tentativas, por que, na escola, se mantem o significado sentencioso, de constatação, provas de fracasso, periodicidade rígida?” (Hoffmann, 2009, p. 171).

As avaliações realizadas dentro da nossa unidade didática foram desenvolvidas de forma dialogada com o grupo. Busquei informar para os alunos, o modo que nossas avaliações iriam acontecer e também o que estava sendo avaliado.

Logo na conversa inicial com o grupo sobre como aconteceria o desenvolvimento da nossa unidade didática, informei que não haveria uma prova tradicional “estilo simulado” que normalmente é realizada em nossas aulas. Informei que a avaliação aconteceria no decorrer das aulas de acordo as atividades que foram programadas ao longo da unidade didática, através de observação constante da participação, envolvimento e evolução de conhecimento dos alunos em relação ao tema. Os alunos ficaram surpresos com o fato de não ter uma prova escrita.

Durante o desenvolvimento das atividades busquei sempre trabalhar de forma dialogada com os alunos, estimulando os mesmos a refletirem sobre os seus conhecimentos e utilizei desses momentos de trocar para avaliar os alunos.

Enzo diz: - Professor, pode jogar a bola no meio dos pés? O Fagner está fazendo isso!

Respondi para ele: - A bola caiu dentro da quadra?

Enzo: - Sim!

Eu: - Então, vale. O objetivo do jogo é justamente jogar em local que dificulte a devolução. Fica fácil devolver quando a bola vai entre os seus pés?

Enzo: - Não.

Eu: - Então essa é uma boa estratégia de ataque. Você não acha?

Enzo: - Sim! Vou começar a fazer isso (DA 13,14 e 15).

Junto a isso, utilizei das atividades de protagonismo dos alunos, onde os mesmos tinham o poder de criar, modificar e ou adaptar para identificar sua compreensão sobre o tema e compor a avaliação dos mesmos.

Informo para o grupo que devemos tentar criar um jogo baseado no tênis de campo de acordo com as nossas necessidades.

Esta atividade tem como o objetivo proporcionar para os alunos o protagonismo na elaboração do jogo, dando ao grupo poder de decisão (DA 18 e 19).

Além disso também fiz uso de algumas atividades de registro individual e em grupo que também auxiliaram no processo de avaliação.

Já na sala peço para os alunos realizarem um registro do que acharam da nossa unidade didática.

O grupo troca informações entre si, e Amanda me pergunta se pode falar com os colegas ou é igual na prova que não pode conversar. Falo para o grupo que eles podem relembrar e trocar ideias com os colegas, porém cada aluno deve relatar o que ele pensa e não o que o seu colega pensa (DA 18 e 19).

No primeiro momento para facilitar pedi que os alunos fizessem individualmente para todos terem oportunidades de criar e explorar a sua criatividade. Pois algumas vezes quando trabalhamos em grupo, os “líderes” acabam sempre tendo um protagonismo nas decisões. Após alguns minutos pedi para a turma que agora fossem lidas as propostas de cada um e assim o grupo iria decidir como seria o nosso jogo em consenso. (DA 18 e 19).

Apesar de buscar diferentes formas de avaliar, acredito que esse ainda seja um ponto que necessito realizar avanços e progredir nos estudos. Confesso que durante a demanda desta pesquisa e as diferentes preocupações com a unidade didática, com os prazos, as questões relacionadas à avaliação acabaram que de certo modo não obtendo toda a minha atenção. Não consegui realizar nenhum *check list* de observação, por exemplo, que poderia me auxiliar na avaliação dos alunos em relação à compreensão de determinados aspectos da modalidade. Desta forma apesar de buscar utilizar diretrizes da avaliação de acordo com uma PPI, sei da necessidade de me aprofundar sobre este tema.

O último ponto turístico explorado nesta categoria (que também poderia ser o primeiro, já que trata da programação e organização da viagem) é o do **cronograma**. Apesar deste ponto turístico não ser relatado nos manuais produzidos por guias mais experientes que tivemos acesso em relação às PPI. Para

este trabalho, achamos que foi relevante para o desenvolvimento da unidade didática.

Diante disto, nos apoiamos no relato trazido por Fensterseifer e Silva (2011) onde indicam a necessidade de conhecer o trabalho realizado por professores que procuram desenvolver uma prática pedagógica inovadora: “A proposição de ouvir os professores que realizam uma prática pedagógica considerada inovadora em Educação Física, com vistas a conhecer alguns elementos que, na sua ótica, contribuem na realização dessas práticas” (p. 121).

Iremos apresentar o ponto turístico cronograma, este ponto turístico nada mais é que um cronograma simples da nossa unidade didática que foi apresentado no início dos trabalhos para os alunos afim de deixá-los informados de como iria acontecer o desenvolvimento das nossas aulas. Nesse cronograma os alunos tinham acesso ao tema da aula, à atividade que seria desenvolvida, o dia que a mesma iria acontecer e o local da escola onde seria desenvolvida a atividade (ver quadro 2: Síntese da Unidade Didática, na página 42).

Deste modo, esse cronograma serviu para apresentar para os alunos os acontecimentos que estavam previstos no nosso planejamento inicial, o que para a nossa prática foi algo inovador, pois normalmente o único que detinha essas informações ao longo do desenvolvimento da unidade didática era o professor.

Importante lembrar que:

Movimento que assume um caráter inovador na especificidade da tradição deste componente e que também deve levar em conta os contextos em que se desenvolve, o que significa afirmar que algo pode ser inovador em determinado contexto e não em outro (Fensterseifer; Silva, 2011, p. 122).

Sendo assim, utilizamos dessa prática pedagógica inovadora para o nosso grupo. Na primeira aula da unidade didática os alunos registraram o cronograma em seus cadernos e tiveram a possibilidade de acompanhar o desenvolvimento de toda a unidade didática.

Para os alunos ficarem a par dos acontecimentos futuros, passei na lousa o cronograma das atividades previstas para o desenvolvimento desta unidade didática e pedi para copiarem no caderno. Essa foi a primeira vez que passei o cronograma e pedi para registrarem no caderno. Os alunos a princípio tiveram um estranhamento sobre o porquê copiar o cronograma. Já aproveitei e expliquei para turma que o cronograma iria facilitar a compreensão sobre o que realizaríamos em cada aula. Desta forma, todos saberão com antecedência o que irá acontecer, podendo se preparar para as atividades (DA 01 e 02).

O *start* para passar este cronograma para todos os alunos, veio através de uma solicitação por parte dos professores do atendimento especializado da escola, que em certa ocasião me pediram para tentar antecipar as informações para um aluno autista que se sentia mais confortável para realizar as atividades quando já sabia o que iria acontecer de forma antecipada. Refletindo sobre essa necessidade específica deste aluno, resolvi ampliar essa informação para todo o grupo, pois achei que poderia surtir um efeito positivo para todo o grupo.

Visto que corriqueiramente um ou outro aluno perguntava qual seria a atividade que iríamos desenvolver, se iríamos para quadra ou não e isso acabava gerando uma certa ansiedade em parte dos alunos. Achei que o cronograma poderia auxiliar a todos.

Chegando na sala hoje, a maioria dos alunos já sabiam o que estava por vir e logo foram dizendo:

- Professor, hoje tem quadra?

Luísa disse:

- Temos uma parte na sala e outra na quadra.

Neymar diz:

- Hoje tem jogo de lançar e agarrar.

O grupo estava animado por ir para a quadra. Percebo que o fato de já terem um cronograma indicando o que vai ser realizado na aula ajudou a classe a se preparar para a aula, evitando as perguntas constantes se vamos ou não para quadra ou qual atividade vai ser realizada (DA 05 e 06).

Mesmo tendo acesso às informações com antecedência, isso não significa que todos vão estar atentos ao que vai acontecer.

Comecei a montar o projetor e pedi para os alunos abrirem o caderno.

Neste momento Enzo pergunta:

- Mas nós vamos fazer lição, não íamos para a quadra?

Neste momento o grupo também se manifestou:

- Está no cronograma: É depois, primeiro é as regras do jogo (Isadora e Marta).

Letícia diz:

- Nossa o professor acabou de falar.

Respondo para o Enzo que vamos ver um vídeo, realizar as anotações mais importantes e depois vamos para a quadra realizar os jogos de agarrar e lançar (DA 05 e 06).

O cronograma exerceu um papel de facilitador para todos os envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem, proporcionando uma

compreensão de onde estamos, onde vamos chegar e até os ajustes necessário para um melhor aproveitamento da unidade didática.

Saio satisfeito com o resultado final, pois os alunos conseguiram realizar a construção do material e gostaram bastante de usá-lo. Mas fico pensativo sobre a capacidade das turmas que estão no 6º ano em realizarem a construção deste material em apenas uma aula. Penso que para uma utilização desta unidade didática no futuro seja necessário acrescentar mais tempo para a conclusão desta atividade dentro do cronograma. (DA 13,14 e 15)

Contudo é possível afirmar que para o desenvolvimento da nossa unidade didática o cronograma exerceu um papel interessante auxiliando tanto os alunos como o próprio docente.

Logo a dúvida pairou pela turma e os questionamentos de outros alunos apareceram, perguntando uns para os outros se a aula seria na sala. Antes de responder a dúvida da classe, fiz uma pergunta ao grupo.

- Qual é a atividade que esta proposta no nosso cronograma?

Luísa logo respondeu:

- Sala.

Jéssica completou olhando o cronograma em seu caderno:

- Vamos falar sobre a origem do tênis e o local é a sala de aula (DA 03 e 04).

A aula já começou a todo vapor, antes mesmo de entrar na sala alguns alunos já vinham me afirmando que hoje nós teríamos aula só na quadra. Isso por conta do cronograma que os alunos estão seguindo e que já previa que na data de hoje as atividades seriam apenas na quadra (DA 07 e 08).

Apesar de todo planejamento em volta das atividades dentro do nosso cronograma, ainda assim tivemos algumas surpresas em relação ao seu andamento e foi preciso ajustá-lo durante a viagem. Passando assim por mais um pequeno perrengue em nossa viagem.

A construção aparentemente parece simples, porém, o grupo finalizou a construção apenas no final da segunda aula. Não sendo possível praticar durante a nossa aula. Como indicado anteriormente, foi a primeira vez que trabalhei com eles a construção de algum material, de maneira geral o grupo apresentou dificuldades de realizar ações que aparentemente eram básicas, isso me surpreendeu muito. Eu imaginava que os alunos já fossem mais independentes para realizar esse tipo de atividade.

Porém, como eu já sabia que a professora da última aula não estaria na escola, utilizamos a última aula para fazer a parte prática da aula. Ou seja, a conclusão desta aula acabou sendo em 3 aulas. Felizmente para nós, tivemos essa oportunidade de dar mais uma aula, que foi imprescindível para darmos continuidade e andamento no desenvolvimento da atividade (DA 13,14 e 15).

[...] fico pensativo sobre a capacidade das turmas que estão no 6º ano em realizarem a construção deste material em apenas uma aula. Penso que para uma utilização desta unidade didática no futuro seja necessário acrescentar mais tempo para a conclusão desta atividade dentro do cronograma (DA 13,14 e 15)

Deste modo, apresentamos aqui a categoria denominada *pré-jogo* e como ela se desenvolveu durante a nossa pesquisa, durante nossa discussão buscamos demonstrar como os códigos pertencentes a essa categoria foram importantes de planejar e executar o trabalho do tênis de campo levando em consideração as PPI.

#### 4.2 Nosso Jogo

Nesta categoria buscamos trazer reflexões sobre os conceitos que podem interferir diretamente no desenvolvimento das atividades e no “nosso jogo”, deste modo docente e discentes devem voltar suas atenções aos detalhes presentes em cada proposta. A categoria foi nomeada como “nosso jogo”, pois foi moldada a partir da reflexão dos elementos que a compõem e de que maneira eles poderiam ser explorados seguindo os conceitos de uma PPI. É composta pelos seguintes códigos: **lógica externa**, **lógica interna**, **adaptações** e **protagonismo discente**. Pensando na viagem que iniciamos na categoria anterior, os guias nesse momento devem se preocupar com o modo com que o grupo vai explorar cada “ponto turístico”/atividade.

Assim como nas viagens, sabemos que os pontos turísticos/atividades podem ser explorados de diferentes formas e o intuito dentro da nossa unidade didática foi propor e explorar atividades que fossem capazes de nos aproximar das PPI.

Iniciaremos nossas reflexões a partir das lógicas externa e interna. A planejar uma unidade didática é possível identificarmos os aspectos que cercam e compõem essa temática. A partir daí é preciso um olhar atento para identificar quais das informações e ações são necessárias para atingir as expectativas traçadas no planejamento.

Pensando na temática escolhida na nossa pesquisa, o tênis de campo, iniciaremos as reflexões em torno da **lógica externa** que permeia a modalidade. González e Bracht (2012) guias experientes, relataram a importância

de explorar as lógicas externas dentro da escola, apontando a necessidade de identificar e considerar os significados culturais, sociais, políticos e econômicos que a modalidade exerce e sofre na sociedade.

Diante do exposto, a lógica externa foi trabalhada durante as nossas aulas, afim de promover a reflexão do grupo em questões que afetam a prática do tênis de campo. No nosso primeiro relato sobre as lógicas externas, falaremos sobre a questão cultural e comportamental que envolve a modalidade:

Coloquei os primeiros dois games do jogo da final do Rio Open 2022. Ao começar o vídeo o aluno Lucas comenta:

- Professor parou de sair o som.

Pausei o vídeo e informei para o grupo, que o som continuava funcionando. Porém, diferente de outros esportes, na maioria das narrações do jogo de tênis, o narrador não fala nada durante o ponto, ele fica em silêncio. Ele fala apenas quando o ponto termina, assim como a torcida, que permanece calada durante o ponto e só vibra ao final do ponto. O grupo acha estranha a atitude do narrador e da torcida.

Helena diz: - Que chato ninguém fala nada, fica em silêncio.

Messi: - No futebol que é bom, a torcida canta, grita.

Falamos sobre a cultura e a características de cada modalidade esportiva, sendo então essa forma de assistir jogo de tênis. Exploramos nesse momento da aula um pouco sobre a lógica externa da modalidade. Expliquei para o grupo, que essa dinâmica é respeitada e caso a torcida não respeite, o árbitro pede silêncio e interrompe o jogo até que seja respeitada a ordem. Os jogadores precisam de muita concentração, muito silêncio e (quase) nada de barulho (DA 11 e 12).

Aproveitamos esse momento para discutir sobre o comportamento dos jogadores, árbitros, torcedores e da mídia no tênis de campo e em diferentes esportes. Este não foi um momento pré-planejado, porém, aproveitei a fala do aluno para explorar o tema com a turma. O professor que utiliza das práticas pedagógicas inovadoras deve estar atento e aberto às necessidades apresentadas pela turma. Os alunos debateram sobre o tema e buscaram entender o comportamento dos envolvidos.

Podemos ainda refletir sobre o caráter sociológico deste momento da nossa aula, trazendo para a discussão Bourdieu (1983), quando busca compreender o que leva os indivíduos a gostar, praticar e consumir uma modalidade esportiva em detrimento de outra. Diante dos acontecimentos da aula, é possível identificar que, para esse segmento da sociedade (os alunos da escola pública), o tênis de campo e a cultura que o cerca, pouco foi ofertado ou consumido.

Diante disto, inferimos que a falta de conhecimento do grupo em relação à cultura da modalidade se deu pela ausência de oportunidades de contato

com o tênis de campo, pois conforme informações passadas anteriormente, apenas duas alunas já haviam tido contato. Outra informação importante é a de que na comunidade onde os alunos residem e na própria cidade, não há nenhuma quadra pública destinada ao tênis de campo e nem “escolinhas” gratuitas.

Em outro momento das nossas aulas, o comportamento voltou à cena. Chegou o dia tão aguardado pelos alunos, o dia do “passeio”, o dia intitulado por eles como “o dia do passeio”. Foi o dia que visitamos uma quadra particular de tênis de campo, localizada em uma parte nobre da cidade. O local conta com duas quadras de saibro destinadas à prática do tênis de campo e oferece aulas particulares da modalidade e horários para sua locação.

As atividades fora do ambiente escolar normalmente são cercadas de euforia pelos alunos e uma certa tensão para os professores. Antes mesmo de chegar na sala de aula, alguns alunos que me encontraram no pátio da escola, já vieram até mim falar que haviam trazido a autorização e que, portanto, eles iriam para o “passeio”. Já queriam saber se já estávamos indo... O ônibus já chegou? Preciso levar minha bolsa? demonstrando todo o entusiasmo. Por outro lado, a tensão por parte do professor, pois é uma grande responsabilidade sair com os alunos da escola e correr riscos, como uma criança se perder do grupo ou se machucar, qual comportamento terão durante a viagem e quando chegarem ao local de destino?

Chegando na quadra foi preciso esperar, pois a mesma ainda estava ocupada. Enquanto aguardávamos o nosso momento de utilizar a quadra, assistimos ao jogo que estava acontecendo no mesmo local.

O grupo conversa e faz algumas brincadeiras em um som desproporcional para o ambiente, mas totalmente dentro do tamanho da euforia do grupo. Nesse momento falo:

- Pessoal quando assistimos o vídeo do jogo de tênis, como a torcida estava? Falando durante o jogo ou em silêncio?

Bianca logo responde: - Em silêncio. O grupo concorda com a afirmação da colega e eu continuo.

Exatamente, desta forma precisamos diminuir o nosso barulho para não atrapalhar o jogo. Essa é uma característica dessa modalidade e nesse momento nós somos o público e devemos respeitar os jogadores. O grupo acata o combinado e observamos o jogo (DA 16 e 17).

Compreender o modo de interação entre os diferentes atores da modalidade e forma que sua atuação acontece, ajudam a compreender a

modalidade esportiva e ampliar os seus conhecimentos para além dos proporcionados pelas vivências práticas (González; Bracht, 2012).

A visita possibilitou ainda outras reflexões sobre a lógica externa da modalidade. As questões de acesso aos locais públicos para prática do esporte também foram abordadas:

Pergunto para o grupo se alguém conhece alguma quadra na cidade gratuita de tênis? Os alunos refletem sobre a pergunta mais ninguém conhece.

Pergunto para grupo então se conhecem alguma quadra poliesportiva gratuita. A turma toda se manifesta e fazem apontamentos das diferentes quadras que conhecem. Deste modo falo com o grupo que no nosso país, o tênis não é um esporte tão popular quanto o futebol, o vôlei e o basquete. Deste modo é muito comum vermos quadras voltadas para essas modalidades ao invés do tênis (DA 16 e 17).

Aproveito o momento para aprofundar a nossa reflexão em torno dos locais públicos disponíveis e como a falta de acesso pode impactar na nossa prática.

Falo com os alunos sobre as questões sociais e econômicas relacionadas a modalidade do tênis. O tênis é um esporte que ainda não é acessível para todos no nosso país, pois a maioria das quadras de tênis são particulares, ou seja, é preciso efetuar um pagamento para poder utilizá-la (DA 16 e 17).

Os alunos ficam curiosos sobre o assunto e sabendo que estávamos indo para uma quadra particular, questionam o valor que foi investido para utilizarmos a quadra.

A turma me questiona quanto estou pagando para jogarmos na quadra onde estamos indo? Informo ao grupo que o proprietário não cobrou nada, quando entrei em contato com ele e informei que era para realizar uma atividade da escola, ele gentilmente cedeu esse horário sem custo para nós (DA 16 e 17).

Durante nossa jornada ainda tivemos outras reflexões referente às lógicas externas da modalidade, como as questões econômicas que também foram trazidas para debate. As questões econômicas que normalmente cercam o tênis de campo, não são as mesmas da nossa comunidade escolar. Os alunos foram levados a refletirem sobre essas questões e o modo que elas afetam a prática da modalidade.

Durante o percurso para a visita à quadra externa foi possível observar no diálogo dos alunos, uma distância entre as realidades deles/nossas e a do local onde estávamos. Os alunos ficaram surpresos com o tamanho e a forma das casas, que ocupavam quase meio quarteirão. A quadra que visitamos fica em uma área da cidade de classe média alta.

Será que as crianças que residem nesta localidade da cidade, possuem um entendimento sobre o tênis de campo distinto dos alunos da nossa escola, pois apesar de residirem na mesma cidade, ainda existe uma lacuna econômica grande entre os dois grupos. Bourdieu (1983), aponta para um entendimento que o apreço pela modalidade pode estar cercado pelas oportunidades que lhe são oferecidas, deste modo será que o grupo que se encontra mais próximo à quadra de tênis, pode ser mais estimulado a praticar e a consumir esta modalidade.

A cidade não conta com local gratuito para prática específica do tênis de campo, deste modo, fica difícil dos alunos que não têm acesso à quadra particular consumirem a modalidade, mesmo como espectadores. Outra forma de consumo que podemos refletir é através das mídias, levando em consideração a televisão ou internet como meios de comunicação mais populares e acessíveis, podemos imaginar que um consumo através delas seja similar para todos, porém, mais uma vez acabamos caindo na questão econômica relacionada ao acesso. Apesar da televisão e da internet estarem presentes na maioria dos lares e nos celulares, os jogos de tênis de campo, geralmente, não são transmitidos em canais abertos, ou seja, gratuitos. Tais jogos, normalmente são transmitidos em canais fechados que demandam de uma assinatura paga para se ter acesso, deste modo mais uma vez a poder econômico pode afetar no acesso e no consumo da modalidade.

Porém a questão econômica nesta modalidade não se limita apenas ao acesso ao local, os materiais utilizados também podem ter um impacto direto na prática do tênis de campo. Os alunos tiveram curiosidade para saber o valor das raquetes e tivemos a possibilidade de refletir sobre o assunto.

Neymar pergunta: - Quanto custa uma raquete professor?

Respondo: - Varia muito Neymar, as mais simples podem sair um pouco mais de 100 reais, mas existe raquete que custa mais de R\$1.500,00.

Neste momento o grupo faz comentários sobre os valores das raquetes.

Lilian diz: - Nossa, muito caro. Prefiro jogar com a de papelão. Se referindo à raquete que produzimos.

Enzo diz: - Ah, eu queria ter uma raquete, mas é muito cara.  
Damos continuidade após a turma refletir sobre as raquetes (DA 18 e 19).

Após o grupo refletir sobre o custo e o benefício de ter uma raquete para a prática do tênis de campo, aproveito para trabalhar uma outra característica que estrutura as PPI, que é a utilização de materiais e locais alternativos. Falo que não necessariamente precisamos utilizar uma raquete oficial ou quadra oficial para conseguir desenvolver os nossos jogos. Quando tratarmos especificamente do subcódigo de adaptações abordaremos mais a fundo essas questões.

Os guias González e Bracht (2012), abordam os conhecimentos que devem ser desenvolvidos na Educação Física escolar e indicam que se faz necessário refletir sobre a influência que o esporte tem sobre a sociedade assim como a influência da sociedade sobre o esporte. É preciso aproximar os alunos desses conhecimentos, de modo que eles consigam identificar e interpretar como essa relação acontece na sua vida, na sua comunidade e no mundo.

Outra relação que exploramos foram as questões relacionadas aos gêneros. Iniciei o assunto com o grupo através de vídeos.

[...] passei alguns pequenos vídeos de jogos de tênis de campo: simples feminino e masculino, duplas femininas, duplas masculinas e mistas (DA 09 e 10).

Após apresentar os vídeos busquei levar o grupo para analisar quem realiza e pratica o tênis de campo.

Instiguei o grupo para as questões relacionadas ao gênero. Quem praticava? Eram apenas mulheres? Apenas homens? Jogavam juntos?

Marta diz: - Tinha homem, mulher e também teve um que eles jogavam juntos.

Concordei com a Marta e dei continuidade, explicando que no tênis de campo tem várias possibilidades de praticar, simples masculino e feminino, duplas feminina, masculina e mista. Ou seja, homens e mulheres podem praticar inclusive em campeonatos oficiais separados ou juntos (DA 09 e 10).

Darido (2012), guia experiente, falou sobre a importância de se trabalhar as questões de gênero:

Estar atento às questões de gênero durante as aulas de esporte é uma forma de ajudar os jovens a construir relações com equidade e respeito pelas diferenças, somando e complementando o que os

homens e as mulheres têm de melhor, compreendendo o outro e, com isso, aprendendo a serem pessoas mais abertas e equilibradas (Darido, 2012, p. 100).

Com essa turma até o presente momento, não havíamos tido nenhum caso de discriminação por conta de gênero. Solicitei uma reflexão do grupo, então, sobre os esportes praticados de forma mista.

Perguntei se eles conheciam outro esporte que homens e mulheres jogavam juntos?

Messi diz: - Futebol, no treino do “Tiana” (equipe da cidade), tem uma menina que treina com a gente.

Amanda diz – Aqui na escola também jogamos juntos. O grupo trouxe alguns exemplos de prática mista fora do ambiente profissional. Tentei levar o grupo a refletir a prática do esporte profissional de forma mista. Mas vocês já viram na TV um jogo de futebol, tipo copa do mundo mista? Ou campeonato brasileiro de futebol com um time misto? Ou uma partida de vôlei, basquete misto? O grupo refletiu rapidamente e buscou na memória, mas logo responderam que não. Que era só masculino ou só feminino (DA 09 e 10).

Ainda buscando por reflexões e diálogos com o grupo, tentei aprofundar o tema:

O que vocês acham desse tipo de prática?

Marta logo se manifesta: - Acho legal porque assim tem mais oportunidade pra todo mundo jogar.

Messi ergue as sobrancelhas com a minha pergunta, com uma cara de não aprovar muito a ideia. Então pergunto diretamente para ele o que ele pensa.

- Bom, acho bom. Com uma certa hesitação.

Durante a nossa roda de conversa nenhum aluno chegou a se declarar contra a prática de esportes de forma mista, mas ainda assim era possível ver alguns rostos desconfiados.

As atividades práticas também foram em torno da diversificação na composição das duplas.

As trocas nas composições das duplas ocorreram de forma tranquila, procurei colocar os grupos com número ímpar, pois desta forma a cada vez que voltava para fila se formava uma nova dupla. Utilizei esta dinâmica para evitar que uma única dupla se mantivesse durante toda atividade, o intuito era formar duplas sempre novas, aumentando assim suas possibilidades de parceiros.

Não tivemos nenhum problema nas formações de duplas dentro do mesmo gênero ou mista (DA 09 e 10).

Conforme mencionado anteriormente, as nossas aulas foram pautadas em aproximar as atividades práticas e a reflexão, os conhecimentos procedimentais dos conceituais e atitudinais. Diante disto, após realizar o jogo, procuramos dialogar sobre ele e seus acontecimentos.

Imaginei que teríamos mais problemas com a aceitação dos alunos em relação ao esporte misto profissional, porém, não foi a manifestação que tivemos na sala de aula. Ao falarmos sobre o tema, o grupo se mostrou a aceitar os esportes misto, inclusive os mais tradicionais.

A aceitação nas aulas práticas com a formação das duplas mistas não me surpreendeu, pois esta já é uma prática comum nas nossas aulas, times formados de forma mista independe da modalidade (DA 09 e 10).

Ao propor as atividades mistas, buscamos nos distanciar de uma prática tradicional que normalmente prioriza a participação dos meninos em detrimento das meninas. Porém, apenas promover a inclusão das meninas nas atividades não garante o acesso aos saberes; é preciso ir além, conscientizando os alunos da importância e da necessidade de ambos os gêneros participarem ativamente das atividades. É preciso discutir sobre como essas práticas acontecem nas aulas e na sociedade e, assim, nos aproximamos das práticas pedagógicas inovadoras.

Diferentes guias já se debruçaram sobre esta necessidade:

[...] a bibliografia também é bastante contundente sobre a necessidade de não medir esforços para que os alunos tenham oportunidades equitativas de ter sucesso nas aulas. Um ponto central das propostas é contemplar a diversidade dos alunos e criar um clima colaborativo nas aulas de tal forma que os estudantes possam dar e receber ajuda de seus colegas (Darido; González; Ginciene, 2018, p. 115).

[...] não aborda a igualdade entre os sexos, e sim a equidade, tendo como objetivo criar um clima tal que permita o desenvolvimento integral: afetivo, social, intelectual, motor, psicológico, sem o prejuízo em relação ao gênero, ou seja, uma escola para a formação do sexo feminino e do sexo masculino que valorize as diferentes contribuições e habilidades independentes de sexo (Costa; Silva, 2002, p. 48).

Diferentes guias (Costa e Silva, 2002; Neira, 2010; Fensterseifer; Silva, 2011; Silva; Bracht, 2012; Farias; Nogueira; Maldonado, 2017; Souza Júnior, 2018) já escreveram sobre a importância de primar pela participação de todos dentro das atividades e da necessidade de promover oportunidades iguais entre os gêneros.

Nesse sentido, compreendemos que o convívio de meninos e meninas nas aulas deve ser adotado e incentivado pelos docentes, buscando constantemente estabelecer um ambiente de respeito mútuo e solidariedade, no qual as diferenças físicas não se constituam em diferenças de acesso a uma participação efetiva nessas aulas (Souza Junior, 2018, p. 155).

Após a reflexão do grupo, procurei levar informações a respeito dessa prática.

Dei continuidade a aula falando, que a grande maioria dos esportes de alto rendimento não utilizam de práticas mistas e que essas práticas mistas são mais comuns em esportes amadores. Porém isso está mudando e outras modalidades além do tênis de campo também estão implementando competições mistas como na natação e no atletismo (DA 09 e 10).

Ao abordar o tema buscamos trazer para os alunos as questões de gêneros que acontecem não somente dentro do esporte, mas sim dentro das mais distintas atividades sociais, econômicas e de lazer, presentes na sociedade. As atividades desenvolvidas em aula têm o intuito de romper com as divisões presentes na sociedade entre os meninos e as meninas. Sabemos que essa questão não se resolve de forma simplória nem mesmo de forma rápida, mas entendemos que ao proporcionar essas reflexões dentro das nossas aulas, nós podemos contribuir com a sociedade para que um dia essas divisões acabem.

Há de assumir que existem diferenças, e elas não podem ser negadas, porém, tais diferenças devem ser mostradas e discutidas em favor de uma proposta de desenvolvimento da cidadania, do respeito e da tolerância. O convívio, a reflexão e discussão diários sobre as diferenças e semelhanças poderão trazer muitas contribuições na formação de cidadãos críticos e atuantes (Souza Júnior, 2007, p. 79).

Deste modo buscamos explorar a lógica externa da modalidade ligada à realidade do aluno propondo reflexões sobre o modo que ela acontece em outros contextos.

Seguimos nossa viagem cheio de euforia, com atenção voltada para os pontos turísticos, iremos explorar agora a **lógica interna** da modalidade.

Diversos guias já refletiram sobre esse ponto turístico e possuem diversas contribuições para nossa viagem. González (2006), evidencia que a lógica interna das modalidades esportivas, são definidas pelas características relacionadas ao desempenho motor presentes nas mais diferentes situações do

jogo, levando em consideração as características táticas, técnicas, os fundamentos básicos da modalidade e as regras.

Segundo o guia Cabello (2000), a lógica interna do tênis de campo está relacionada com o ato de golpear a bola, com a intenção de que a mesma passe pela rede e caia na quadra do oponente, com objetivo de conquistar o ponto.

Levando em consideração as informações trazidas pelos guias mais experientes, buscamos desenvolver uma unidade didática que fosse capaz de explorar a lógica interna da modalidade tênis de campo usando as características das PPI.

Partimos do entendimento que as modalidades esportivas podem ser trabalhadas na escola a partir da prática do jogo. Deste modo, o jogo ganha papel central no desenvolvimento das nossas aulas e seguimos uma das orientações trazidas pelo guia Paes (2002), na qual aponta para uma pedagogia esportiva sustentada pelo jogo, onde se joga para aprender.

É possível observar nos diários de aulas, onde relatamos os acontecimentos vivenciados em nossas aulas, que o jogo esteve presente nas aulas 1,2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19 abrangendo assim a maioria das nossas aulas.

O jogo em nossa prática, teve o papel de conduzir o conhecimento dos alunos, realizamos diferentes jogos com o intuito de compreender a lógica interna da modalidade tênis de campo e superar o ensino tradicional e tecnicista.

Deste modo, o jogo teve o papel de conduzir o conhecimento dos alunos, além de superar o ensino tecnicista, que normalmente utiliza da estratégia de fragmentar a modalidade esportiva, partindo das atividades mais simples para as mais complexas, para que apenas mais adiante aconteça a integração das atividades e sejam realizados os jogos (Ginciene; Impolcetto, 2019).

Na tentativa de realizar um ensino que utilize as PPI, ao realizar o jogo, buscamos explorar a compreensão do sistema tático da modalidade. O aluno é levado a refletir sobre suas ações e as consequências delas no decorrer do jogo.

O Guga e Bia me chamam:

- Professor, temos uma estratégia. É só jogar nos cantos porque aí não dá tempo deles chegarem antes da bola pingar duas vezes.

Converso com eles, demonstrando que a estratégia usada por eles é interessante pois faz com que o oponente se desloque na quadra.

Neste momento paro a atividade prática, reúno toda a turma para falar um pouco sobre a lógica interna do jogo de tênis. Para isso uso a estratégia do Guga e da Bia. Reúno o grupo todo para conversar.

Falo para turma da estratégia passada pelos alunos e completo dizendo que essa é uma boa estratégia, pois no tênis nós precisamos criar espaços vazios na quadra. Cada vez que lançamos a bola perto da linha estamos mais pertos de conquistar o ponto, pois mesmo que o ponto não aconteça nesta jogada, ao deslocarmos o jogador para perto da linha e mesmo assim ele consiga devolver bola, ainda temos uma boa jogada, pois conseguimos abrir um espaço na quadra para tentar concluir a jogada no próximo lance (DA 05 e 06).

Nesse sentido, não basta o aluno apenas saber realizar determinado golpe (“*forhand*” ou “*backhand*”), é preciso compreender o princípio tático do jogo. Compreendendo, assim, qual a melhor estratégia para aquela situação.

Pergunto também o que podemos fazer para marcar ponto?

Fagner : - Tem que fazer a bolinha pingar mais de uma vez.

Respondo: - Certo Fagner. E qual estratégia podemos utilizar para conquistar esse objetivo?

Guga, aluno que já tínhamos conversado durante a aula, se manifesta: - Tem que fazer o outro jogador correr de um lado para o outro, para ele não conseguir pegar a bola.

Volto a concordar com Guga: - Isso mesmo fazer o adversário se deslocar pode ser uma boa estratégia para conquistar o ponto.

Neste momento chamei a Anitta, uma aluna que já tinha compreendido a forma de jogar e de explorar os locais vazios da quadra para demonstrar algumas possibilidades comigo.

- Pessoal se o objetivo é deslocar o adversário precisamos tentar fazer ele se locomover não apenas para um lado e para o outro, mas também para frente e para traz. Pode nos ajudar a conquistar o ponto.

Joguei alguns pontos com a Anitta tentando explorar essas variáveis, bolas longas e curtas, na direita e na esquerda. Foi muito bacana esse momento, a turma vibrou com os pontos e conseguiu entender ainda mais a dinâmica do jogo (DA 05 e 06).

Impolcetto e Ginciene (2019) guias experientes na área, ressaltam a importância de trabalhar a compreensão dos princípios táticos dos jogos, já que essa compreensão por parte dos alunos, proporciona para eles o protagonismo do seu próprio jogo. Os alunos se tornam independentes e conseguem identificar qual a melhor estratégia ou jogada utilizar em cada ponto.

Os apontamentos feitos por Impolcetto e Ginciene (2019), vão ao encontro às indicações realizadas por outro experiente grupo de guias González, Darido e Oliveira (2017), que salientaram sobre a necessidade de realizar atividades que sejam capazes de explorar a autonomia e independência dos alunos na tomada de decisão nas jogadas.

Pensando na ampliação dos saberes, a partir dessa autonomia, os alunos são capazes de levar esses conhecimentos para outras modalidades que contêm as mesmas características do tênis de campo. Seguindo, assim, uma

proposta de atuação mais próxima às PPI e buscando superar as práticas tecnicistas.

Ao falar sobre a prática tecnicista, os guias Borelli *et al.* (2023), relataram que os docentes pertencentes a esse grupo, pouco levam em consideração a lógica interna no momento que estão desenvolvendo suas aulas; questões como o desafio, a imprevisibilidade e o desequilíbrio não são estimulados em aulas, o enfoque recai para a execução da técnica perfeita, golpes e gestos motores estereotipados e isolados.

Durante as nossas aulas, os gestos motores foram apresentados para os alunos, porém, em nenhum momento o intuito era a busca da técnica perfeita ou a reprodução de gestos estereotipados. A apresentação dos golpes se deu com o intuito de ampliar o repertório motor do grupo, para facilitar o desenvolvimento dos jogos. Possibilitando, durante o desenvolvimento das aulas, uma compreensão dos aspectos táticos do jogo e as técnicas que melhor se enquadravam para cada demanda que jogo lhe apresentava.

Falo com o grupo sobre como as intenções dos jogos são diferentes, o primeiro tínhamos pouca mobilidade e maior preocupação para com golpe que estávamos realizando, já no segundo jogo o deslocamento é muito maior. Neste momento vamos assimilar a necessidade de se deslocar para recuperar a bola (DA 07 e 08).

Guias experientes, Impolcetto e Ginciene (2019), realizaram uma pesquisa e sistematizaram alguns princípios táticos dos esportes de rede e parede. Nessa sistematização os guias trabalharam a partir de um problema tático e diante disto procuram atividades que fossem capazes de resolver esses problemas. Os problemas foram classificados da seguinte maneira: construir o ataque, ganhar o ponto, defender o espaço e defender contra um ataque.

Seguindo essa linha de atividades com características inovadoras, buscamos proporcionar para os alunos momentos de reflexões sobre os problemas apresentadas no jogo.

- Pessoal quando vocês estão devolvendo a bola, vocês têm algum alvo determinado ou apenas realizam a devolução para qualquer lugar? Alguns alunos respondem que devolvem para qualquer lugar.

Julia diz:

- Eu jogo no que for mais fácil.

Amanda diz:

- Os meninos só jogam para eliminar as meninas. O Cristiano Ronaldo e Lucas principalmente.

Cristiano Ronaldo se defende e diz que não tenta eliminar somente as meninas.

[...] falo que a partir de agora o nosso jogo vai começar a ser mais direcionado, a partir da nova regra imposta no jogo. A regra diz o seguinte: se um jogador conseguir ficar 5 rodadas diretas no campo 4 ele se tornará o rei do campeonato.

Após a explicação pergunto para o grupo:

- E agora, em qual campo devemos jogar a bola?

Messi diz:

- Precisamos jogar a bola só no campo 4 para tentar eliminar ele. E quando estamos no 4 podemos jogar em qualquer um.

Concluo a fala de Messi:

- Pessoal agora o importante para quem não está no campo 4, é tentar lançar o maior número de jogadas nesse campo, pois assim terá mais chances de eliminar esse jogador.

A turma volta para o jogo, agora com uma estratégia mais definida de jogo. Logo nas primeiras rodas já vê uma movimentação dos alunos tentando lançar mais a bola para o campo 4. Depois de uma sequência de várias bolas contra o seu campo que é o 4 neste momento, Lilian diz:

- Assim não vale! Fica 3 contra 1.

Isso é um sinal que o grupo compreendeu o sentido do jogo e procurou realizar movimento mais direcionados ao invés de realizar uma rebatida sem pensar (DA 07 e 08).

Ao elaborar e realizar os jogos propostos na nossa unidade temática, o objetivo sempre foi de romper com os padrões de ensino encontrado nas práticas pedagógicas tradicionais e se aproximar de uma PPI. Seguimos a nossa viagem explorando outras características encontradas nos nossos pontos turísticos.

A partir de agora abordaremos as questões relacionada as **adaptações**. Esse ponto turístico tem uma relevância significativa no nosso trabalho, pois, sem as adaptações, ficaria basicamente inviável trabalhar com o tênis de campo nas nossas aulas.

As adaptações que utilizamos nessa pesquisa buscaram tornar a prática do tênis de campo possível de ser desenvolvida em uma escola municipal, que não possui uma quadra específica de tênis, nem materiais suficientes para todos os alunos realizarem a atividade prática ao mesmo tempo. Diante disto, foi preciso usar a adaptações como uma das estratégias para tornar viável o ensino de tênis de campo na nossa escola.

Guias veteranos ao trabalhar o tênis de campo também já utilizaram de diferentes estratégias e adaptações durante o ensino de tênis de campo. Cortela (2012) indicou que a utilização de adaptações de materiais no ensino do tênis de campo favoreceu a implementação da modalidade ao ambiente escolar.

González, Darido e Oliveira (2017) também se utilizaram das alterações nas regras, na área de jogo e no material com o objetivo de ampliar as possibilidades de ensino utilizando o tênis de campo.

Tendo como base as informações do grupo de guias experientes e levando em considerações os recursos disponíveis na nossa escola para desenvolver o tênis de campo, buscamos alternativas que fossem viáveis e plausíveis para desenvolver a nossa unidade didática.

Pensando primeiramente em termos práticos, se fossemos realizar o ensino do tênis de campo, baseado no jogo profissional e/ou midiático, ficaria quase que impossível durante as aulas regulares de Educação Física. Visto que os jogos oficiais são realizados com no máximo 4 jogadores em quadra (duas duplas), além disso a quadra na qual o jogo profissional acontece tem as medidas maiores que a quadra que temos na escola. Desta forma entramos em conflito de aproveitamento, pois seguindo o esporte oficial estaríamos utilizamos um grande espaço para apenas poucos alunos. E os demais alunos? Simplesmente ficariam esperando e sem atividades da aula? Esse não parece ser o objetivo central das aulas de Educação Física de um modo geral e, em particular, na perspectiva das PPI. Ao contrário, proporcionar que um número maior de alunos participe cada vez mais das aulas e atividades práticas.

Diante disto, foi preciso buscar alternativas relacionadas a diferentes fatores que cercam a modalidade, como local, materiais e regras afim de construir uma prática que fosse adequada para a nossa necessidade.

Iniciaremos falando da alteração do espaço físico do jogo. Logo nas primeiras aulas, os alunos já foram apresentados para a mudança na configuração da quadra, esse *layout* da quadra foi usado em várias atividades. Invertemos o sentido que normalmente utilizamos a quadra e, deste modo, conseguimos criar quatro minis quadras e as linhas foram demarcadas por cones. É possível visualizar está alteração nas imagens 2 e 3.

Imagem 2: Quadra com as redes montadas.



Fonte: O autor.

Imagem 3: Quadra com as redes.



Fonte: O autor.

Chegando na quadra peço ajuda para os alunos para montarmos as redes e logo as redes estão montadas. Os cones que fazem a demarcação das linhas estão no lugar. Foram feitas 4 quadras (DA 05 e 06).

O objetivo de mudar a disposição da quadra, foi criar mais espaços para os alunos jogarem. Se fossemos realizar um jogo com a quadra em seu tamanho e sentido habitual, conseguiríamos colocar poucos alunos praticando de cada vez e a grande maioria da turma ficaria apenas como espectadora. Já com a nova disposição da quadra, aumentamos significativamente o número de alunos realizando a prática, deixando assim todos envolvidos com a atividade e diminuindo o risco de desinteresse pelo tempo ocioso.

Um grupo de guias Valentini *et al.* (2009) pontuou que docentes com método de ensino tradicional acabaram cometendo alguns equívocos quanto à forma e maneira de compreender o ensino do tênis de campo na escola. Segundo os autores, essa parcela de docentes acredita que para realizar o ensino da modalidade é preciso ter materiais e local específicos.

Utilizando de uma PPI procuro evidenciar para os alunos que não necessariamente precisamos de uma quadra específica de tênis para praticar a modalidade.

Lembro ainda os alunos que apesar de não ter uma quadra oficial disponível gratuita, nós podemos adaptar o jogo e realizarmos em outros locais. Desta forma a falta de um local específico não deve ser um impedimento para a nossa prática. Dou o exemplo para os alunos que podemos utilizar as quadras poliesportivas disponíveis pela cidade e adaptarmos para jogar o tênis, igual fazemos na nossa escola (DA 16 e 17)

Na busca de superar o entendimento dos docentes tradicionais, buscamos alternativas para tornar nossas aulas atrativas e possíveis, seguindo os conceitos da modalidade. Durante nossos jogos realizamos outras adaptações, como a mudança na forma de pontuar, levando em consideração a duração da nossa aula e o número de alunos que tínhamos praticando a atividade. Deste modo, optamos por alterar a forma de pontuar, dando um dinamismo para a atividade, pois se seguimos a pontuação oficial a rotatividade dos alunos seria prejudicada.

Pelo número grande de alunos e a necessidade de fazer todos participarem de forma ativa na aula e ficarem pouco tempo como

expectadores, os pontos dentro no nosso jogo foram computados de forma diferente do tênis oficial. A cada jogada era computado um ponto, esse ponto indicava que o jogador venceu o jogo (DA 05 e 06).

As alterações da quadra e na forma de pontuar foram estratégias usadas para ampliar o número de participação de cada aluno, porém, as adaptações não estavam ligadas apenas à quantidade ou ao tempo de participação dos alunos. Buscamos, também, explorar adaptações que fossem capazes de ampliar as condições de aprendizagem e de compreensão de jogo. Uma das adaptações propostas nesse sentido foi a utilização de bolas de diferentes tamanhos e pesos durante as atividades.

Os guias Ginciene, Impolcetto e Darido (2017), indicavam as possibilidades proporcionadas pelo uso de diferentes bolas durante o desenvolvimento das atividades.

Bolas de plástico ou espuma, leves e grandes também são apropriadas, em especial para os alunos nas fases iniciais e com pouca habilidade. Este tipo de bola costuma ser mais lenta, o que contribui para que os alunos tenham mais tempo para se movimentar, se posicionar e fazer o jogo fluir (Ginciene; Impolcetto; Darido, 2017, p. 516).

Durante as nossas atividades buscamos trabalhar com bolas de tamanhos e pesos diferentes, afim de facilitar a atividade em alguns momentos para os alunos.

A cada 5 minutos era feito um rodizio e os grupos trocavam de oponentes e de bolas. Tínhamos uma bola de vôlei (figura 10) conforme já relatado, uma bola de borracha firme com um diâmetro menor que a de vôlei (figura 11), mas com um bom quique. Havia também uma bola de borracha com uma textura mais flácida (figura 12) e que quicava pouco e uma bola tênis (figura 13) (DA 05 e 06).

Além disso, os alunos eram estimulados a compreender a trajetória e tempo gasto por cada tipo de bola.

Informe para o grupo que as bolas eram diferentes, para tentarmos entender o tempo de deslocamento de cada bola, o quanto ele pinga no chão. E que isso é importante para treinarmos o tempo de bola e que o tempo de bola é um fator importante para o jogo de tênis (DA 05 e 06).

A utilização de materiais alternativos não ficou apenas na bola, as raquetes também entraram nessa dança:

[...] a raquete que fica basicamente colada na mão, ajudou bastante os alunos. O fato de ter escolhido também uma bola menor e mais leve também foi outro fator que ajudou a todos conseguir realizar os golpes. (DA 13, 14 e 15)

Ao utilizar os materiais adaptados precisamos ficar atento sobre a capacidade de jogar com cada um deles, afim de garantir que atividade seja realizada de modo satisfatório e atinja a expectativa do jogo.

Essa observação foi feita por um grupo de guias experientes:

A escolha da raquete terá influência direta na escolha das bolinhas. Por exemplo, raquetes de plástico, papelão ou arame com meia calça não terão bons resultados se jogadas com bolinhas de tênis. Estas últimas são muito duras e pesadas para esses materiais. Logo, as raquetes de madeira são opções mais adequadas para essas situações (Ginciene; Impolcetto; Darido, 2017, p. 515).

O tênis de campo é um esporte que se utiliza de um implemento para golpear a bola, a raquete, porém nem todas as escolas possuem este material. Na nossa escola tínhamos 12 raquetes, todas doadas em uma ação realizada em parceria do professor/pesquisador com um grupo de praticantes de tênis. Mas a falta deste material não deve ser vista como um impeditivo de praticar o tênis de campo.

Afim de suprir a falta do material, realizamos uma produção de raquetes alternativas durante as nossas aulas, cada aluno produziu a sua de papelão em um formato de palmar, é possível visual as raquetes produzidas na figura 22 do diário de aula 13, 14 e 15.

Imagem 4: Raquetes produzidas pelos alunos.



Fonte: o autor.

A princípio houve um certo receio da turma sobre se as raquetes iriam mesmo “funcionar” ou dar certo:

Eliza me perguntou: - Professor, nós vamos construir uma raquete? Confirmei para ela que sim, e ela continuou. Uma raquete igual à que jogamos?

Informei a aluna que não. Que a raquete que iríamos fazer era uma raquete diferente. Feita de papelão e sem um cabo para segurar, nós iríamos apenas encaixar a mão.

Os alunos estranharam um pouco a informação. Foi possível escutar comentários:

- Raquete de papelão!

- Ah então não é uma raquete mesmo.

Aproveitei para falar mais com a turma sobre a utilização dos acessórios e como podemos adaptar de acordo com as nossas necessidades. Falei sobre a possibilidade de trocar o tamanho e peso da bolinha assim como pode utilizar as mais distintas raquetes. (DA 13, 14 e 15)

A partir do momento em que as primeiras raquetes começaram a ficar prontas, o grupo foi tendo outro sentimento sobre o material que acabaram de produzir.

Anitta uma das primeiras a terminar, já estava ansiosa para começar a jogar. Pegou uma bolinha de papel e começou a rebater na sala (DA 13, 14 e 15).

No momento da aula prática os alunos estavam entusiasmados. Depois de todo o trabalho para confeccionar a raquete, havia chegado o momento de utiliza-la (DA 13, 14 e 15).

Na aula prática, os alunos se divertiram com as raquetes e todo o preconceito/estranhamento que tiveram com o material no início da aula foi de certo modo quebrado.

Aproveitei para falar com o grupo que o legal nesta atividade era eles perceberem que não precisamos apenas de raquetes oficiais para jogar o nosso tênis, podemos usar materiais alternativos e o jogo ainda sim acontece e continua sendo divertido (DA 18 e 19).

As adaptações dos materiais ainda podem levar os alunos a outras reflexões relacionadas a outros códigos já explorados nesta pesquisa, como é o caso presente neste recorte de um dos nossos diários de aula, onde foram tratadas a questão dos materiais adaptados e dos recursos econômicos:

Lucas: - Professor, acho bom ser assim, porque eu prefiro jogar com raquete de mão e na minha casa eu também não tenho raquete oficial. Aproveito o momento para falar novamente com os alunos sobre as questões econômicas, que já havíamos falado em outro momento nas aulas anteriores.

- Bem lembrado Fagner, nem todos nós temos uma raquete profissional em casa. Eu por exemplo não tenho, mas isso não significa que não podemos ou devemos praticar o tênis. Pois como você já sabem, podemos explorar os materiais alternativos como a raquete que construímos. A raquete oficial do tênis tem um custo mais elevado do que a que produzimos, porém conseguimos jogar o nosso jogo com ambas (DA 18 e 19).

No final de todo o processo de construção da raquete, os alunos acabaram me surpreendendo pelo tamanho do sucesso que as raquetes produzidas por eles tiveram. Com uma matéria prima que todos têm acesso, que é o papelão, a confecção das raquetes conseguiu conquistar a turma:

Vale ressaltar que eu fiquei particularmente surpreendido com o efeito causado na turma pela raquete de mão, os alunos estão trazendo as raquetes para jogar durante o recreio, teve aluno que já produziu novas raquetes em casa e outros que se encontraram na rua para jogar juntos. Esta atividade foi um sucesso com a maioria do grupo (DA 18 e 19).

Além da utilização das raquetes durante as nossas aulas, os alunos passaram a ter o material para vivenciar o tênis fora do ambiente escolar, ampliando as possibilidades de incorporar a modalidades em suas atividades.

As adaptações podem ser diversas quando falamos de Educação Física escolar e não se prende aos aspectos físicos e matérias. Elas também podem ser realizadas na estrutura da modalidade como, por exemplo, nas regras, sempre afim de aprimorar o processo de ensino e de aprendizagem.

Durante as nossas aulas, realizamos diversas adaptações nas regras e buscamos deixar evidente quando esse processo aconteceu nas aulas, informando aos alunos da mudança que houve e o objetivo delas terem acontecido:

- Essas são as regras oficiais, significa que nas nossas aulas temos que usar somente desta forma ou podemos fazer alguma mudança para atender os nossos objetivos?

Messi responde rapidamente:

- Nas nossas aulas podemos mudar as regras, igual foi feito no vôlei.

A turma concorda com ele, e eu complemento: isso mesmo, apesar destas serem as regras oficiais do esporte tênis, durante as nossas aulas nós podemos e vamos adaptar as regras de acordo com o nosso objetivo (DA 05 e 06).

Acreditamos que é importante informar para os alunos como as regras acontecem no jogo oficial, assim como é importante fazer os alunos refletirem sobre a necessidade de aplicar todas essas regras dentro do contexto educacional que estamos.

[...] as regras oficiais têm que ser seguidas em campeonatos oficiais e, dentro das nossas aulas, podemos modifica-las para ajudar nos nossos objetivos (DA 05 e 06).

Aproveito o retorno da pergunta do Cristiano Ronaldo e explico para o grupo, que no nosso jogo não determinamos a área de saque, portanto podemos sacar em qualquer lugar, porém era importante eles lembrarem que no jogo oficial existe a área de saque e que no momento do saque a bola deve tocar apenas dentro desta área.

Neste momento esta regra não fazia muito sentido de ser empregada em nosso jogo devido à habilidade do nosso grupo. Se colocássemos essa regra o jogo perderia muito, pois a maioria dos pontos ficaria por conta desta situação (DA 09 e 10).

Os guias Ginciene, Impolcetto e Darido (2017), salientaram a importância das adaptações durante o ensino do tênis de campo no ambiente escolar e suas contribuições para fora dele:

Além disso, toda a fase de adaptação do tênis para sua inserção na escola pode ser positiva para mostrar as formas que os alunos podem ter para se apropriar e disseminar essa prática no bairro e em casa, criando, recriando e resignificando o que foi vivenciado na escola para as condições locais e materiais que estiverem ao seu alcance (Ginciene, Impolcetto e Darido, 2017, p. 518).

Dito isto, todas as adaptações realizadas durante as nossas aulas, foram no intuito de promover a melhor experiência possível para os nossos alunos em relação ao ensino e ao aprendizado da modalidade do tênis de campo, visando uma autonomia para sua prática dentro e fora do ambiente escolar.

Neste sentido, a **autonomia discente** é o último código que abordaremos nessa categoria. Durante as nossas aulas foram inúmeras as atividades e ações voltadas para proporcionar a autonomia do aluno, sendo buscada em diferentes situações como na compreensão da forma em que o jogo pode ser desenvolvido dentro e fora do ambiente escolar:

Aproveito o retorno da pergunta do Cristiano Ronaldo e explico para o grupo, que no nosso jogo não determinamos a área de saque, portanto podemos sacar em qualquer lugar, porém era importante eles lembrarem que no jogo oficial existe a área de saque e que no momento do saque a bola deve tocar apenas dentro desta área.

Neste momento esta regra não fazia muito sentido de ser empregada em nosso jogo devido à habilidade do nosso grupo. Se colocássemos essa regra o jogo perderia muito, pois a maioria dos pontos ficaria por conta desta situação (DA09 e 10).

Nos momentos de escuta onde a opinião de cada um era levada em consideração e principalmente na busca de colocar o docente e o discente no mesmo patamar, sem diminuir os conhecimentos dos alunos e sem omitir as obrigações e deveres do professor-pesquisador.

Proponho no início do jogo que o saque aconteça de dentro da quadra, com passar do tempo o grupo pediu para sacar da linha do fundo e assim fizemos (DA 16 e 17).

As atividades foram desenvolvidas em consonância entre os conhecimentos do docente e dos discentes, todos tinham voz para opinar e buscar adequar a atividade da melhor maneira para o grupo.

Durante o jogo alguns alunos pedem para trocar a bola de jogo. Iniciamos a atividade com a bolinha de tênis e depois a pedido e aceitação do grupo mudamos para uma bolinha de plástico daquelas utilizadas em piscina de bolinha e que já havia sido usada em outra aula pelos alunos. Outra regra alterada durante o jogo é que cada grupo podia tocar a bola entre si antes de devolver para o outro lado, como se fosse um jogo de vôlei. Porém sem um limite de número de toque (DA 18 e 19).

No segundo momento, trocamos algumas regras do jogo, tirando o pingô do jogo e colocando uma outra bola de plástico no lugar. O jogo continuou muito interessante (DA 13, 14 e 15).

Foram dezenas de ações voltadas para esse objetivo, porém, gostaria de destacar a criação do “nosso jogo”, que ocorreu na nossa última aula da unidade didática. Dentro desta aula tivemos diferentes situações onde os alunos puderam expressar suas opiniões:

No primeiro momento para facilitar pedi que os alunos fizessem individualmente para todos terem oportunidades de criar e explorar a sua criatividade. Pois algumas vezes quando trabalhamos em grupo, os “líderes” acabam sempre tendo um protagonismo nas decisões (DA 18 e 19).

[...] teve aluno que escolheu raquete oficial, mas a grande maioria optou pela raquete de mão construída pelo grupo em uma das aulas anteriores (DA 18 e 19).

Discutir com o grupo sobre as possibilidades:

Após alguns minutos pedi para a turma que agora fossem lidas as propostas de cada um e assim o grupo iria decidir como seria o nosso jogo em consenso (DA 18 e 19).

Após a discussão do grupo sobre o número de jogadores o grupo decide que vão ser 5 jogadores por equipe.

O número de jogadores foi 5 pois em um dos momentos de argumentação Rita diz que ser for dupla vai ter menos tempo para cada um jogar (DA 18 e 19).

#### Trocar conhecimentos:

Informo para o grupo que devemos tentar criar um jogo baseado no tênis de campo de acordo com as nossas necessidades.

Esta atividade tem como o objetivo proporcionar para os alunos o protagonismo na elaboração do jogo, dando ao grupo poder de decisão (DA 18 e 19).

#### E se reconhecer dentro da atividade:

O grupo não criou um nome específico para o jogo, chamaram apenas de “nosso tênis”, mas dava para sentir o pertencimento do grupo ao jogo. Os alunos tinham e demonstravam ser os autores do jogo, não estavam indo na quadra para praticar o tênis que eles já haviam realizado em outras oportunidades, mas sim, estavam indo jogar um jogo criado, pensado e proposto por eles, para eles. Era algo muito mais íntimo deles, mais próximo, transmitiam uma sensação de pertencimento aquele jogo, aquelas regras e tudo que cercava a atividade (DA 18 e 19).

A guia veterana Darido (2012), fez algumas colocações em relação ao tema:

Já a autonomia pode ser estimulada quando o professor lhes oferece a possibilidade de: escolha dos times; definição dos agrupamentos, distribuição pelo espaço; participação da construção e adequação de materiais; elaboração e modificação das regras etc. Inclui-se, ainda, o espaço para discussão das melhores táticas, técnicas e estratégias. Em outras palavras, a autonomia é facilitada quando se estimula o aluno a participar das discussões e reflexões em aula (Darido, 2012, p. 99).

Esse momento para mim, como docente e pesquisador, foi o mais impactante, pois pude ver os alunos demonstrando tudo que haviam aprendido durante essa unidade didática.

A aula termina e fico ainda por ali refletindo sobre tudo que passou, na aula de hoje pude ver os alunos propondo alterações para um jogo que até pouco tempo, poucos tinham praticado. Me sinto satisfeito não apenas

com essa aula, onde vi que além de propor alterações, os alunos tinham argumentos para suas propostas (DA 18 e 19).

O protagonismo dos alunos, também foi explorado quando os mesmos assumiram outras funções diferentes da de jogador, como, por exemplo, na arbitragem:

Combino com os alunos como vai ser a nossa dinâmica. Onde cada jogo vai ter a duração de 3 games e os alunos que estão de fora vão assumir o papel de juizes de linha, juiz principal e placar (DA 16 e 17).

Os guias Graça e Mesquita (2007), apontaram a relevância dos diferentes papéis no desenvolvimento e na autônoma dos alunos, pois ao exercerem tais papéis, os alunos precisam lidar com as obrigações, realizações e problemas presentes em cada um deles. Essas situações possibilitarão aos alunos terem tomadas de decisões e resolução de conflitos, contribuindo para o seu desenvolvimento e para que sejam protagonistas.

Estas situações além de serem exploradas por diferentes guias, também estão presentes na BNCC, em várias habilidades que devem ser abordadas durante o período escolar dos alunos. Utilizaremos como exemplos duas habilidades que estão diretamente ligadas ao nosso tema, compondo as pertencentes aos esportes de rede e parede e que se relacionam com o protagonismo discente:

(EF89EF01) o experimentar diferentes papéis de jogador, árbitro e técnico e fruir nos esportes de rede/parede, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo;

[...]

(EF89EF06) o verificar locais disponíveis na comunidade para a prática de esportes e das demais práticas corporais tematizadas na escola, propondo e produzindo alternativas para utilizá-los no tempo livre. (BRASIL, 2017, p. 237).

Diversas foram as formas de tentar construir um processo de ensino e de aprendizagem que seguisse os conceitos de uma PPI e colocasse os alunos no centro desse processo, como protagonistas. Buscamos proporcionar atividades que fossem significativas e prazerosas para todos. Procuramos fugir de atividades autoritárias, de uma prática obrigatória e sem sentido para os discentes.

No decorrer destas aulas procuramos criar uma relação de respeito entre professor-aluno onde houvesse aprendizagem, confiança e significado para todos os presentes nesse processo educacional.

Portanto, nesse capítulo, exibimos trechos da nossa pesquisa afim de expressar o modo que conseguimos explorar os conceitos pertencentes às práticas pedagógicas inovadoras (PPI) no desenvolvimento de uma unidade didática com a temática tênis de campo. Na sequência iremos apresentar as nossas considerações finais em relação à pesquisa realizada.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o objetivo desta pesquisa foi explorar as práticas pedagógicas inovadoras nas aulas de educação física a partir do tênis de campo, buscamos explorar um “roteiro de viagem” que se aproximasse das práticas pedagógicas inovadoras (PPI) em torno do ensino e da aprendizagem do tênis de campo. Para isso acontecer, foi realizada uma busca de artigos científicos que fossem capazes de auxiliar-nos na identificação dos possíveis indícios das PPI, servindo de base para orientar o nosso trabalho.

Além do objetivo geral já citado, a pesquisa contou com dois objetivos específicos, a saber: a) elaborar uma unidade didática (UD) sobre o tênis de campo, seguindo os indícios das PPI e, b) aplicar uma unidade didática sobre o tênis de campo, seguindo os indícios das PPI.

Desta maneira para cumprir com o primeiro objetivo específico, a elaboração da nossa UD, levamos em consideração os achados acadêmicos em relação às PPI, a experiência do professor/pesquisador e as características da escola e da turma do 6º ano onde a unidade foi aplicada. Deste modo procuramos desenvolver uma UD que fosse capaz de atingir as expectativas geradas em torno do tema.

Já o nosso segundo objetivo específico, aplicar uma UD sobre o tênis de campo, seguindo os indícios das PPI, aconteceu no decorrer do ano letivo de 2024, com 19 aulas de Educação Física e nos gerou muito trabalho, pois além da necessidade de colocar em prática a nossa unidade didática, durante a atuação era preciso ainda conseguir separar momentaneamente o professor do pesquisador e vice e versa, pois apesar de serem a mesma pessoa, ainda assim era preciso ter um distanciamento dentro de cada função. Destacamos a dificuldade que foi de conseguir como pesquisador julgar e analisar a atuação como docente.

Nossa viagem até aqui não foi fácil, em um caminho cheio de descobertas. Felizmente tivemos excelentes guias que ajudaram a balizar e a traçar o nosso caminho. Apesar das dificuldades presentes em todas as fases da pesquisa, acreditamos que conseguimos colocar em prática o que nos propusemos desde o início do trabalho.

Aos futuros guias e viajantes gostaria de deixar aqui alguns alertas e possibilidades para viagens futuras que utilizem roteiros semelhantes a este em

suas viagens: fiquem atentos em alguns pontos positivos e negativos que tivemos na nossa experiência e, claro, tenham autonomia para decidirem o que acharem melhor com seus respectivos tripulantes/alunos.

Iniciando com os pontos positivos, podemos citar que na nossa viagem fez muita diferença compartilhar com todos os tripulantes o nosso roteiro de viagem (cronograma das aulas), desta forma ao disponibilizar com antecedência uma preliminar do que iria acontecer, possibilitou que a turma se organizasse e se preparasse para as atividades, além de diminuir a ansiedade e euforia em saber qual seria atividade realizada em cada momento. Apesar de ser uma ação simples, percebi o quão importante foi para a organização e realização de nossa viagem.

Outro fator que podemos destacar como positivo, foi a utilização dos jogos na maioria das nossas aulas, ou seja, o ensino através dos jogos se mostrou eficiente dentro da nossa jornada. Foi possível utilizá-lo para a compreensão da lógica interna da modalidade, assim como dos sistemas tático e técnico. Além disso, os jogos foram capazes de promover a participação e o engajamento de toda a turma durante o desenvolvimento da unidade didática. Foi um recurso importantíssimo que utilizamos.

Dentro dos pontos positivos, as adaptações realizadas foram essenciais para possibilitar a implementação da modalidade, através de adaptações do espaço de jogo, dos materiais utilizados, das regras, elevando o nível de compreensão dos alunos de como o jogo pode ser realizado de diferentes situações e ampliando a possibilidades de levar esta modalidade para fora dos muros da escola.

Outro fator que merece destaque é sobre o protagonismo discente. Nesta pesquisa buscamos explorar tal questão, na qual os alunos tinham voz e participação ativas dentro das aulas, suas sugestões eram consideradas, sendo possibilitadas em diferentes situações as tomadas de decisão por parte deles. Isto foi perceptível e enriquecedor ao longo de todo o processo da UD.

Durante a pesquisa procuramos colocar (Como? Fazendo o que? De que forma?) os alunos inseridos em diferentes etapas do processo de ensino e de aprendizagem, embora isso ainda não aconteça sempre nas aulas de Educação Física na escola, acreditamos que é fundamental. É preciso confiar mais nos alunos e na capacidade de assumirem o protagonismo. Isto poderá contribuir com a

autonomia deles em relação às práticas corporais e a outras tantas questões do dia a dia.

Já entre os fatores que poderiam ser melhorados e que percebemos após a análise da viagem, foi a parceria com outros componentes curriculares, que poderia ter sido mais explorada. Neste estudo realizamos uma parceria com a professora de Inglês, que se mostrou muito produtiva para os alunos, onde os mesmos puderam compartilhar os saberes que adquiriram nos dois componentes curriculares, mostrando assim que os conhecimentos podem ser agregados, não precisam ficar guardados na “caixinha da Educação Física” e na “caixinha do Inglês”, eles podem e devem se relacionar.

Nesta lógica das parcerias, acredito que para um planejamento futuro seria interessante, por exemplo, o envolvimento com o componente de Artes, onde poderíamos trabalhar em conjunto na confecção dos materiais alternativos, como raquetes e bolinhas. Neste trabalho produzimos uma raquete com material alternativo (papelão) que se mostrou muito eficiente e capaz de engajar a turma, havendo outros modelos de raquetes que também poderiam ser trabalhados, mas por falta de tempo optamos por não produzir. Talvez se tivéssemos explorado o tema em parceria com o conteúdo de Artes, poderíamos ampliar o número de materiais produzidos, aprendidos e vivenciados pelos alunos.

Outra parceria que também seria interessante seria com Língua Portuguesa, os alunos poderiam assumir outros papéis como os de jornalistas esportivos, produzindo assim matérias, entrevistas e relatórios dos nossos jogos. Vale lembrar que o fato de assumir diferentes papéis foi explorado nas nossas aulas, como jogador, juiz central, juiz de linha, placar (anotador), porém, não exploramos nada relacionado às mídias, que se fazem presentes nesta e em outras modalidades esportivas.

Confesso que para um professor que traz em sua bagagem uma visão como discente e até mesmo no início de carreira docente, uma didática mais centrada no professor, onde basicamente todas as decisões são tomadas por ele, me enxergo ainda como um professor de atuação mais diretiva. Porém, após a realização desta pesquisa, me sinto em condições de assumir esse desafio e “afrouxar as rédeas do controle” e compartilhá-las com os alunos, buscando progredir e realizar uma atuação docente mais dialogada com o grupo.

Diante disto, é preciso identificar as melhores estratégias para que essa participação se torne frequente, uma vez que os alunos são os mais afetados por todo esse processo, desta forma nada mais justo que eles participem ativamente de todo esse processo e sejam protagonistas do processo educativo em Educação Física.

Neste trabalho os alunos não participaram do planejamento, da elaboração do cronograma, pois as necessidades, prazos e afazeres do professor/pesquisador acabou não possibilitando essa experiência nesse momento. Porém, este é um processo que estamos sempre buscando evoluir, sendo assim, no futuro ao desenvolver essa e outras temáticas com outras turmas, pretendo implementar esse planejamento conjunto, favorecendo e ampliando o protagonismo dos alunos.

Sabemos que para isso acontecer na prática, é preciso superar os modelos de práticas pedagógicas tradicionais, onde o docente é o detentor do conhecimento e tem sempre o poder de decisão, para um modelo de ensino mais democrático onde todos os atores do processo de ensino e de aprendizagem estejam no mesmo patamar e que assim possam ter a oportunidade de dialogar sobre quais são as melhores estratégias educacionais para o grupo que pertencem.

De todo modo e como já indicado, nossa viagem não foi fácil, porém, trilhou um caminho cheio de descobertas e, felizmente tivemos excelentes guias que ajudaram a balizar e a traçar o nosso caminho.

O desejo é que a nossa viagem com todas as suas alegrias, descobertas e perrengues também seja capaz de auxiliar no roteiro da viagem de outros grupos. Sabemos que cada grupo precisa ter sua viagem planejada e pensada de acordo com as características de cada grupo, de cada destino e do que se espera explorar em cada ponto turístico.

Portanto, esse não é um manual de viagem que deva ser replicado a outros grupos de forma literal ou integral, mas esperamos que ele possa vir a ser útil para exemplificar e servir como um material de auxílio para outros viajantes.

Para isso, além da pesquisa aqui apresentada, elaboramos, como produto educacional, um vídeo sobre as práticas pedagógicas inovadoras e alguns aspectos que a cercam e que podem influenciar na atuação do docente. O mesmo encontra-se no link: <https://youtu.be/bqRsSg5vGIY>.

Por fim, indicamos que sejam realizados novos trabalhos em torno das práticas pedagógicas inovadoras (PPI) relacionadas com o ensino do tênis de campo na escola, para que essa temática se torne consolidada na EF escolar.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. *et al.* Perfil sociodemográfico, socioeconômico e esportivo de tenistas infantojuvenis brasileiros de elite. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 1., p. 65-78, 2018.
- BALBINOTTI, C.; BERLEZE, A. *et al.* O ensino do tênis: novas perspectivas de aprendizagem. **Artmed**. Porto Alegre, 2009
- BARROSO, A. L. R. Inquietações no tratamento do esporte na educação física escolar. In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DEL-MASSO, Maria Candida Soares (Orgs.). **Desafios da educação física escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF**. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2018.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. Notas de campo. *In: \_\_\_\_*. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Portugal, 1994, p. 150-195.
- BORELLI, L. M.; SILVA, L. F. N.; MIRANDA, J. M. Q.; SCAGLIA, A.J. Pedagogia do tênis: a influência do play and stay na didática e metodologia de treinadores e treinadoras da modalidade. **Corpoconsciência**, v. 27, e.14471, p. 1-14, 2023
- BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? *In: BOURDIEU, P.* **Questões de Sociologia**. Marco Zero, Rio de Janeiro, 1983, p.136-153.
- BRACHT, V. Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in)feliz. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.22, n.1. ed. Ijuí: Unijuí, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. Ministério da Educação; 2017.
- CABELLO M. D. **Análisis de las características del juego en el bádminton de competición: su aplicación al entrenamiento**. 2000. Tese (Doutorado) - Departamento de Educación Física Y Deportiva, Universidad de Granada, Granada, 2000.
- CARABALLO, C. Adora jogar futebol? Saiba onde encontrar campos abertos ao público no DF. **Agência Brasília**, 2022. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2022/10/04/adora-jogar-futebol-saiba-onde-encontrar-campos-abertos-ao-publico-no-df/>. Acesso em: 15 nov. 2024
- CBT. Confederação Brasileira de Tênis. A origem do Tênis a partir de Jeu de Paumel. **CBT**, 2024. Disponível em: <http://cms.cbtenis.com.br/cms/site.aspx/historia-tenis>. Acesso em: 15 nov. 2024.
- CHICATI, K. C. Motivação nas aulas de educação física no ensino médio. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 11, p. 97-105, 2008.
- CORTELA, C. C. *et al.* Iniciação esportiva ao tênis de campo: um retrato do programa play and stay à luz da pedagogia do esporte. **Conexões**, v. 10, n. 2, p. 214-234, 2012.

COSTA, M.R. F.; SILVA, R. G. A Educação Física e a CoEducação: igualdade ou diferença? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 43-54, jan., 2002.

DARIDO, S. C. A Avaliação da Educação Física na Escola. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA [UNESP]; UNIVERSIDADE VIRTUAL DO ESTADO DE SÃO PAULO [UNIVESP] (Org.). **Caderno de formação: formação de professores: didática dos conteúdos**. São Paulo: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação, 2012. v. 6. Bloco 2. p. 127-141.

DARIDO, S. C. **Relação entre ensinar a fazer e ensinar sobre o fazer na educação física escolar**. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF Disciplina: Problemáticas da Educação Física. 2018.

DARIDO, S. C.; GONZÁLEZ, F. J.; GINCIENE, G. O afastamento e a indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física escolar. In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DEL-MASSO, Maria Candida Soares (Orgs.). **Desafios da educação física escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF**. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2018.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coord.). **Educação Física na escola**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DESSBESELL, G. O envolvimento de docentes com diferentes perfis de atuação no processo de (re)formulação coletiva do plano de estudo da disciplina de educação física em uma escola de educação básica. In: **Relatório acadêmico apresentado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC/CNPQ**. Salão do Conhecimento, 2011.

FARIAS, U. S.; NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D. Entendimentos sobre a Educação Física Escolar: um convite às práticas pedagógicas inovadoras. In FARIAS, U. S.; NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D (Org.): **Práticas Pedagógicas Inovadoras nas aulas de Educação Física Escolar: indícios de mudanças**. Curitiba: CRV, 2017. p. 15-28.

FARIAS, U. S.; RODRIGUES, G. M.; CORREIA, W. R. Educação Física Escolar: discutindo a questão das práticas inovadoras. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 32, n. 1, p. 141-147, 2018.

FENSTERSEIFER, P. E.; SILVA, M. A. Ensaiando o “novo” em Educação Física escolar: a perspectiva de seus autores. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 119-143, 2011.

FPT, Federação Paraense De Tênis. **Conheça um pouco da história do tênis no Brasil**: federação Paranaense de Tênis originou a ideia da criação da CBT. FPT, 2020. Disponível em: <https://fpt.com.br/Noticias/Info/3427/historia-conheca-um-pouco-da-historia-do-tenis-no-brasil>. Acesso em: 15 nov. 2024.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, 2005.

- GARGANTA, J. O ensino dos jogos desportivos coletivos: Perspectivas e tendências. **Revista da escola de Educação Física**. n.8, p.19-27, 1998.
- GESA, R. A. M.; CORTELA, C. C.; BALBINOTTI, C.A.A.; GINCIENE, G. Retrato das disciplinas de tênis dos cursos de graduação em Educação Física do estado do Paraná. **Caderno Educação Física Esporte**. v.18, n.2, p.7-11,2020. <http://dx.doi.org/10.36453/2318-5104.2020.v18.n2.p11>
- GINCIENE, G.; IMPOLCETTO, F. M. Primeiras aproximações para uma proposta de ensino dos jogos de rede / parede: reflexões sobre o tênis de campo e o voleibol. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento** v.27, n.2, p.121– 132, 2019.
- GINCIENE, G.; IMPOLCETTO, F. M.; DARIDO, S. C. Possibilidades pedagógicas para o ensino do tênis na escola. **Conexões: Educação Física Esporte e Saúde**, Campinas: SP, v. 15, n.4, p. 497-512, 2017.
- GONZÁLEZ, F. J. Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica. *In*: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DEL-MASSO, Maria Candida Soares (Orgs.). **Desafios da educação física escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF**. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2018.
- GONZÁLEZ, F. J. Projeto curricular e Educação Física: o esporte como conteúdo escolar. *In*: Rezer R, editor. **O fenômeno esportivo: ensaios crítico-reflexivos**. Chapecó: Argos; 2006.
- GONZÁLEZ, F. J. Trabalho e Educação: O papel da Educação Física na atualidade. *In*: **SEMINÁRIO EM EPISTEMOLOGIA E EDUCAÇÃO FÍSICA E SEMINÁRIO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES**, 4, 2013. Santa Maria, Anais [...] Santa Maria, maio 2013.
- GONZÁLEZ, F. J.; BRACHT, V. Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos. Vitória: UFES, **Núcleo de Educação Aberta e à Distância**. 2012.
- GONZÁLEZ, F. J; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote: badminton, peteca, tênis de campo, tênis de mesa, voleibol, atletismo. 2. ed. Maringá: **Eduem**; 2017. 2 v.
- GRAÇA, A.; MESQUITA, I. A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.7, n. 3, p. 401– 421, 2007
- GRIZZO, A.; SILVEIRADE, E. O despertar de um herói: A saga e as conseqüências da primeira conquista de Gustavo Kuerten em Roland Garros, um marco para o tênis brasileiro. **Revista Tênis**, 2007. Disponível em: [https://revistatenis.uol.com.br/artigo/o-despertar-de-um-heroi\\_436.html](https://revistatenis.uol.com.br/artigo/o-despertar-de-um-heroi_436.html). Acesso em: 15 nov. 2024.
- HOFFMANN, J. **Avaliação Mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- ITF. Federação Internacional de Tenis. **ITF Global tennis report 2019**: A report on tennis participation and performance worldwide. ITF, 2019. Disponível em:

<http://itf.uberflip.com/i/1169625-itf-global-tennis-report-2019-overview/1> Acessado em: 15 nov. 2024.

ITF. International Tennis Federation. **Campanha ITF Tennis play and stay**.ITF,2024. Disponível em: [https://Tennis Play and Stay | ITF \(itftennis.com\)](https://Tennis Play and Stay | ITF (itftennis.com)). Acessado em: 15 nov. 2024.

LINHARES, C. Experiências instituintes na educação pública? Alguns porquês dessa busca. **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 16, n. 31, p. 139–160, 2017. DOI: 10.29286/rep.v16i31.5192. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/5192>. Acesso em: 10 dez. 2024

MACHADO, G. V.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do Esporte e o referencial histórico-cultural: interlocução entre teoria e prática. **Pensar a Prática**, v. 17, n. 1, p. 414–430, 2014.

MALDONADO, D. T.; *et al.* Práticas pedagógicas inovadoras na educação física escolar: colocando em destaque as experiências dos/das docentes que atuam na escola. **Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar**. Disponível em:[https://www.gpuf.fe.usp.br/semef2018/Poster/daniel\\_maldonado.pdf](https://www.gpuf.fe.usp.br/semef2018/Poster/daniel_maldonado.pdf). Acessado em: 18 de julho 2024.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOREIRA, J.; SILVEIRA, L. G. L.; COSTA, T. S.; ALMEIDA, J. A. Publicações nacionais sobre o tênis nas aulas de educação física. **Rede de ensino doctum**. Serra, 2020.

NEIRA, M. G. **Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cengage Learning, 2010. (Coleção Ideias em Ação).

NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D. T.; SILVA, S. A. P. S. Prática pedagógica da educação física em uma comunidade de aprendizagem. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 18, n. 52, p. 220-237, 2021. ISSN ONLINE: 2238-1279.

OLIVEIRA, V. M. **O que é educação física**. São Paulo: Brasiliense; 2008. (Coleção primeiros passos; 79).

PAES, R. R. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: ROSE JR., D. *et al.* **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 89-98.

PAES, R. R.: **Educação Física Escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do Ensino Fundamental**. Canoas: Editora Ulbra, 2002.

REVISTA TÊNIS. **Maria Esther Bueno**. Revista Tênis, 2024. Disponível em: <https://revistatenis.uol.com.br/bio/maria-esther-bueno.html>. Acessado em: 15 nov. 2024.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. União dos Dirigentes Municipais de Educação do Estado de São Paulo. **Currículo Paulista**. São Paulo: SEE-SP/UNDIME-SP, 2019.

SCAGLIA, A. J. Pedagogia do jogo: o processo organizacional dos jogos esportivos coletivos enquanto modelo metodológico para o ensino. **Revista Portuguesa de Ciências Do Desporto**. S1A, p. 27-38, 2017.

SILVA, M. S.; BRACHT, V. Na pista de práticas e professores inovadores na Educação Física escolar. **Kinesis**, Santa Maria, v. 30, n. 1, p. 80-94, 2012.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. **A pesquisa científica**. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora: UFRGS 2009

SOARES, C. L.; *et al.* **Metodologia do ensino de educação física**. 2a ed.rev. São Paulo: Cortez; 1992.

SOUZA JÚNIOR, O. M. de. Educação Física escolar e a questão de gênero. In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DEL-MASSO, Maria Candida Soares (Orgs.). **Desafios da educação física escolar**: temáticas da formação em serviço no ProEF. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2018.

SOUZA JÚNIOR, O. M. de. Educação Física escolar, co-educação e questões de gênero. In: DARIDO, Suraya Cristina; MAITINO, Edison Moraes (org.). **Pedagogia Cidadã**: cadernos de formação Educação Física. 2. ed. Rio Claro: UNESP, 2007. p. 57-68.

SOUZA, S. P; MARTINS JUNIOR, J. O tênis nas escolas: diagnóstico da necessidade e perspectivas para sua implantação. **Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar**, 2009.

TENÓRIO, J. G.; SILVA, C. L. Educação Física Escolar e a não participação dos alunos nas aulas. **Ciência em Movimento**, v. 15, n. 31, p. 71-80, 2013.

VALENTINI, N. C.; PIFFERO, C. M.; BERLEZE, A.; SPESSATO, B.. Considerações sobre o desenvolvimento e a aprendizagem motora em crianças. In: BALBINOTTI, C. *et al.* **O ensino do tênis**: novas perspectivas de aprendizagem. Porto Alegre: Artmed Editora, 2009

ZABALZA, M. A. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

## 6 APÊNDICES

### 6.1 APÊNDICE A: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**Centro de Ciências Biológicas e da Saúde**  
**Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF)**

**Termo de Assentimento Livre e Esclarecido**  
(Resolução 510/2016 do CNS)

Olá, estamos convidando você para participar da pesquisa com o título: “Práticas inovadoras no ensino da Educação Física escolar”. O objetivo do trabalho é analisar indícios de uma prática pedagógica inovadora no desenvolvimento de uma unidade didática nas aulas de Educação Física.

A sua participação na pesquisa se dará frequentando e participando de atividades corporais e teóricas relacionadas com os esportes de rede/parede, com enfoque principal no tênis de campo. As atividades conceituais envolverão, entender a origem do esporte, suas regras e discutir sobre a predominância deste esporte nas diferentes classes sociais. As atividades corporais serão compostas por pequenos jogos voltados a ajudar a compreender a técnica e tática desta modalidade, como o jogo *four square*, jogos de agarrar e lançar, jogos de rebater sem e com implementos e jogos com raquetes ministrados pelo professor-pesquisador. Os benefícios da sua participação na pesquisa estão associados à realização, participação e vivência de aulas de Educação Física na perspectiva da cultura corporal do movimento utilizando praticas pedagógicas inovadoras, bem como, ajudar professores de Educação Física a compreender melhor a organização e estruturação do destas praticas na Educação Física escolar e, desta forma, melhorar as reflexões e ações destes professores.

A coleta de dados será realizada durante as aulas de Educação Física ao longo do primeiro bimestre letivo de 2024 de uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental, na escola municipal EMEF Maria Celina Walter de Assis, localizada na Rua Antônio Honório Ribeiro, n 895 Vila Cristina, Serrana – SP CEP: 14150-000. O professor da turma, também pesquisador, registrará as aulas de Educação Física em diários de aula referentes ao assunto da pesquisa com os/as estudantes da turma. Tais ações estarão articuladas ao desenvolvimento das atividades regulares de ensino previstas no planejamento bimestral, sem causar qualquer prejuízo de aprendizagem ao grupo, bem como, aqueles/as que não quiserem participar do estudo.

Sua participação na pesquisa não terá custos para você ou para seu responsável, pois a pesquisa será realizada durante as suas aulas de Educação Física que estão previstas na grade curricular da escola, em seu horário normal de aula, ou seja, 2 vezes por semana com duração de 50 minutos para cada aula. Você não terá custos adicionais com alimentação e/ou transporte.

Os riscos da pesquisa estão vinculados às próprias situações características de aulas de Educação Física, ou seja, tropeçar, esbarrar no colega ou leve escoriação. Em caso destas ocorrências o professor-pesquisador irá oferecer todo o suporte necessário, como: atender a ocorrência, acalmar os(as) estudantes, informar a gestão da escola sobre o ocorrido e, se for o caso, junto com a própria gestão escolar proceder aos encaminhamentos que se fizerem necessários (avisar pais e/ou responsável e acionar o Serviço de Atendimento Médico de Urgência – SAMU). Além disso, buscará acolher, fornecer suporte e apoio aos (as) participantes que se sentirem abalados(as) de alguma forma em decorrência direta ou indireta da participação na aulas, buscando eliminar ou minimizar quaisquer riscos inerentes à manutenção de sigilo e a confidencialidade durante a coleta e uso dos dados.

O professor-pesquisador e seu orientador realizarão o acompanhamento de todos os procedimentos característicos da pesquisa durante todo o trabalho, tendo a responsabilidade de garantir e fiscalizar que essa pesquisa científica que inclui seres humanos obedeça às normas éticas do país, portanto, os participantes da pesquisa terão todos os seus direitos respeitados.

Não precisa participar do trabalho se não quiser, é seu direito. Também não terá nenhum problema se quiser desistir depois de ter iniciado sua participação, sem prejuízo nas relações com a escola, com as aulas de Educação Física ou com o professor-pesquisador. Caso você não entenda algo ou não goste de qualquer situação que identificar durante as aulas ou tenha alguma outra dúvida

sobre a pesquisa, você pode procurar o professor-pesquisador Francisco Lindosmar da Silva Junior, pessoalmente na EMEF Maria Celina Walter de Assis ou por email: Francisco.silva@estudante.ufscar.br ou pelo telefone (16) 98871- 1145, ou o professor Glauco Nunes Souto Ramos, responsável pela pesquisa, pessoalmente (UFSCar) ou pelo telefone (16) 3306-6757.

Você e seu responsável receberão uma via deste Termo (TALE) assinada e rubricada em todas as páginas pelo professor-pesquisador. Não vamos falar seu nome em nenhum lugar, nem repassaremos suas informações a qualquer outra pessoa. O que você fizer ou falar durante a pesquisa ficará guardado em local seguro e arquivado pelo pesquisador.

Você não vai receber nenhum tipo de auxílio financeiro para participar da pesquisa.

Os seus direitos como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações da Resolução nº 510 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, que trata do respeito ao ser humano nas pesquisas científicas.

Este termo será apresentado, lido e explicado pelo professor-pesquisador para todos/as os/as alunos/as participantes da pesquisa com o intuito de esclarecer e sanar eventuais dúvidas.

O professor-pesquisador se compromete a dar devolutiva por escrito com os principais resultados da pesquisa para todos (as) os(as) participantes ao término da mesma.

O professor-pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, KM 235- Caixa Postal 676 - CEP 13565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: [cephumanos@ufscar.br](mailto:cephumanos@ufscar.br).

O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: [conep@saude.gov.br](mailto:conep@saude.gov.br).

**Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):**

Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos  
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (UFSCar)  
Endereço: Rodovia Washington Luiz, Km 235  
Contato telefônico: (16) 3306-6757 e-mail: [glauco@ufscar.br](mailto:glauco@ufscar.br)

Serrana, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos  
Nome do Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

Prof. Francisco Lindosmar da Silva Junior  
Professor-Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Professor-Pesquisado

\_\_\_\_\_  
Nome do Participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

## 6.2 APÊNDICE B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Responsável

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**Centro de Ciências Biológicas e da Saúde**  
**Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF)**

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Responsável (TCLE)**  
**(Resolução 510/2016 do CNS)**

O/a menor \_\_\_\_\_, sob sua responsabilidade, está sendo convidado/a como voluntário/a para pesquisa com o título: “Práticas inovadoras no ensino da Educação Física Escolar”. O objetivo do trabalho é analisar indícios de uma prática pedagógica inovadora no desenvolvimento de uma unidade didática nas aulas de Educação Física.

A participação dele/a na pesquisa se dará frequentando e participando de atividades corporais e teóricas relacionadas com os esportes de rede/parede, com enfoque principal no tênis de campo. As atividades conceituais envolverão, entender a origem do esporte, suas regras e discutir sobre a predominância deste esporte nas diferentes classes sociais. As atividades corporais serão compostas por pequenos jogos voltados a ajudar a compreender a técnica e tática desta modalidade, como o jogo *four square*, jogos de agarrar e lançar, jogos de rebater sem e com implementos e jogos com raquetes ministrados pelo professor-pesquisador. Os benefícios da participação dele/a na pesquisa estão associados à participação e vivência de aulas de Educação Física na perspectiva da cultura corporal do movimento utilizando praticas pedagógicas inovadoras, bem como, ajudar professores de Educação Física a compreender melhor a organização e estruturação do destas praticas na Educação Física escolar e, desta forma, melhorar as reflexões e ações destes professores.

A coleta de dados será realizada durante as aulas de Educação Física ao longo do primeiro bimestre letivo de 2024 de uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental, na escola municipal EMEF Maria Celina Walter de Assis, localizada na Rua Antônio Honório Ribeiro, n 895 Vila Cristina, Serrana – SP CEP: 14150-000. O professor da turma, também pesquisador, registrará as aulas de Educação Física em diários de aula referentes ao assunto da pesquisa com os/as estudantes da turma. Tais ações estarão articuladas ao desenvolvimento das atividades regulares de ensino previstas no planejamento bimestral, sem causar qualquer prejuízo de aprendizagem ao grupo, bem como, aqueles/as que não quiserem participar do estudo.

A participação dele/a na pesquisa não terá custos para ele/a ou para seu responsável, pois a pesquisa será realizada durante as suas aulas de Educação Física que estão previstas na grade curricular da escola, em seu horário normal de aula, ou seja, 2 vezes por semana com duração de 50 minutos para cada aula. Ele/a não terá custos adicionais com alimentação e/ou transporte.

Os riscos da pesquisa estão vinculados às próprias situações características de aulas de Educação Física, ou seja, tropeçar, esbarrar no colega ou leve escoriação. Em caso destas ocorrências o professor-pesquisador irá oferecer todo o suporte necessário, como: atender a ocorrência, acalmar os(as) estudantes, informar a gestão da escola sobre o ocorrido e, se for o caso, junto com a própria gestão escolar proceder aos encaminhamentos que se fizerem necessários (avisar pais e/ou responsável e acionar o Serviço de Atendimento Médico de Urgência – SAMU). Além disso, buscará acolher, fornecer suporte e apoio aos(as) participantes que se sentirem abalados(as) de alguma forma em decorrência direta ou indireta da participação na aulas, buscando eliminar ou minimizar quaisquer riscos inerentes à manutenção de sigilo e a confidencialidade durante a coleta e uso dos dados. Além disso, ele/a terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

O professor-pesquisador e seu orientador realizarão o acompanhamento de todos os procedimentos característicos da pesquisa durante todo o trabalho, tendo a responsabilidade de garantir e fiscalizar que essa pesquisa científica que inclui seres humanos obedeça às normas éticas do país, portanto, os participantes da pesquisa terão todos os seus direitos respeitados.

Ele/a não precisa participar do trabalho se não quiser, é direito dele/a. Também não terá nenhum problema se quiser desistir depois de ter iniciado sua participação, sem prejuízo nas relações com a escola, com as aulas de Educação Física ou com o professor-pesquisador.

Caso você não entenda algo ou não goste de qualquer situação que identificar durante as aulas ou tenha alguma outra dúvida sobre a pesquisa, ele/a pode procurar o professor-pesquisador Francisco Lindosmar da Silva Junior, pessoalmente na EMEF Maria Celina Walter de Assis ou por email: francisco.silva@estudante.ufscar.br ou pelo telefone (16) 98871- 1145, ou o professor Glauco Nunes Souto Ramos, responsável pela pesquisa, pessoalmente (UFSCar) ou pelo telefone (16) 3306-6757.

Ele/a e você (como responsável) receberão uma via deste Termo (TCLE) assinada e rubricada em todas as páginas pelo professor-pesquisador. Não vamos falar o nome dele/a em nenhum lugar, nem repassaremos suas informações a qualquer outra pessoa. O que ele/a fizer ou falar durante a pesquisa ficará guardado em local seguro e arquivado pelo pesquisador.

Ele/a não vai receber nenhum tipo de auxílio financeiro para participar da pesquisa.

Os direitos dele/a como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações da Resolução nº 510 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, que trata do respeito ao ser humano nas pesquisas científicas. Este termo será apresentado, lido e explicado pelo professor-pesquisador para todos/as os/as alunos/as participantes da pesquisa com o intuito de esclarecer e sanar eventuais dúvidas.

O professor-pesquisador se compromete a dar devolutiva por escrito com os principais resultados da pesquisa para todos (as) os (as) participantes ao término da mesma.

O professor-pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, KM 235- Caixa Postal 676 - CEP 13565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: [cephumanos@ufscar.br](mailto:cephumanos@ufscar.br).

O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: [conep@saude.gov.br](mailto:conep@saude.gov.br).

**Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):**

Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos  
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (UFSCar)  
Endereço: Rodovia Washington Luiz, Km 235  
Contato telefônico: (16) 3306-6757 e-mail: [glauco@ufscar.br](mailto:glauco@ufscar.br)

Serrana, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos  
]Nome do Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

Prof. Francisco Lindosmar da Silva Junior  
Professor-Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Professor-Pesquisado

Eu, \_\_\_\_\_, o/a  
autorizo a participar da pesquisa.

Nome do(a) Responsável

Assinatura do(a) Responsável

### 6.3 APÊNDICE C: Planejamento detalhado das aulas

#### 1º e 2º aula – Atividades exploratórias

Na quadra os alunos vão se deparar com uma diversidade de matérias no centro da quadra: bolas de diferentes modalidades esportivas, cones, bambolês, rede, cordas e raquetes.

Neste momento da aula o professor fará apenas observação da interação dos alunos com os materiais, quais foram utilizados e de que forma.

O intuito é verificar quem utilizou ou se interessou em usar as raquetes. Deve ser observado como foi feito o uso do material. Jogaram com uma bolinha de tênis ou outra? Nessa brincadeira tinha um espaço delimitado (quadra)? Tinha rede? Houve pontuação? Quais as regras estabelecidas na atividade?

Ao final da aula, realizar uma roda de conversa com a turma a respeito da atividade e qual era o objetivo da aula. Nesta roda o professor vai instigar a turma fazendo algumas perguntas como:

Quem usou as raquetes?

Porque escolheu esta atividade dentre todas as disponíveis?

Já tinha jogado antes com raquetes de tênis?

Alguém sentiu vontade de brincar, mas não jogou? Porque?

Após escutar as respostas das crianças, informa-las que nas próximas aulas iremos trabalhar a modalidade esportiva tênis de campo e descrever o cronograma de atividades.

#### 3º e 4º Aula: Origem do tênis de acordo com os alunos

Nesta aula vamos primeiro explorar a criatividade dos alunos e na sequência falaremos sobre a origem do tênis de campo.

Na atividade inicial a sala será dividida em 5 grupos, cada grupo deve criar um cartaz contando a história do tênis de acordo com os seus conhecimentos e imaginação.

Para nortear a atividade o professor vai propor que seja respondida algumas questões: Quem inventou o tênis? Quando? Em que ano? Como era o jogo, quais as regras? Em qual local o jogo era feito? Quais os materiais esportivos?

Após a elaboração do cartaz os grupos devem apresentar para classe o seu trabalho e o professor vai mediando, explicando e corrigindo o que for necessário.

Será reproduzido vídeos<sup>3</sup> para ajudar na compreensão da história do tênis de campo. Apresentando a versão oficial sobre o surgimento do tênis de campo e em seguida vamos comparar com as criações dos alunos.

### **5° e 6° aula: Regras do jogo**

Nesta aula vamos falar como é jogo do tênis de campo é desenvolvido, falaremos brevemente de algumas regras do jogo, para auxiliar neste momento usaremos um vídeo<sup>4</sup>.

Explicar sobre as diferentes possibilidades de utilizar o tênis de campo nas nossas aulas e demonstrar para os alunos que apesar de existir as regras oficiais, nós podemos modifica-las de acordo com as necessidades da nossa turma.

Após esse momento na sala, a turma vai se dirigir para quadra para realizar uma atividade inspirada no tênis de campo. Vamos usar um espaço similar à quadra de tênis, com uma rede no meio, porém, sem a utilização de implementos. Vamos realizar jogos de agarrar e lançar individual e coletivamente<sup>5</sup>.

### **7° e 8° aula: Bora rebater**

O intuito desta aula é iniciarmos pequenos jogos com o objetivo de rebater a bola com uma e com as duas mãos, explorando diferentes bolas e formas de rebater.

<sup>6</sup>Exemplo de jogos de rebater:

Jogos de 1x1, os alunos vão dar as mãos, a mãos dadas vai ser utilizadas como se fosse a rede, a mão que está livre será utilizada para rebater a bola. Nesta atividade o objetivo é deixar a bola pingar uma vez e devolver por cima dos braços “rede”.

Jogo do four square<sup>7</sup>: são 4 jogadores, e cada um deles defende um quadrado; os quadrados são enumerados de 1 a 4, sendo que inicia o jogo sempre com o jogador do quadrado "1". Ele deve bater na bola com mão para que ela quique em algum dos outros três quadrados adversários e o defensor não consiga devolver. A cada vez que alguém errar batendo na bola para fora de algum quadrado ou não conseguindo devolver a bola, a pessoa é eliminada desta rodada, devendo então sair do seu quadrado e aguardar

---

<sup>3</sup> [Você sabe qual a origem do tênis? - YouTube](#) e [A HISTÓRIA DO TÊNIS - YouTube](#)

<sup>4</sup> [TÊNIS para crianças | Regras básicas \(youtube.com\)](#)

<sup>5</sup> [Jogos adaptados \(agarrar e lançar com o cone\) - YouTube](#)

<sup>6</sup> [Jogos adaptados \(rebater com as mãos\) \(youtube.com\)](#)

<sup>7</sup> [FOUR SQUARE QUATRO QUADRADOS - YouTube](#)

novamente na fila para retornar ao jogo. No caso se for o jogador do quadrado número 2 que errou, logo o jogador da casa número 01 deve avançar uma casa e agora um novo jogador entra na casa número 01; se for o número 03 que errar, logo o jogador da casa número 2 avança para a casa 03 e o jogador da casa 01 avança para casa 02, entrando um novo jogador na casa 01. A casa 04 é de maior valor e quem permanecer o maior tempo nela é considerado o vencedor e caso o jogador da casa 04 erre e seja eliminado, todas as casas anteriores avançam uma casa e assim por diante.

### **9° e 10° aula: Quem joga?**

Nesta aula vamos iniciar vendo alguns vídeos de jogos de tênis profissional masculino<sup>8</sup>, feminino<sup>9</sup> e misto<sup>10</sup>.

Fazer uma roda de conversa com os alunos sobre os esportes misto profissional. Quem já tinha visto um esporte profissional misto? Acham justo? Deveriam ser assim todos os esportes? Ou separado por gênero seria melhor? Por quê?

Na quadra realizar pequenos jogos utilizando raquetes em duplas e trios mistos.

### **11° e 12° aula: O que foi dito professor? E como se faz?**

Esta aula será realizada com a parceria com a professora de inglês. Será feito um trabalho com vídeos de jogadas do tênis e a partir da narração, os termos em inglês pronunciado pelo narrador será utilizado pela professora. A professora irá pausar o vídeo e explicará sobre a parte referente ao inglês e o professor de educação física irá relacionar a palavra ao movimento ou situação jogo. Exemplo: forhand, back hand.

Na quadra os alunos serão estimulados a realizar tais movimentos vistos no vídeo.

### **13° e 14° aula: Mão na massa e na raquete**

Realizar uma oficina com o apoio do professor de artes na confecção de raquetes ou similares com materiais alternativos para um jogo de tênis.

---

<sup>8</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=55gv-fe65F4>

<sup>9</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=tif3gADy604>

<sup>10</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=MEYO4FDCFks>

Após a confecção a turma deve explorar os materiais criados e identificar se precisam de algum tipo de ajuste.

Link da confecção de material alternativo para tênis de campo<sup>11</sup>.

### **15° e 16° aula: Explorando outras quadras**

Visitar uma quadra de tênis da cidade. Nesta aula os alunos vão conhecer uma quadra de tênis de campo oficial e vivenciar jogar em uma quadra específica para tênis.

Depois da visita, realizar uma roda de conversa com os alunos sobre os locais disponíveis na comunidade para jogar tênis. Trazer para o grupo as questões econômicas e sociais relacionadas a prática do tênis de campo. O tênis só pode ser jogado em quadra oficial? Podemos adaptar a quadras? E os materiais? As regras? O modo de jogar? Anotar as sugestões apresentadas pelos alunos, para, depois, experimentá-las na aula de EF.

### **17° e 18° aula - Nosso tênis**

Nesta aula vamos colocar em prática um jogo desenvolvido com os materiais produzidos pelo grupo e com as regras e adaptações que o grupo achar necessário, destacando as características dos componentes da turma e, desta maneira, criar o “nosso jogo de tênis”.

Finalizar a unidade didática, com uma roda de conversa com os alunos a respeito da jornada de conhecimento que a turma teve durante essas aulas.

Atividade avaliativa de registro: cada aluno deve colocar no papel tudo que conseguiu aprender nessa jornada educativa que tivemos sobre o tema tênis de campo. O que gostou das aulas relacionadas ao tênis? Teve alguma situação que foi desagradável? O que poderia ser alterado na aula para termos melhor proveito? Os alunos devem socializar os seus achados com o grupo.

---

<sup>11</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=e7EvFT5wHpE>

#### 6.4 APÊNDICE D: Diários de Aula

Diário de Aula 1 e 2	07/05/24	Atividades exploratórias
----------------------	----------	--------------------------

Na sala de aula, os alunos foram informados que a aula começaria com uma atividade exploratória na quadra e que eles poderiam escolher a atividade que gostariam de fazer de acordo com os materiais disponíveis, assim como também poderiam trocar de atividade quando quisessem e que em segundo momento retornaríamos para a sala para uma outra atividade.

A saída da sala de aula foi agitada, os alunos estavam eufóricos com a possibilidade de jogar o que quisessem. Alguns já diziam vou jogar futebol e outros já falavam em jogar vôlei.

Ao chegarmos na quadra, os materiais estavam todos localizados no centro da quadra (bola de basquete, bola de futsal, bola de vôlei, cones, bambolês, jogo de dama, raquetes e bolinhas de tênis), a turma foi formando um círculo em volta dos materiais. Após alguns segundos os alunos começaram a pegar os materiais e formarem pequenos grupos.

Figura 1: Materiais



Fonte: o autor.

**Figura 2: Materiais disponíveis**



Fonte: o autor

**Figura 3: Quadra com os materiais**



Fonte: o autor

As raquetes que eram novidades entre os materiais, logo chamaram a atenção. O Messi e o Cristiano Ronaldo logo pegaram uma cada um e combinaram de jogar. Teve o grupo que já foi pegando a bola de futsal e organizando os times. Neymar que estava como grupo do futsal, voltou ao centro logo em seguida para pegar 4 cones que o grupo utilizou como gol. Teve um grupo que decidiu fazer uma roda para controlar a bola de vôlei. Uma dupla de alunas começou a jogar dama e logo mais um aluno se juntou a elas. Ainda teve alunas que estavam brincando com os bambolês e com a bola de basquete.

Logo quase todos os materiais estavam em uso, restando apenas alguns cones parados no centro da quadra.

Ao observar o grupo que estava com as raquetes e bolinhas de tênis: Messi e Cristiano Ronaldo pegaram uma bolinha e começaram a brincar.

Anitta pegou uma raquete na mão e olhou para um grupo de colegas e disse: eu sei jogar. Vamos jogar?

Desta forma as quatro raquetes e as duas bolinhas de tênis estavam ocupadas. O grupo foi logo de primeira tentando devolver a bolinha um para outro sem nenhum tipo de disputa. Em seguida Luísa que estava com uma das raquetes propõe de jogarem todos juntos, deixando uma bolinha parada.

Começaram a tentar controlar a bola e logo em seguida Luísa propôs de colocar um cone para determinar se era dentro ou fora e a brincadeira já foi tomando cara de jogo. Colocou mais um cone dividindo a quadra de cada dupla. Foi feita então a dupla da Luísa e Anitta x Messi e Cristiano Ronaldo.

Com o passar da aula alguns grupos entraram em conflito por conta do espaço da quadra. Anitta em um determinado momento pede licença para o Cássio pois eles estavam jogando beach tênis aqui. Logo depois o grupo pegou mais alguns cones tentando delimitar o espaço de jogo deles. Neste momento o grupo também já estava contando pontos a cada jogada.

Ao passar da aula os grupos foram trocando de membros, Cristiano Ronaldo saiu do tênis e logo a Marta pegou o seu lugar. O mesmo também aconteceu em outros grupos.

Depois de um tempo, o jogo de dupla foi paralisado e foi feito jogo de simples, fazendo duas quadras de 1x1.

Anitta fala para o grupo ao buscar uma bolinha que foi para longe:

- É muito difícil ser jogadora de beach tennis.

Em um outro momento diz para o Luísa:

- Nós ainda vamos ficar boa nisso. E Luísa concorda com a cabeça.

Marta reclama com a Carol que não é poste não, depois de uma rebatida alta da colega. Carol sorri. Neste momento já não havia mais contagem de pontos.

Na brincadeira do tênis, os alunos vão se ajudando e falando como devem ser realizados os movimentos.

Quando o jogo volta a contar pontos, Luísa fala para o Marta que não pode sacar sem a bola pingar no chão:

- Só pode sacar depois que a bola bater no chão. E demonstra sem a bolinha como deveria ser feito o saque.

Luísa volta a reclamar com os colegas do futsal sobre o espaço de jogo de cada grupo.

Enquanto os alunos estavam jogando eu fiquei apenas observando as atividades e dando suporte aos alunos em relação a segurança dos mesmos e continuidade das atividades que estavam acontecendo.

Depois de aproximadamente 1 hora de atividade pratica, os alunos retornaram para a sala para fazermos a segunda parte da aula.

Neste momento fiz a chamada enquanto a turma se acalmava e conversava sobre as atividades realizadas na quadra.

Em seguida iniciei um diálogo com os alunos sobre como foi a aula. A primeira pergunta para o grupo foi: o que vocês acharam da aula? Vocês gostaram? Nesta pergunta houve uma participação intensa da classe, todos falando que gostaram e cada um dando os seus motivos: Enzo disse que gostou porque jogou futebol; Marta disse que gostou porque tinha diversas opções para fazer; Jéssica disse que gostou porque assim dá para aprender várias coisas ao mesmo tempo; Cássio disse que gostou porque foi divertido.

Perguntei para os alunos se eles já tinham feito alguma aula assim? Com a possibilidade de explorar vários materiais? A maioria respondeu que não e que desta forma foi bem legal.

Em seguida comecei a direcionar as perguntas para a atividade relacionada ao tênis.

Quem fez atividade com as raquetes? 10 alunos levantaram as mãos e começaram a falar sobre a atividade. Anitta que não mudou de atividade em nenhum momento disse que foi bem divertido jogar com as raquetes.

Outra pergunta feita foi quem teve vontade de jogar tênis, mas não jogou? E porque não jogou? Nove alunos levantaram a mão. Questionei a Lilian por que ela não jogou e ela disse que não deu tempo, estava jogando vôlei e futsal.

Jéssica disse que tinha muitas pessoas querendo jogar o tênis, mas que não deu tempo. Luísa explicou que quando as pessoas chegavam para jogar tinha que esperar o jogo acabar, porque cada partida durava 10 pontos.

Outras questões levantadas foram de quem já havia jogado com raquetes na escola: apenas a Amanda e Julia informaram que já tinham feito esta atividade na escola. Deste modo falei com os alunos que esta pratica poucos tiveram a possibilidade de pratica-la na escola e que deste modo esse é um conteúdo interessante para trabalharmos nesse momento.

Neste momento informei aos alunos que nas próximas aulas esse será o tema que vamos explorar "tênis de campo". Alguns alunos gostaram da temática e já se mostraram animados. Anitta disse:

- Nossa estou empolgada, vai ser legal essas aulas.

Para os alunos ficarem a par dos acontecimentos futuros, passei na lousa o cronograma das atividades previstas para o desenvolvimento desta unidade didática e pedi para copiarem no caderno. Essa foi a primeira vez que passei o cronograma e pedi para registrarem no caderno.

Os alunos a princípio tiveram um estranhamento sobre o porquê copiar o cronograma. Já aproveitei e expliquei para turma que o cronograma iria facilitar a compreensão sobre o que realizaríamos em cada aula. Desta forma, todos saberão com antecedência o que irá acontecer, podendo se preparar para as atividades.

Achei que aula conseguiu cumprir com o esperado, deu há alguns alunos a possibilidade de vivenciar brevemente o tênis de campo, além de mostrar esta possibilidade para todo o grupo. Percebi a maioria da sala animada com a temática, porém alguns alunos prefeririam que a unidade temática fosse voltada para o futsal. Fiquei satisfeito com o início desta jornada e estou ansioso para colocar tudo que está programado em ação.

<b>Diário de Aula 3 e 4</b>	<b>14/05/24</b>	<b>Origem do tênis</b>
-----------------------------	-----------------	------------------------

Ao entrar na sala de aula, gritos de euforia da turma, os alunos pensaram que eu havia faltado e que eles não teriam aula de educação física. Acabei demorando alguns minutos para chegar na sala, pois estava pegando o projetor e a caixa de som que seriam utilizados na aula. Enquanto eu ainda caminhava para a mesa, ouço a Luísa dizer:

- Não sei porque vocês estão comemorando, nós não vamos para a quadra, a aula vai ser na sala.

Logo a dúvida pairou pela turma e os questionamentos de outros alunos apareceram, perguntando uns para os outros se a aula seria na sala. Antes de responder a dúvida da classe, fiz uma pergunta ao grupo.

- Qual é a atividade que esta proposta no nosso cronograma?

Luísa logo respondeu:

- Sala.

Jéssica completou olhando o cronograma em seu caderno:

- Vamos falar sobre a origem do tênis e o local é a sala de aula.

Neste momento confirmei para a turma as afirmações da Jéssica e dei início à chamada. Informando a turma que a programação de hoje era fazermos uma atividade na sala. Durante a chamada a turma ainda não estava tão contente com a aula na sala.

Em seguida expliquei como aconteceria o desenvolvimento da nossa atividade. Informei que iríamos formar grupos para a produção de uma atividade relacionada à origem do tênis. Cada grupo deveria criar a sua versão sobre a origem da modalidade. Neste momento Giovana faz um comentário:

- Que bom que vai ser em grupo, assim acaba mais rápido e ainda dá tempo de ir para a quadra, alguns alunos concordaram com a fala dela.

Apesar da maioria da turma neste momento já entender que a aula aconteceria na sala, ainda tinham um sentimento de esperança/vontade desejo de ir para a quadra. Como esse é o primeiro ano que estou ministrando aula para esses alunos, conversando com eles sobre as experiências deles nos anos anteriores, eles relataram que tinham apenas aulas na quadra e, em sua maioria, voltadas para as atividades livres. Desta forma acredito que

a falta de experiências anteriores deles relacionadas à Educação Física com aulas estruturadas e com atividades teóricas além das práticas contribuíram para esse tipo de sensação da sala.

Começamos a separar os grupos, houve um momento de entusiasmo para ver quem vai ficar com quem. Julia perguntou:

- Posso ficar no grupo da Giovana?

Informei para os alunos que eles poderiam formar os grupos e que caso não conseguissem sozinhos formar os grupos, eu iria ajudar. Não foi preciso realizar nenhuma intervenção, de forma independente os alunos conseguiram se agrupar.

Ao formar os grupos a sala foi se animando com a atividade. Enquanto os alunos agrupavam as carteiras, fui colocando na lousa algumas perguntas para nortear a elaboração das atividades: Quem inventou o tênis? Quando e onde foi criado? Quais as regras? Quais os materiais usados no jogo?

Devidamente agrupados, é possível ouvir as discussões dos grupos para entrarem em consenso e formarem a sua história. Em um dos grupos, durante os seus debates internos surgiu a seguinte afirmação:

- O tênis não pode ter sido inventado antes do futebol.

Outro aluno do grupo questiona: mas quando foi inventado o futebol? Logo em seguida Cristiano Ronaldo ergui a mão e pergunta:

-Professor quando surgiu o futebol?

Falei: boa pergunta, também não sei. Fiz uma busca rápida no celular. Pedi atenção da turma e falei:

-Pessoal o Cristiano Ronaldo me perguntou quando o futebol surgiu. Falei com a turma que isso poderia servir para dar uma base para atividades deles e li para sala rapidamente um pequeno relato sobre a origem do futebol.

Em seguida os alunos voltaram a sua atenção para os seus grupos e deram continuidade a atividade. Escutar o relato da origem do futebol despertou ainda mais o grupo para continuidade da aula.

Neste momento os alunos já não estavam mais preocupados se iríamos ou não para a quadra.

Dentro dos grupos houve muita troca de informação para se chegar a um consenso de como ficaria a versão criada pelo grupo. Houve também divergências sobre as informações que seriam colocadas no cartaz. Giovana e Mirian não conseguiam entrar em acordo sobre a data que colocariam na atividade. O restante do grupo tentou mediar a situação para chegarem a um acordo mais sem sucesso até esse momento. O grupo veio até a minha mesa para explicar a situação. Informei ao grupo se eles não entrassem em consenso, poderiam optar por não colocar uma data precisa ou que poderiam falar que não sabiam ao certo a data do surgimento. O grupo retornou para as suas mesas e conseguiu se resolver.

De forma mais rápida do que o esperado, a primeira aula acabou e os grupos pouco tinham produzido. Isso devido ao grande número de questionamentos entre os membros

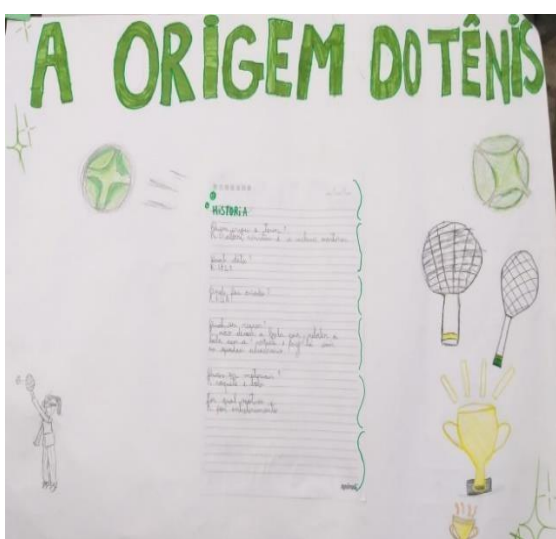
do grupo, apesar das discussões estarem relacionadas ao tema, os alunos estavam com dificuldades de chegar em um consenso e transcrever seus pensamentos para o papel.

Me dirigi aos grupos informando que deveríamos concluir as discussões e começar a passar as informações para o cartaz. Pois depois dessa etapa ainda teríamos apresentação dos grupos para a classe e a comparação das versões criadas pelos grupos e a versão oficial.

Todos os grupos finalizaram os seus trabalhos e começamos as apresentações.

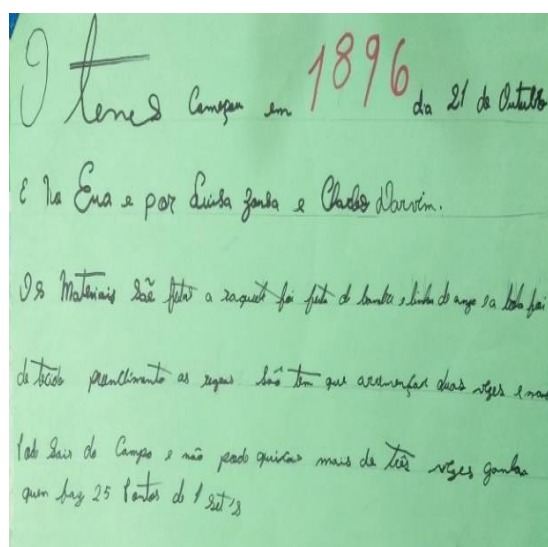
Cada grupo se dirigiu à frente da lousa e fez a sua apresentação do seu cartaz. A cada informação passada por um grupo, os integrantes dos outros grupos trocavam informação para saber se era parecida com as do grupo.

Figura 4: Cartaz do grupo 1



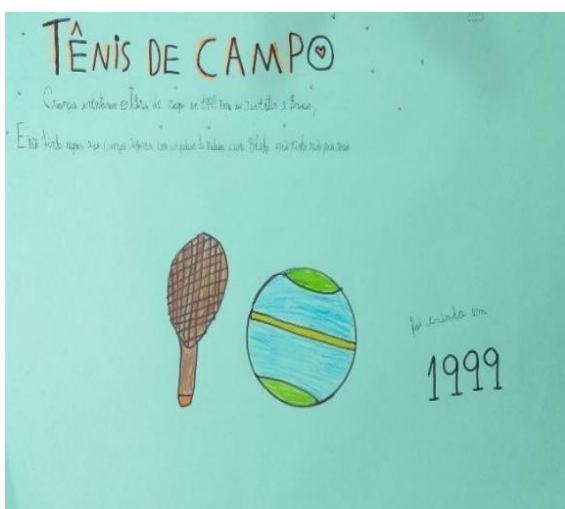
Fonte: o autor.

Figura 5: Cartaz do grupo 2



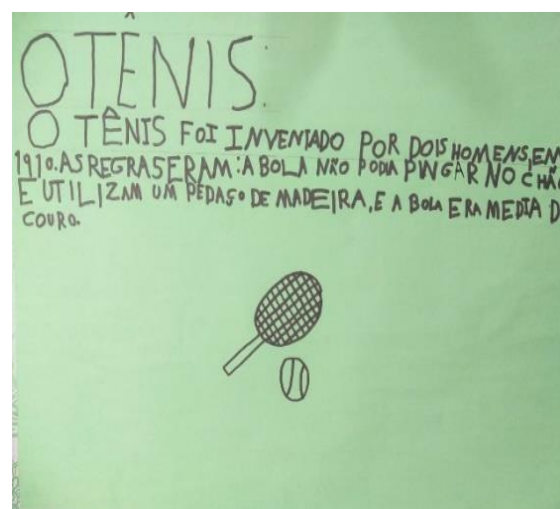
Fonte: o autor.

Figura 6: Cartaz do grupo 3



Fonte: o autor.

Figura 7: Cartaz do grupo 4



Fonte: o autor.

Seguimos com as apresentações dos grupos e, ao final das apresentações, confrontei os grupos para ver se as informações passadas por eles eram semelhantes.

- Quem criou o tênis? Em seguida cada grupo expressava sua informação. Data do surgimento? Materiais utilizados?

Na sequência foi apresentado um pequeno vídeo da origem do tênis<sup>12</sup>, aproveitei para conversar com os alunos que os esportes estão sempre em evolução e passam por várias transformações até chegar no que temos hoje. E isso não significa que as mudanças irão se cessar. Perguntei para o grupo:

- Vocês sabem de alguma alteração ou transformação dos esportes?

Messi pontuou o VAR no futebol:

- Antes não existia VAR no futebol e agora tem.

Concordei com o Messi e falei para classe que esse era um exemplo de mudança que aconteceu no futebol e que as mudanças acontecem em diversas modalidades com diferentes intuitos.

A aula foi encerrada e me senti feliz com o resultado final da atividade, mesmo com uma certa frustração por parte dos alunos no início da aula pelo fato que a aula aconteceria na sala ou invés da quadra. Ao decorrer dela todos foram se envolvendo e conseguiram participar efetivamente da atividade.

A maioria das informações dos alunos não correspondeu com os registros em relação ao surgimento do tênis. Os alunos ficaram impactados ao descobrirem que o tênis teve seu início no final do século XII. Outra coisa que chamou a atenção dos alunos foi o fato do jogo que deu origem ao tênis ter outro nome *Jeu de Paume* (Jogo da Palma).

O fato do jogo a princípio ter sido jogado apenas com as mãos, levou alguns alunos a refletirem que nessa época devia ser mais difícil para conseguir “fabricar” uma raquete.

Deste modo acredito que o fato de não apresentar a versão oficial da origem do tênis logo de cara, trouxe algo interessante para o desenvolvimento da aula. Pois ao pedir para os alunos imaginarem como essa versão poderia ter acontecido, possibilitou uma aproximação dos alunos ao tema e trouxe um interesse no momento da revelação da origem oficial, pois os grupos estavam interessados em saber quem tinha acertado ou passado mais perto em seus palpites.

Algo que talvez poderia já ser programado para a sequência desta aula e que neste planejamento não foi feito, é de tentar vivenciar o jogo similar ao que deu origem ao tênis. Portanto jogado apenas com as mãos e devolvendo a bola para uma parede, visto que no seu surgimento o jogo não tinha ainda uma divisão de quadra por uma rede ou qualquer outro material.

Acredito que o que foi planejado foi executado, a estratégia de não revelar logo de cara as informações surtiu o efeito esperado e prendeu a atenção dos alunos. Nunca havia utilizado esta estratégia e fiquei contente com o resultado proporcionado. Aparentemente a turma se esqueceu da vontade inicial de irmos para a quadra e conseguiram aproveitar a aula.

---

<sup>12</sup> [Você sabe qual a origem do tênis? - YouTube](#) e [A HISTÓRIA DO TÊNIS - YouTube](#)

Diário de Aula 5 e 6	21/05/24	Regras do tênis de campo e jogos de lançar e agarrar
----------------------	----------	--

Chegando na sala hoje, a maioria dos alunos já sabiam o que estava por vir e logo foram dizendo:

- Professor hoje tem quadra.

Luísa disse:

- Temos uma parte na sala e outra na quadra.

Neymar diz:

- Hoje tem jogo de lançar e agarrar.

O grupo estava animado por ir para a quadra. Percebo que o fato de já terem um cronograma indicando o que vai ser realizado na aula ajudou a classe a se preparar para a aula, evitando as perguntas constantes se vamos ou não para quadra ou qual atividade vai ser realizada.

Comecei a montar o projetor e pedi para os alunos abrirem o caderno. Neste momento Enzo pergunta:

- Mas nós vamos fazer lição, não íamos para a quadra?

Neste momento o grupo também se manifestou:

- Está no cronograma: É depois, primeiro é as regras do jogo (Isadora e Marta).

Letícia diz:

- Nossa o professor acabou de falar.

Respondo para o Enzo que vamos ver um vídeo, realizar as anotações mais importantes e depois vamos para a quadra realizar os jogos de agarrar e lançar.

Apesar de ter reduzido o número de questionamento de onde e qual seria a atividade, ainda assim o grupo não foi atingido em sua totalidade. Mas acredito que possa vir a acontecer nas próximas aulas. Fiquei satisfeito por ver que grande parte do grupo já está utilizando o cronograma para se programar para as aulas e espero que toda a classe consiga utiliza-lo no decorrer das aulas. Acredito que seja importante para os alunos, terem o conhecimento prévio do que os aguarda, isso facilita o entendimento do que vai acontecer na aula e ajuda a se preparar para a aula.

Bianca se manifesta:

- Vamos professor! Pode começar o vídeo, que assim vamos mais rápido para a quadra.

O grupo tem sede de ir logo para a quadra e ainda acredita que ficar na sala de aula é perda de tempo para as aulas de Educação Física.

Me adianto para dar início ao vídeo e seguir com as atividades programadas, mas sei que em outro momento vou precisar retomar com a sala alguns apontamentos sobre o porquê ficamos na sala em alguns momentos e como esses momentos também são importantes para os aprendizados nas aulas de Educação Física.

Ao iniciar o vídeo<sup>13</sup> que é feito por um desenho animado, percebo parte da turma está achando muito infantil. Eles dão algumas risadas e trocam olhares entre eles, porém ninguém se manifesta. Outros alunos não esboçam nenhuma estranheza ao vídeo e seguem prestando a atenção no seu conteúdo. Talvez seja uma boa opção escolher outro vídeo que fale sobre o tema sem que seja desenho animado para evitar que o grupo perca o foco. Porém é preciso ter uma sensibilidade na escolha do vídeo, pois o mesmo precisa ter uma linguagem simples e que seja voltado para iniciantes, pois devido o grupo nunca ter trabalhado com o tênis de campo antes, um vídeo com teor muito técnico e voltado para pessoas já praticantes, pode acabar trazendo mais dúvidas do que gerar novos conhecimentos. Apesar de todo o contexto em relação ao vídeo, de forma geral o vídeo atingiu suas expectativas da aula, trazendo novos conhecimentos ao grupo. Ao final do vídeo pergunto para os alunos quais as informações eles conseguiram absorver do vídeo:

- Entendi que pode jogar 1x1 ou 2x2 (Messi).
- Que quando a bola cai na linha é dentro (Cristiano Ronaldo).
- O ponto começa no 15 (Alana).

Marta diz que os pontos são estranhos, que é 15, 30.

Fagner concorda com Marta: - É verdade não vai de um em um.

Conforme os questionamentos dos alunos vão aparecendo procuro sanar as dúvidas da turma, complementando as informações trazidos no vídeo. Proponho para os alunos que façam algumas anotações de regras no caderno e que desenhem uma quadra de tênis. E em seguida questiono a turma:

- Essas são as regras oficiais, significa que nas nossas aulas temos que usar somente de desta forma ou podemos fazer alguma mudança para atender os nossos objetivos?

Messi responde rapidamente:

- Nas nossas aulas podemos mudar as regras, igual foi feito no vôlei.

A turma concorda com ele, e eu complemento: isso mesmo, apesar desta serem as regras oficiais do esporte tênis, durante as nossas aulas nós podemos e vamos adaptar as regras de acordo com o nosso objetivo. Igual foi feito quando trabalhado com o vôlei como bem lembrado pelo Messi, as regras oficiais têm que ser seguidas em campeonatos oficiais e, dentro das nossas aulas, podemos modifica-las para ajudar nos nossos objetivos.

A turma finaliza seus registros e vamos para a quadra para dar continuidade à nossa aula.

Chegando na quadra peço ajuda para os alunos para montarmos as redes e logo as redes estão montadas. Os cones que fazem a demarcação das linhas estão no lugar. Foram feitas 4 quadras. Em cada uma delas foi colocada uma bola diferente.

---

<sup>13</sup>[TÊNIS para crianças | Regras básicas \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...)

O vídeo traz algumas informações sobre os materiais usados no jogo de tênis, a forma de disputa de simples e duplas, dimensões e áreas da quadra. Trata também sobre como deve ser realizado o saque, dupla falta, forma de marcar ponto, game, set e vencer a partida.

**Figura 8: Quadra com as redes montadas**



Fonte: autor.

**Figura 9: Quadra com as redes**



Fonte: autor.

Expliquei para os alunos como seria a atividade, separei os grupos e começamos os jogos.

A classe estava animada e todos estavam participando. Até os alunos que em alguma aula anterior já haviam apresentado alguma recusa em participar, estavam jogando. Muitas vezes essa recusa aparece pelo medo de ter um desempenho abaixo do esperado e de se expor perante a turma.

Ao separar os grupos procurei no primeiro momento colocar os alunos com maior dificuldades e receio de se expor nas atividades práticas, com a bola de vôlei, pois com uma bola maior quando comparada com a do tênis, fica mais fácil de conseguir participar do jogo. A bola de vôlei era a maior que tínhamos nessa atividade, isso ajuda para agarrar a bola e o fato dela também subir bastante depois que toca o chão, facilita no tempo de reação para os jogadores, pois como ela sobe mais, demora mais tempo para retornar ao chão, dando assim um tempo maior para os alunos entenderem a jogada e deslocarem para tentar pegar a bola.

A cada 5 minutos era feito um rodizio e os grupos trocavam de oponentes e de bolas. Tínhamos uma bola de vôlei (figura 10) conforme já relatado, uma bola de borracha firme com um diâmetro menor que a de vôlei (figura 11), mas com um bom quique. Havia também uma bola de borracha com uma textura mais flácida (figura 12) e que quicava pouco e uma bola tênis (figura 13).

**Figura 10: Bola de vôlei**



Fonte: o autor.

**Figura 11: Bola de**



Fonte: o autor.

Figura 12: Bola de borracha



Fonte: o autor.

Figura 13: Bola de tênis



Fonte: o autor.

A atividade se mostrou prazerosa para os alunos e era possível ver todos contentes desenvolvendo as atividades e vibrando a cada ponto.

O Guga e Bia me chamam e disseram:

- Professor, temos uma estratégia. É só jogar nos cantos porque aí não dá tempo deles chegarem antes da bola pingar duas vezes.

Converso com eles, demonstrando que a estratégia usada por eles é interessante pois faz com que o oponente se desloque na quadra.

Neste momento paro a atividade prática, reúno toda a turma para falar um pouco sobre a lógica interna do jogo de tênis. Para isso uso a estratégia do Guga e da Bia. Reúno o grupo todo para conversar.

Falo para turma da estratégia passada pelos alunos e completo dizendo que essa é uma boa estratégia, pois no tênis nós precisamos criar espaços vazios na quadra. Cada vez que lançamos a bola perto da linha estamos mais perto de conquistar o ponto, pois mesmo que o ponto não aconteça nesta jogada, ao deslocarmos o jogador para perto da linha e mesmo assim ele consiga devolver bola, ainda temos uma boa jogada, pois conseguimos abrir um espaço na quadra para tentar concluir a jogada no próximo lance.

A turma retorna ao jogo e os alunos no mesmo momento tentam criar estratégias para arrumar espaços vazios na quadra para conquistar o ponto.

Julia me chama e diz:

- Professor, com essa bolinha (referindo se à bolinha de tênis) eu prefiro fazer com a raquete, não tem raquete? Essa bola é muito pequena para agarrar. Falei com a aluna que no dia de hoje não iríamos utilizar a raquete e que o objetivo da aula era entender qual a melhor estratégia que podemos usar para conquistar o ponto.

Em relação ainda às bolas, um grupo veio pedir para encher a bola de borracha mais flácida, ou troca-la pois ela quica muito pouco.

Informei para o grupo que as bolas eram diferentes, para tentarmos entender o tempo de deslocamento de cada bola, o quanto ele pinga no chão. E que isso é importante para treinarmos o tempo de bola e que o tempo de bola é um fator importante para o jogo de tênis.

Antes da aula finalizar, faço com um grupo uma roda de conversa.

- O que vocês acharam da aula?

A turma responde positivamente, legal, muito boa, é possível ver vários sorrisos.

Anitta disse:

-Eu gostei professor, ganhei várias vezes.

Marta:

- Nossa professor foi muito legal, a melhor aula.

Pergunto também o que podemos fazer para marcar ponto?

Fagner:

- Tem que fazer a bolinha pingar mais de uma vez.

Respondo: - Certo Fagner. E qual estratégia podemos utilizar para conquistar esse objetivo?

Guga, aluno que já tínhamos conversado durante a aula, se manifesta:

- Tem que fazer o outro jogador correr de um lado para o outro, para ele não conseguir pegar a bola.

Volto a concordar com Guga: - Isso mesmo fazer o adversário se deslocar pode ser uma boa estratégia para conquistar o ponto.

Neste momento chamei a Anitta, uma aluna que já tinha compreendido a forma de jogar e de explorar os locais vazios da quadra para demonstrar algumas possibilidades comigo.

- Pessoal se o objetivo é deslocar o adversário precisamos tentar fazer ele se locomover não apenas para um lado e para o outro, mas também para frente e para traz. Pode nos ajudar a conquistar o ponto.

Joguei alguns pontos com a Anitta tentando explorar essas variáveis, bolas longas e curtas, na direita e na esquerda. Foi muito bacana esse momento, a turma vibrou com os pontos e conseguiu entender ainda mais a dinâmica do jogo.

Finalizamos a aula informando que os aprendizados de hoje deverão ser utilizados nas aulas futuras, quando realizarmos os jogos de rebater com e sem implemento.

De forma geral a aula foi muito proveitosa para grupo, houve aquisição de novos conhecimentos em relação as regras e modo de jogar tênis. Na quadra os alunos além de adquirir novos conhecimentos e terem a oportunidade de vivenciar um jogo relacionado ao tênis, também foi possível ver que estavam contentes realizando a atividade. Optar por ter mais de um tipo de bola no jogo foi importante para conseguir trazer todos os alunos para a atividade, além de possibilitar que os mesmos entendam um pouco sobre o tempo de bola, que cada material vai responder ao mesmo jogo de forma diferente. Nesta aula também foi possível linkar os aprendizados do vídeo com os acontecimentos do jogo, como o fato de ser dentro quando a bola toca na linha.

Pelo número grande de alunos e a necessidade de fazer todos participarem de forma ativa na aula e ficarem pouco tempo como expectadores, os pontos dentro no nosso jogo foram computados de forma diferente do tênis oficial. A cada jogada era computado um ponto, esse ponto indicava que o jogador venceu o jogo. O jogador derrotado deveria dar lugar para outro participante, outra situação que também proporciona a troca dos

jogadores, é se um jogador conseguir vencer todos os seus oponentes, nesta situação mesmo vencendo ele deveria dar lugar para outro jogador, retornando para o final da sua fila e aguardando chegar a sua vez novamente.

Acredito que em outro momento das aulas, vamos usar a pontuação igual ao esporte oficial, para os alunos terem mais noção de como ela funciona. Visto que os alunos tiveram um interesse sobre a forma que a pontuação do tênis acontece.

Fiquei satisfeito com o andamento da aula e forma que os alunos se dedicaram e participaram das atividades.

<b>Diário de Aula 7 e 8</b>	<b>28/05/24</b>	<b>Jogos de Rebater</b>
-----------------------------	-----------------	-------------------------

A aula já começou a todo vapor, antes mesmo de entrar na sala alguns alunos já vinham me afirmando que hoje nós teríamos aula só na quadra. Isso por conta do cronograma que os alunos estão seguindo e que já previa que na data de hoje as atividades seriam apenas na quadra.

Fomos até a sala para guardar os materiais dos alunos e onde eu já aproveito para fazer a chamada. Dou preferência por realizar a chamada na sala pois já abro o notebook e lanço as presenças diretamente no sistema.

Enquanto faço a chamada Leticia me pergunta? Com um sorriso no rosto

- Professor você lembra, né? Hoje nossa aula é na quadra.

Balanço a cabeça de forma positiva e retribuo o sorriso.

Ao finalizar a chamada pergunto para a turma qual atividades vamos ter hoje.

A maioria da sala responde tênis, jogos de rebater.

Mas Lucas diz:

- Futebol.

Depois de confirmar para turma que eram jogos de rebater, falo diretamente com o Fagner que ainda não entramos na modalidade de futsal. A turma gosta bastante desta modalidade e sempre tem um ou outro afim de realizar esta prática.

Neymar reclama para os colegas que jogamos pouco futebol.

Lembro a turma que durante as aulas de educação física temos que trabalhar os esportes de forma diversificada para atender o interesse de todos e contemplar o máximo o repertório pertencente à educação física.

Lembro ainda a turma que a escola possui um a turma de treinamento especifica de futsal e que nestas aulas sempre é futsal, então quem tem interesse na modalidade deve frequentar a turma de treinamento.

Nos dirigimos para a quadra e a mesma estava ocupada por outra turma, deste modo fomos para pátio. Precisei inverter a ordem das atividades por conta do espaço.

Já no pátio pego uma fita crepe e começo a realizar as demarcações das quadras onde realizaremos o jogo “four square”<sup>14</sup>. Os alunos me ajudam e logo está tudo pronto.

**Figura 14: Quadras feitas com fita crepe no pátio**



Fonte: o autor.

Explico para os alunos como a atividade será realizada e já divido a turma em dois grupos. Metade da sala em cada quadra demarcada.

As atividades iniciam e no primeiro momento não utilizo os números em cada campo. Apenas realizamos o jogo e quem for eliminado sede o lugar para o próximo da fila.

Ao iniciar o jogo as dúvidas começam a aparecer.

Bianca diz:

- Professor a bola pegou na linha? Vale ponto?

Retorno a pergunta para o grupo, nós vimos nas regras da aula passada. Linha é dentro ou fora? Messi responde:

- Linha é dentro.

<sup>14</sup> [FOUR SQUARE QUATRO QUADRADOS - YouTube](#) O four square são 4 jogadores, e cada um deles defende um quadrado; os quadrados são enumerados de 1 a 4, sendo que inicia o jogo sempre com o jogador do quadrado "1". Ele deve bater na bola com mão para que ela quique em algum dos outros três quadrados adversários e o defensor não consiga devolver.

Falo com toda a turma sobre a necessidade de relembramos o que já aprendemos nas aulas anteriores e colocar em pratica nesta aula.

Minutos depois, Luísa pergunta:

- Posso rebater com a manchete igual no vôlei? Oriento a aluna que apesar deste movimento também ser de rebatida, nós vamos focar em rebatidas com a palma da mão, pois este movimento é mais próximo dos movimentos realizados no tênis. Dentro dos nossos jogos, temos que lembrar que o esporte base é o tênis de campo e que desta forma devemos primar por movimentos que fiquem próximo a realidade da modalidade.

Neymar vem até mim, e pergunta se não teria como dar um tempo para turma jogar futebol. Explico para o aluno que nesse momento não estamos trabalhando o futsal e também falo sobre as turmas de treinamento que eles podem frequentar.

A turma toda está participando da atividade, neste momento peço uma pausa para a turma e pergunto.

- Pessoal quando vocês estão devolvendo a bola, vocês têm algum alvo determinado ou apenas realizam a devolução para qualquer lugar? Alguns alunos respondem que devolvem para qualquer lugar.

Julia diz:

- Eu jogo no que for mais fácil.

Amanda diz:

- Os meninos só jogam para eliminar as meninas. O Cristiano Ronaldo e Lucas principalmente.

Cristiano Ronaldo se defende e diz que não tenta eliminar somente as meninas. Lucas também não concorda com as afirmações feita pela colega.

Particularmente, não observei nenhuma estratégia dos alunos para eliminar especificamente as meninas.

Concluo com o grupo sobre as intenções dos meninos e falo que a partir de agora o nosso jogo vai começar a ser mais direcionado, a partir da nova regra imposta no jogo. A regra diz o seguinte: se um jogador conseguir ficar 5 rodadas diretas no campo 4 ele se tornará o rei do campeonato.

Após a explicação pergunto para o grupo:

- E agora, em qual campo devemos jogar a bola?

Messi diz:

- Precisamos jogar a bola só no campo 4 para tentar eliminar ele. E quando estamos no 4 podemos jogar em qualquer um.

Concluo a fala de Messi:

- Pessoal agora o importante para quem não está no campo 4, é tentar lançar o maior número de jogadas nesse campo, pois assim terá mais chances de eliminar esse jogador.

Figura 15: Campos numerados



Fonte: o autor.

A turma volta para o jogo, agora com uma estratégia mais definida de jogo. Logo nas primeiras rodas já vê uma movimentação dos alunos tentando lançar mais a bola para o campo 4. Depois de uma sequência de várias bolas contra o seu campo que é o 4 neste momento, Lilian diz:

- Assim não vale! Fica 3 contra 1.

Isso é um sinal que o grupo compreendeu o sentido do jogo e procurou realizar movimento mais direcionados ao invés de realizar uma rebatida sem pensar.

Finalizamos essa atividade e vamos para quadra que nesse momento já está livre.

Já na quadra realizamos a atividade de 1x1 de mãos dadas, nessa atividade os braços dos alunos fazem o papel da rede e os mesmos devem jogar a bola por cima dos braços e se deslocarem para tentar recuperar a bola. Antes de começar a atividade pergunto para os alunos.

- Nessa atividade nós precisamos nos deslocar mais ou menos que na atividade anterior?

Elize:

- Nessa atividade nós nos deslocamos mais, na outra o campo é pequeno e cada um fica no seu quadrado.

Falo com o grupo sobre como as intenções dos jogos são diferentes, o primeiro tínhamos pouca mobilidade e maior preocupação para com golpe que estávamos realizando, já no segundo jogo o deslocamento é muito maior. Neste momento vamos assimilar a necessidade de se deslocar para recuperar a bola.

Na sequência fomos para a nossa última atividade. Esta atividade foi muito semelhante à da semana anterior, com a diferença que no jogo de hoje devemos rebater a bola ao invés de agarrar e lançar.

O jogo foi se desenvolvendo e os alunos começaram a perceber a dificuldade de realizar o jogo. O jogo foi realizado com a bola de vôlei para facilitar a tentativa de rebater a bola. No mesmo modo que a bola de vôlei facilitou acertar a bola por conta do seu tamanho, ela também gerou uma dificuldade por conta do seu peso. Para esta atividade acontecer com mais facilidade seria interessante uma bola de plástico estilo de parque de diversão, leve e que tenha um bom quique, porém, não tinha esse material disponível para utilizar.

Por conta da dificuldade de realizar a atividade, percebo que alguns alunos vão perdendo o interesse em realizar a atividade. Tentei estimular os alunos que estavam perdendo o interesse. Busquei incentivar os alunos, orientei sobre as dificuldades do jogo e os alunos retornaram ao jogo.

A aula foi finalizada. Percebi que as atividades 1 e 2 deram muito certo, os alunos aproveitaram bastante, os objetivos dos jogos foram atingidos. Já a última atividade realizada não conseguiu atingir a turma toda, acredito que isso aconteceu por conta do peso da bola. Desta forma acredito que seria mais interessante realizar esta atividade com uma bola mais leve, para facilitar o desenvolvimento do jogo para todos os alunos

<b>Diário de Aula 9 e 10</b>	<b>04/06/24</b>	<b>Quem joga e Jogos com implemento</b>
------------------------------	-----------------	---

Primeiramente devemos informar que esta aula diferente das anteriores não aconteceu na terça feira, pois nesta terça feira aconteceu a aplicação da prova da Olimpíadas Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) deste modo foi feito um ajuste no quadro de aulas e a aula de Educação Física aconteceu na sexta feira.

Os alunos não sabiam que aula iria acontecer neste dia e ficaram surpresos e alegres quando eu cheguei à sala. Após a euforia da classe passar, preparamos para dar início a nossa aula.

Neymar pergunta:

- Professor nós podemos jogar futebol hoje, já que não é o dia da sua aula?

Neste momento aproveitei para explicar melhor para a classe o que estava acontecendo:

- Pessoal apesar de não ser o dia que normalmente temos aula, nós vamos seguir o nosso cronograma para não ficarmos atrasados. Eu pedi para o professor de matemática trocar essas aulas, justamente para realizarmos a atividade proposta para essa semana. Portanto não vamos jogar futebol, vamos continuar trabalhando o tênis.

Anitta comemora que vamos continuar com o tênis.

Elize se manifesta nesse momento:

- Nunca jogamos futebol!

Expliquei para Elize a para a turma que o futsal vai ser trabalhado em outro momento, nós temos várias possibilidades de conteúdo dentro das aulas de Educação Física e não podemos nos limitar a praticar apenas um esporte. E que os alunos podem vir praticar o futsal nas turmas de treinamento da escola.

Alguns alunos comentam que já estão frequentando as aulas de futsal.

Após o grupo entender que continuaríamos o nosso tema, passei alguns pequenos vídeos de jogos de tênis de campo<sup>15</sup>: simples feminino e masculino, duplas femininas, duplas masculinas e mistas.

Durante os vídeos a classe se empolgava com os lances das jogadas realizadas. Era possível ouvir comentários do tipo:

- Nossa que jogada!

- Caramba esse cara é muito bom!

- Parece eu jogando, joga muito!

Após os vídeos perguntei para o grupo o que eles tinham reparado nos lances?

Alana:

- Teve vários pontos e eles são bons.

Cristiano Ronaldo:

- Tem o cara que saca muito forte.

O grupo manteve os seus comentários em volta das habilidades dos atletas. Instiguei o grupo para as questões relacionadas ao gênero. Quem praticava? Eram apenas mulheres? Apenas homens? Jogavam juntos?

Marta diz: - Tinha homem, mulher e também teve um que eles jogavam juntos.

Concordei com a Marta e dei continuidade, explicando que no tênis de campo tem várias possibilidades de praticar, simples masculino e feminino, duplas feminina, masculina e mista. Ou seja, homens e mulheres podem praticar inclusive em campeonatos oficiais separados ou juntos.

Perguntei se eles conheciam outro esporte que homens e mulheres jogavam juntos?

Messi diz:

---

<sup>15</sup> Simples masculino: <https://www.youtube.com/watch?v=ILp2zTyoMww>

Simples feminina: <https://www.youtube.com/watch?v=z-wtLSBMHlc>

Duplas femininas: <https://www.youtube.com/watch?v=jRpGANy055Y>

Duplas masculinas: <https://www.youtube.com/watch?v=n8Jcs8QtKTM>

Dupla mistas: <https://www.youtube.com/watch?v=MEYO4FDCFKs>

- Futebol, no treino do “Serrana” (equipe da cidade), tem uma menina que treina com a gente.

Amanda diz:

- Aqui na escola também jogamos juntos. O grupo trouxe alguns exemplos de prática mista fora do ambiente profissional. Tentei levar o grupo a refletir a prática do esporte profissional de forma mista. Mas vocês já viram na TV um jogo de futebol, tipo copa do mundo mista? Ou campeonato brasileiro de futebol com um time misto? Ou uma partida de vôlei, basquete misto?

O grupo refletiu rapidamente e buscou na memória, mas logo responderam que não. Que era só masculino ou só feminino.

Dei continuidade a aula falando, que a grande maioria dos esportes de alto rendimento não utilizam de práticas mistas e que essas práticas mistas são mais comuns em esportes amadores. Porém isso está mudando e outras modalidades além do tênis de campo também estão implementando competições mistas como na natação e no atletismo.

O que vocês acham desse tipo de prática?

Marta logo se manifesta:

- Acho legal porque assim tem mais oportunidade para todo mundo jogar.

Messi ergue as sobrancelhas com a minha pergunta, com uma cara de não aprovar muito a ideia. Então pergunto diretamente para ele o que ele pensa.

- Bom, acho bom. Com uma certa hesitação.

Tentando ainda levar o grupo para os esportes que eles têm mais contato como o futebol, já imaginaram se um dia o campeonato brasileiro de futebol fosse misto?

Jéssica diz: - Já pensou a Marta tocando a bola para o Neymar? Ia ser legal.

Outros alunos também se manifestam positivamente, me surpreendendo. Imaginei que o grupo fosse ter uma necessidade de separar os gêneros o que acabou não acontecendo.

Concluímos a nossa conversa na sala falando sobre a importância de darmos oportunidades iguais para todos praticarem os esportes independente do seu gênero.

Informo os alunos que hoje na quadra, vamos realizar pequenos jogos com as raquetes, formando os times masculinos, femininos e mistos.

Já na quadra expliquei a didática da nossa aula. Utilizamos as quadras demarcadas com os cones e com a rede dividindo as quadras, conforme já realizado em aula anterior.

Esta dinâmica com várias minis quadras ajuda a manter um número maior de alunos em atividade e esperem menos para retornar ao jogo. Mostrei para os alunos que iríamos explorar as raquetes. Informei as regras básicas da nossa atividade e fomos para a prática.

A turma estava empolgada pois iríamos utilizar as raquetes, antes mesmo do jogo começar eles já queriam escolher as raquetes que iriam usar.

Dividi os grupos de acordo com o número de quadras que tínhamos disponível. A pontuação foi repetida da aula anterior, apenas um ponto por partida para manter a rotatividade dos alunos na atividade e preservando a participação de todos. Sem privilegiar

os mais habilidosos, se uma dupla ganhava 4 pontos seguidos (“partidas”), essa dupla deixava a quadra para dar lugar a outra.

Vitória durante o jogo me perguntou:

- Professor se eles tiverem aqui perto da rede já posso lançar a bola direto lá fundo?

Aproveitei a pergunta dela, e pedi um minuto de atenção da classe para refletirmos sobre a pergunta.

Fiz a mesma pergunta para a turma. Podemos jogar a bola lá no fundo se a dupla de oponentes estiver aqui na frente?

Fagner: - Claro, pois assim fica mais difícil deles pegarem.

Vitória continua: - Mas já na primeira jogada?

Quando a aluna diz “Primeira jogada” ela está se referindo ao saque.

Cristiano Ronaldo continua: - Sim, ele que escolheu ficar lá, podemos jogar em qualquer lugar. Não é professor?

Aproveito o retorno da pergunta do Cristiano Ronaldo e explico para o grupo, que no nosso jogo não determinamos a área de saque, portanto podemos sacar em qualquer lugar, porém era importante eles lembrarem que no jogo oficial existe a área de saque e que no momento do saque a bola deve tocar apenas dentro desta área.

Neste momento esta regra não fazia muito sentido de ser empregada em nosso jogo devido à habilidade do nosso grupo. Se colocássemos essa regra o jogo perderia muito, pois a maioria dos pontos ficaria por conta desta situação.

O grupo entendeu sobre a necessidade de jogar a bola nos espaços vazios (mostrando uma compreensão sobre a lógica interna do jogo), a execução nem sempre aconteceu, não por falta desse entendimento, mais sim por conta do nível de habilidade do grupo com as raquetes.

Voltamos ao jogo e a turma curtiu a atividade. As trocas nas composições das duplas ocorreram de forma tranquila, procurei colocar os grupos com número ímpar, pois desta forma a cada vez que voltava para fila se formava uma nova dupla. Utilizei esta dinâmica para evitar que uma única dupla se mantivesse durante toda atividade, o intuito era formar duplas sempre novas, aumentando assim suas possibilidades de parceiros.

Não tivemos nenhum problema nas formações de duplas dentro do mesmo gênero ou mista. Antes do sinal tocar, reuni o grupo para fazer algumas perguntas sobre o que eles acharam da aula.

Os comentários do grupo foram positivos em relação à atividade, todos gostaram. Perguntei se preferiam jogar com mesmo gênero ou misto? Não houve nenhuma oposição do grupo, se mostrando indiferentes com a formação das duplas. Fiz alguns comentários sobre o quanto foi bacana vê-los(as) na aula se dedicando e interagindo com os colegas e finalizei dizendo que na próxima terça-feira daríamos continuidade ao nosso cronograma.

Com a aula concluída me senti satisfeito e surpreso com a turma. Imaginei que teríamos mais problemas com a aceitação dos alunos em relação ao esporte misto profissional, porém, não foi a manifestação que tivemos na sala de aula. Ao falarmos sobre o tema, o grupo se mostrou a aceitar os esportes misto, inclusive os mais tradicionais.

A aceitação nas aulas práticas com a formação das duplas mistas não me surpreendeu, pois esta já é uma prática comum nas nossas aulas, times formados de forma mista independe da modalidade.

Em relação à habilidade dos alunos, o fato de terem pouco contato com os esportes de rede com implemento dificultou a realização dos golpes pretendidos, apesar de terem uma noção da necessidade de explorar os espaços vazios da quadra, a maioria das devoluções não estavam buscando esse objetivo, eram apenas para salvar a bola e tentar jogar para o outro lado da quadra. Mas o que não afetou no entendimento do grupo em relação ao objetivo da atividade.

Também não me preocupei em ressaltar para os alunos sobre a necessidade de realizar o golpe em um determinado local, pois acredito que o desenvolvimento da lógica interna do jogo está acontecendo, atingindo assim o principal objetivo da aula. Com o tempo e a melhora da habilidade com as raquetes deve acontecer e as questões de compreensão da lógica se junte aos movimentos realizados pelos alunos.

<b>Diário de Aula 11 e 12</b>	<b>11/06/24</b>	<b>O que foi dito? Reprodução de alguns termos na quadra</b>
-------------------------------	-----------------	--

Nesta aula estávamos programados para realizar junto com a professora de inglês da turma, com o objetivo de trabalhar, na sala de aula no primeiro momento, os termos em inglês utilizados no jogo de tênis, porém, a professora se afastou por motivo de saúde. Deste modo a aula foi realizada apenas pelo professor de Educação Física.

Nosso dia começou tumultuado, o projetor da sala não quis funcionar e acabamos trocando de sala com outra turma para poder utilizar o projetor. Depois de todos instalados na nova sala de aula demos início ao conteúdo da aula.

Iniciei a aula perguntando para os alunos se eles conheciam algum termo usado no tênis, cuja a palavra fosse de origem inglesa. A classe não conhecia nenhum termo.

Informei para a turma que no tênis temos vários termos utilizados com origem do inglês e que nós iríamos assistir um pouco de jogo de tênis e aproveitaríamos para escutar a narração e o comentarista tentando identificar algum termo em inglês.

Coloquei os primeiros dois games do jogo da final do Rio Open 2022. Ao começar o vídeo o aluno Lucas comenta:

- Professor parou de sair o som.

Pausei o vídeo e informei para o grupo, que o som continuava funcionando. Porém, diferente de outros esportes, na maioria das narrações do jogo de tênis, o narrador não fala nada durante o ponto, ele fica em silêncio. Ele fala apenas quando o ponto termina, assim como a torcida, que permanece calada durante o ponto e só vibra ao final do ponto.

O grupo acha estranha a atitude do narrador e da torcida.

Helena diz:

- Que chato ninguém fala nada, fica em silêncio.

Messi:

- No futebol que é bom, a torcida canta, grita.

Falamos sobre a cultura e a características de cada modalidade esportiva, sendo então essa forma de assistir jogo de tênis. Exploramos nesse momento da aula um pouco sobre a lógica externa da modalidade. Expliquei para o grupo, que essa dinâmica é respeitada e caso a torcida não respeite, o árbitro pede silêncio e interrompe o jogo até que seja respeitada ordem. Os jogadores precisam de muita concentração, muito silêncio e (quase) nada de barulho.

Apesar de não ser o objetivo desta aula, aproveitamos também o vídeo do jogo para retomar uma demanda do grupo, sobre a forma que a contagem dos pontos acontecia. Analisamos a contagem de pontos, usando as informações passadas pelo narrador e também as informações visuais que aparecem na transmissão. Desta forma ficou mais fácil dos alunos entenderem a pontuação.

Já em relação ao objetivo da aula de hoje, a dinâmica seguiu da seguinte forma. Quando os alunos identificavam alguma palavra em inglês, eles se manifestavam. Luiza se manifestou ao escutar a palavra *forehand*. Pausei o vídeo e perguntei se alguém teria alguma ideia do significava essa palavra. Tivemos alguns chutes, porém, sem êxito.

Isadora:

- Tem a ver com a bola ter ido fora?

Lilian:

- É que ele jogou forte!

Anotei na lousa a palavra identificada pelo grupo e dei continuidade ao vídeo.

Amanda diz:

- Professor, tem uma hora que alguém na quadra grita alguma coisa, mas não sei o que é. Acho que "au".

A turma concorda com a Amanda, mas ninguém conseguiu ao certo identificar o que foi dito.

Cristiano Ronaldo diz:

- O jogador dá um grito quando bate na bola.

Amanda:

- Não é esse barulho. Foi agora no final.

Informo ao grupo que a palavra dita é *out*. E quem está dizendo é o juiz de linha.

Das palavras esperadas que a turma reconhecesse no vídeo faltou falarem: *game* e *backhand*. Palavras que foram pronunciadas pelo narrador e comentarista, porém, o grupo não identificou.

Na sequência projetei um power point com as palavras usadas no vídeo, coloquei a tradução literal da palavra e forma como ela é utilizada no tênis. Outras palavras que não apareceram no vídeo, mas que também fazem parte do vocabulário usado no tênis foram exploradas. Como as palavras *winner*, *love* e *smash*.

A professora de inglês dará continuidade a esse trabalho relacionado aos termos utilizado no tênis de campo junto aos alunos, quando retornar do seu afastamento, durante as aulas regulares da sua disciplina.

Figura 16: Forehand (antecipado). Golpe de Direita" considerando se o indivíduo destro. Palma da mão voltada para frente.

**Figura 16: Forehand**



Fonte: o autor.

Figura 17: Backhand (golpe dado com as costas da mão). Golpe de esquerda considerando-se o indivíduo destro. Costas da mão voltada para frente.

**Figura 17: Backhand**



Fonte: o autor.

Figura 18: Smash (Esmagar). CORTADA golpe de difícil execução, alto, realizado de cima para baixo.

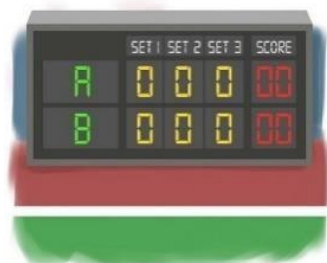
**Figura 18: Smash**



Fonte: o autor.

Figura 19: LOVE (Zero, usado na contagem de pontos). No jogo de tênis, love significa zero ponto.

**Figura 19: Love**



Fonte: o autor.

Figura 20: out (fora). Utilizado pelos juizes e jogadores para avisar que bola foi fora.

**Figura 20: Out**



Fonte: o autor.

Figura 21: Winner (vitória). Utilizado no tênis quando um jogador realiza uma bela devolução, marcando um ponto sem dar chance ao seu oponente.

**Figura 21: Winner**



Fonte: o autor.

Os alunos registraram as palavras no caderno e o como elas são utilizadas no jogo de tênis. Após a finalização dos registros por todo o grupo, fomos para a quadra.

Já na quadra o objetivo era realizar os movimentos de backhand e forehand. Expliquei de forma simples para os alunos que no forehand a palma da mão que está com a raquete fica voltada para frente quando realizamos o golpe.

Separei a turma em 6 grupos e os alunos tentaram reproduzir o movimento. Apesar de ser uma reprodução de movimento, a técnica não estava sendo cobrada dos alunos; apenas a vivência a partir de uma palavra em inglês e que faz parte do jogo de tênis de campo. Deste modo a altura como cada aluno segurava na raquete e o movimento realizado não foi o alvo da nossa aula. O objetivo era apenas tentar aplicar um golpe com a palma da mão voltada para frente. Na sequência expliquei o backhand e realizamos o golpe.

No primeiro momento para facilitar a tentativa de golpe, um aluno jogava a bolinha com a mão, enquanto o outro tentava rebater realizando os movimentos. Na sequência, os dois alunos tentavam realizar o golpe com a raquete, neste momento informei que a tentativa era controlar a bolinha e não fazer o ponto. Deste modo deveriam devolver a bola de modo que o colega conseguisse mantê-la em jogo. O jogo realizado hoje, era um jogo colaborativo. Quando a dupla não conseguisse devolver a bola antes do segundo pingo, eles deveriam dar lugar para uma outra dupla realizar a atividade. Um jogo que é ilustrativo disso é o frescobol, que costuma ser jogado nas praias. O objetivo não é vencer o companheiro, mas jogar junto e deixar a bolinha mais tempo possível em jogo.

Jéssica diz:

- Professor, é muito difícil realizar esse movimento. Se referindo ao backhand.

Incentivei a aluna tentar reproduzir o movimento e informei que com o passar do tempo eles vão ganhando mais habilidade e vai ficando mais fácil.

Após algumas tentativas de cada aluno, realizamos pequenos jogos<sup>16</sup>, com o intuito de tentar explorar os movimentos realizados anteriormente. Ao pensarmos uma prática pedagógica inovadora o jogo tem um papel central, desta forma não ficamos a aula toda reproduzindo o gesto motor até conseguir a perfeição. O objetivo foi ampliar o repertório motor dos alunos através de pequenos jogos.

Antes de finalizar a aula, reuni a turma para conversamos sobre a aula. Dei os parabéns ao grupo pelo envolvimento na atividade. Perguntei qual era o objetivo da aula de hoje.

Neymar responde:

- Realizar os movimentos com a palma da mão para a frente e para trás.

Logo na sequência Sophia diz:

- Saber os nomes em inglês.

Anitta diz:

---

<sup>16</sup> Jogos de controle em grupo: formamos grupos com 5 alunos, com o objetivo de controlar a bola “como se fizéssemos uma roda para rebater, igual à que usualmente utilizamos no vôlei”. Nesta atividade o grupo tinha que colaborar entre si, para manter a bola em jogo. Fizemos no primeiro momento com 1 pingo, depois tiramos o pingo e por último o jogador poderia escolher se rebateria com ou sem pingo.

- Fazer o forehand e backhand.

Alguns alunos concordam com Neymar e Anitta, enquanto outros com a Sophia. Finalizo as discussões do grupo dizendo que os todos estão certos. Nesta aula nós tínhamos como objetivo reconhecer alguns termos usados no tênis que são da língua inglesa e realizá-los durante os nossos jogos.

A aula foi finalizada e acredito que os alunos conseguiram ter uma ideia dos significados dos termos que exploramos na aula de hoje, assim como realizaram à sua maneira os gestos técnicos propostos. Na aula de hoje não utilizamos em nenhum momento a competição, toda as ações de hoje foram colaborativas, um dependendo do outro. Em alguns momentos das aulas, tentei trazer essa ideia para os alunos, pois normalmente quando trabalhamos um esporte nas aulas de educação física a competição é mais explorada que a colaboração. Falei para os alunos que ao jogar a bolinha para outro rebater na primeira atividade era necessário jogar uma boa bola, para facilitar a devolução do colega. Assim como na segunda atividade onde ambos estavam com as raquetes, onde o objetivo de hoje não era marcar um ponto, mas sim controlar a bolinha o maior número possível de rebatidas com o colega. Porém, deixei bem explicado que esse não é o objetivo do de tênis oficial, onde o objetivo é dificultar o jogo para o adversário, mas que na proposta de hoje, o objetivo era de explorar os movimentos, tentando assim devolver o maior número de bola possível.

<b>Diário de Aula 13, 14 e 15<sup>17</sup></b>	<b>18/06/24</b>	<b>Mão na massa e na raquete</b>
--	-----------------	----------------------------------

Chegando na sala os alunos já sabiam que na aula de hoje iríamos confeccionar uma raquete. Os alunos estavam ansiosos para entender como que seria a construção da raquete.

Eliza me perguntou:

- Professor, nós vamos construir uma raquete? Confirmei para ela que sim, e ela continuou. Uma raquete igual à que jogamos?

Informei a aluna que não. Que a raquete que iríamos fazer era uma raquete diferente. Feita de papelão e sem um cabo para segurar, nós iríamos apenas encaixar a mão.

Os alunos estranharam um pouco a informação. Foi possível escutar comentários:

- Raquete de papelão!

- Ah então não é uma raquete mesmo.

Aproveitei para falar mais com a turma sobre a utilização dos acessórios e como podemos adaptar de acordo com as nossas necessidades. Falei sobre a possibilidade de trocar o tamanho e peso da bolinha assim como pode utilizar as mais distintas raquetes.

<sup>17</sup> Tivemos a oportunidade de dar uma aula a mais nesse dia para turma, pois a professora que daria a última aula para turma, teve que se ausentar da escola.

Eu trouxe todos os materiais para confeccionar as raquetes do grupo: papelão, elástico, cola e fita adesiva. Pois desta forma garanti que todos conseguissem realizar a atividade.

Para facilitar, também já deixei alguns moldes prontos para agilizar o processo de confecção. Antes de colocarmos a mão na massa, passei um vídeo<sup>18</sup> para os alunos observarem como seria a atividade.

Após o vídeo, o grupo se animou com a possibilidade de ter uma raquete para cada um.

Os alunos observaram o vídeo e na sequência começamos os preparativos para a confecção. Comecei dando um pedaço de papelão para cada aluno. Os alunos já começaram a ficar eufóricos. Este foi o primeiro momento que eu realizei com a turma uma atividade de construção de material. Todos queriam pegar ao mesmo tempo os materiais, foi preciso organizar o grupo para facilitar o trabalho.

Os alunos começaram a produção realizando um círculo no papelão utilizando os moldes, na sequência os alunos precisavam recortar o círculo. Neste momento alguns alunos estavam com dificuldade de realizar atividade.

Lucas reclamou que estava muito difícil de cortar. Outros alunos também estavam com a mesma dificuldade. Porém o grupo foi se ajudando e no final todos conseguiram recortar os seus círculos. Após a confecção dos círculos os alunos precisavam desenhar, em um dos círculos, a mão que utilizariam para jogar.

Alguns alunos precisaram desenhar mais de uma vez, pois acabaram desenhando a mão trocada.

Mirian veio até a minha mesa informando que não conseguia desenhar a mão sozinha. Fiz o contorno da mão dela e informei ao grupo para que eles trabalhassem em dupla neste momento, um ajudando o outro na construção.

Após o desenho, foram passados o elástico e a fita adesiva para finalizarem a confecção. Os alunos que foram acabando foram convidados a decorar a sua raquete enquanto o restante do grupo finalizava.

**Figura 22: Raquetes produzidas**



Fonte: o autor.

<sup>18</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=e7EvFT5wHpE>

Anitta uma das primeiras a terminar, já estava ansiosa para começar a jogar. Pegou uma bolinha de papel e começou a rebater na sala.

A construção aparentemente parece simples, porém, o grupo finalizou a construção apenas no final da segunda aula. Não sendo possível praticar durante a nossa aula. Como indicado anteriormente, foi a primeira vez que trabalhei com eles a construção de algum material, de maneira geral o grupo apresentou dificuldades de realizar ações que aparentemente eram básicas, isso me surpreendeu muito. Eu imaginava que os alunos já fossem mais independentes para realizar esse tipo de atividade.

Porém, como eu já sabia que a professora da última aula não estaria na escola, utilizamos a última aula para fazer a parte prática da aula. Ou seja, a conclusão desta aula acabou sendo em 3 aulas. Felizmente para nós, tivemos essa oportunidade de dar mais uma aula, que foi imprescindível para darmos continuidade e andamento no desenvolvimento da atividade.

No momento da aula prática os alunos estavam entusiasmados. Depois de todo o trabalho para confeccionar a raquete, havia chegado o momento de utiliza-la.

Iniciamos a atividade repetindo um jogo já conhecido pelo grupo o jogo *four square*, jogo realizado na aula de jogos de rebater. Porém com algumas diferenças, nessa atividade utilizamos a raquete confeccionada no lugar da mão e utilizamos a bola de tênis de mesa para realizar o jogo. O objetivo dessas alterações é proporcionar para os alunos um jogo que fique mais próximo do esporte tênis. No primeiro momento que realizamos o jogo era rebatido apenas com a mão e nesta atividade de hoje já tivemos um implemento. Além disso ao jogar o jogo novamente é possível ver como os alunos já assimilaram as características da modalidade e começaram a explorar os espaços vazios da quadra, buscando abrir em espaço na quadra para realizar a definição do ponto, diferente da primeira vez que praticaram.

A aula aconteceu no pátio da escola, onde já havíamos desenhado a quadra do jogo. A euforia da turma durante o jogo foi tanta que alguns funcionários da escola acabaram se dirigindo ao pátio para ver o que estava acontecendo. Os alunos se divertiram muito com o jogo, a raquete que fica basicamente colada na mão, ajudou bastante os alunos. O fato de ter escolhido também uma bola menor e mais leve também foi outro fator que ajudou a todos conseguir realizar os golpes.

No segundo momento, trocamos algumas regras do jogo, tirando o pingo do jogo e colocando uma outra bola de plástico no lugar. O jogo continuou muito interessante.

Bola de tênis de mesa. Utilizada na primeira atividade.

**Figura 23: Bola de tênis de mesa**



Fonte: o autor.

Bola de plástico (bola de piscina de bolinha). Utilizada na segunda atividade.

**Figura 24: Bola de plástico**



Fonte: o autor.

Rita disse: - Professor, estou gostando muito desta aula.

Aproveitei a facilidade do grupo ao realizar o jogo, para tentar lembra-los da lógica interna do tênis e começar a aplica-la no nosso jogo. Falando sobre a necessidade de buscar os locais vazios para realizar o ataque, tentando conquistar o ponto ou dificultando a devolução do adversário.

Fagner falou:

- Professor, eles estão ficando aqui na frente, daí eu estou jogando no fundo e eles não pegam.

Enzo diz:

- Professor, pode jogar a bola no meio dos pés? O Fagner está fazendo isso!

Respondi para ele:

- A bola caiu dentro da quadra?

Enzo:

- Sim!

Eu:

- Então, vale. O objetivo do jogo é justamente jogar em local que dificulte a devolução. Fica fácil devolver quando a bola vai entre os seus pés?

Enzo:

- Não.

Eu:

- Então essa é uma boa estratégia de ataque. Você não acha?

Enzo:

- Sim! Vou começar a fazer isso.

Aproveitei essa situação e expus para o grupo minha conversa com o Enzo.

A turma buscou assimilar a informações e coloca-las em pratica no jogo. Finalizamos a atividade e lembrei os alunos na necessidade de trazerem a autorização assinada para a escola pois na próxima aula temos uma atividade fora da escola.

Saio satisfeito com o resultado final, pois os alunos conseguiram realizar a construção do material e gostaram bastante de usá-lo. Mas fico pensativo sobre a capacidade das turmas que estão no 6º ano em realizarem a construção deste material em apenas uma aula. Penso que para uma utilização desta unidade didática no futuro seja

necessário acrescentar mais tempo para a conclusão desta atividade dentro do cronograma.

<b>Diário de Aula 16 e 17</b>	<b>25/06/24</b>	<b>Explorando outras quadras</b>
-------------------------------	-----------------	----------------------------------

Conforme mencionado no diário anterior, hoje é dia de atividade fora da escola. Quando vejo os alunos ainda no pátio os alunos já estão basicamente preparados para sair.

E logo escuto:

- Professor é agora? Já estamos saindo? Tem que levar bolsa? Posso levar meu lanche?

Tento acalmar os alunos e digo que primeiro vamos nos dirigir a sala de aula para guardar nossos materiais e conversamos um pouco antes de irmos.

Dia de passeio na escola é sempre diferente, as crianças estão sempre de bom astral e animadas para conhecer ou visitar um local diferente. Particularmente gosto muito de tirar os alunos do ambiente escolar para explorar novos locais, um ambiente novo sempre traz novas descobertas.

Já na sala a primeira providencia que tenho é conferir as autorizações, a coordenadora já havia me entregue algumas autorizações que os pais enviaram a ela e recolhi as autorizações de quem ainda não tinha entregue. Dos 25 alunos presentes na aula de hoje, 3 alunos não foram para a atividade por falta de autorização. Esses alunos foram direcionados para outras salas.

Com as autorizações em mãos e a turma toda organizada, fomos para única quadra de tênis aberta ao público localizada na cidade. Essa quadra é particular, utilizada para aulas particulares e locação de horário. No nosso caso, os proprietários cederam o espaço para a utilização com as crianças sem gerar nenhum custo.

No caminho até a quadra a turma foi conversando sobre a quadra.

Cássio diz: - Onde é essa quadra, eu nunca vi?

Helena responde: - Ela fica em frente à quadra de beach tênis, eu já fui na de beach tênis.

Aproveito esse momento para perguntar para os alunos quem já havia ido a uma quadra específica de tênis?

Anitta diz: - Eu nunca fui, nunca nem vi uma ao vivo.

Os alunos continuam os comentários e é possível identificar que a grande maioria dos alunos nunca haviam pisado em uma quadra de tênis.

Cristiano Ronaldo diz: - Nunca joguei na quadra, mas lá no clube que fui em Ribeirão tem.

Falo com os alunos sobre as questões sociais e econômicas relacionadas a modalidade do tênis. O tênis é um esporte que ainda não é acessível para todos no nosso país, pois a maioria das quadras de tênis são particulares, ou seja, é preciso efetuar um pagamento para poder utiliza-la. Pergunto para o grupo se alguém conhece alguma quadra na cidade gratuita de tênis? Os alunos refletem sobre a pergunta mais ninguém conhece.

Falo para os alunos que eu também não sei de nenhuma quadra específica de tênis gratuita na cidade, mas que na cidade de Sertãozinho, uma cidade da nossa região tem quadras de tênis gratuitas onde todos podem usar. Lembro ainda os alunos que apesar de não ter uma quadra oficial disponível gratuita, nós podemos adaptar o jogo e realizarmos em outros locais. Desta forma a falta de um local específico não deve ser um impedimento para a nossa prática. Dou o exemplo para os alunos que podemos utilizar as quadras poliesportivas disponíveis pela cidade e adaptarmos para jogar o tênis, igual fazemos na nossa escola.

A turma me questiona quanto estou pagando para jogarmos na quadra onde estamos indo? Informo ao grupo que o proprietário não cobrou nada, quando entrei em contato com ele e informei que era para realizar uma atividade da escola, ele gentilmente cedeu esse horário sem custo para nós.

Pergunto para grupo então se conhecem alguma quadra poliesportiva gratuita. A turma toda se manifesta e fazem apontamentos das diferentes quadras que conhecem. Deste modo falo com o grupo que no nosso país, o tênis não é um esporte tão popular quanto o futebol, o vôlei o basquete. Deste modo é muito mais comum vermos quadras voltadas para essas modalidades ao invés do tênis.

Ao chegar no local, os alunos ficaram ansiosos, querendo entrar logo na quadra. Quando chegamos estava acontecendo uma partida. Enquanto aguardávamos a nossa vez, aproveitei para falar novamente com os alunos sobre a lógica externa da modalidade.

O grupo conversa e fazia algumas brincadeiras em um som desproporcional para o ambiente, mas totalmente dentro do tamanho da euforia do grupo. Nesse momento falo:

- Pessoal quando assistimos o vídeo do jogo de tênis, como a torcida estava? Falando durante o jogo ou em silêncio?

Bianca logo responde: - Em silêncio. O grupo concorda com a afirmação da colega e eu continuo.

Exatamente, desta forma precisamos diminuir o nosso barulho para não atrapalhar o jogo. Essa é uma característica dessa modalidade e nesse momento nós somos o público e devemos respeitar os jogadores. O grupo acata o combinado e observamos o jogo.

Os alunos ficam impactados com o barulho da bolinha ao tocar a raquete.

Cristiano Ronaldo comenta:

- Nossa é olha o barulho que faz a bolinha.

Amanda diz:

- Eles batem muito forte.

Outra coisa que chama bastante a atenção do grupo é o piso da quadra.

Amanda:

- Professor é de terra essa quadra?

Informo para a Amanda e para o grupo que essa quadra é de saibro. Pergunto se eles lembram dos outros pisos que vimos nas aulas anteriores.

Giovana diz:

- Tem de grama, eu acho!

Confirmando a resposta da Giovana e falando para o grupo que tem mais um. O grupo tenta lembrar o outro piso. Mas sem sucesso. Daí pergunto, onde jogamos?

Cristiano Ronaldo responde:

- Na quadra.

Concordo com o Cristiano Ronaldo e dou continuidade, isso o piso que tem na nossa quadra é similar ao terceiro piso do tênis, que é o piso duro de quadra.

O local possui duas quadras, uma com apenas a marcação da quadra simples e outra com a marcação da simples e dupla.

**Figura 25: Quadras com as marcações do jogo para simples**



Fonte: o autor

Figura 26: Quadra com as marcações de jogo para duplas



Fonte: o autor

Aproveito para perguntar para o grupo se conseguem identificar a diferença das quadras.

De maneira geral o grupo responde que uma é menor que a outra.

Dou continuidade: - Mas o que tem de menor uma da outra?

Neymar: - A linha lateral, nessa aqui apontando para a quadra simples, é para jogar só 1x1 porque não tem a linha maior de fora, onde jogo 2x2.

Dou os parabéns para o Neymar e confirmo a resposta para o grupo, neste momento Neymar fica constrangido pois a turma acaba brincando com ele, por conta do mesmo saber a resposta.

O clima do grupo está ótimo, mas acima de tudo estão ansiosos. Cada momento vinha um perguntar: - Professor nós não vamos jogar? Nós só vamos assistir? Professor por que não vamos na outra que esta desocupada? Professor posso entrar lá só para tirar uma foto?

Acalmo o grupo e informo que vamos aguardar, pois o professor da quadra vem falar conosco, para depois ir para a quadra jogar. Em poucos minutos a aula acaba e somos convidados a entrar na quadra. A turma entra na quadra toda animada e já querendo jogar.

O professor de tênis Diego, foi muito simpático comigo e com o grupo, perguntou se precisávamos de algum material para a nossa aula, raquetes, bolas e carrinho de bola. Agradei pela sua oferta, mas não foi preciso pegar o material emprestado, pois trouxemos os nossos materiais para o desenvolvimento da aula.

Organizo o grupo em duas equipes de 6 e duas equipes com 5 jogadores cada. Combino com os alunos como vai ser a nossa dinâmica. Onde cada jogo vai ter a duração de 3 games e os alunos que estão de fora vão assumir o papel de juízes de linha, juiz principal e placar.

Conforme o jogo vai acontecendo, aproveito para relembrar os conceitos e termos que já exploramos nas aulas anteriores. Os juízes de linha são estimulados a falar *out* quando a bola sai, e assim fazem.

Logo no início do jogo, falei que o placar está 15 zero, e Amanda diz:

- Esta 15 *Love*. Dou um sinal de positivo para Amanda.

Busco explorar também o local da área de saque, apesar desta regra não ser utilizada no nosso jogo. Proponho no início do jogo que saque aconteça de dentro da quadra, com passar do tempo o grupo pediu para sacar da linha do fundo e assim fizemos.

Foram jogadas algumas partidas e o grupo se divertiu bastante. Antes que acabe o nosso tempo na quadra, converso com o professor de tênis do local e peço para ele bater uma bolinha com as crianças. Ele concorda e montamos um desafio do aluno x profissional.

Explico para a turma o que vai acontecer e eles ficam animados de poderem jogar contra o professor, que já disputou diversos campeonatos na nossa região.

O professor ficou de um lado da quadra, enquanto o grupo de alunos montou uma fila do outro lado, realizando uma atividade de disputa de 3 bolinhas contra o professor. A atividade foi muito bacana e a cada aluno que conseguia devolver a bolinha a turma vibrava.

Encerramos a nossa aula na quadra agradecendo a recepção e participação do Professor Diego na nossa aula e embarcamos de volta para a escola.

Durante o percurso de volta a turma vai comentando de como foi legal ter ido na quadra e já me perguntando se na próxima aula podíamos voltar lá.

Ao finalizar a aula, para mim, fica uma sensação de prazer de poder ter ajudado a proporcionar para essas crianças esse tipo de vivência, que vai muito além de ir em uma quadra jogar tênis, gera neles sensações, desejos e sentimentos que ficarão marcados por um período em suas vidas. O sorriso no rosto de cada um é uma barrinha de energia recarregada na bateria do professor.

<b>Diário de Aula 18 e 19</b>	<b>28/06/24</b>	<b>Nosso jogo</b>
-------------------------------	-----------------	-------------------

Chegou o momento de finalizarmos a nossa unidade didática, nesta aula temos algumas atividades para serem realizadas. No primeiro momento vamos elaborar um jogo

de acordo com as necessidades identificadas pelo grupo, segundo momento devemos colocá-lo em prática e no terceiro momento vamos realizar um registro do que a turma achou desta unidade.

A aula não aconteceu na tradicional terça feira, devido a movimentação dos alunos indicando não iriam frequentar os últimos dias de aulas. Solicitei para a direção antecipar a aula para a sexta feira dia 28/06/24. A última aula desta unidade didática estava prevista para acontecer no dia 02/07/24, porém, esta é a última semana do bimestre, as aulas vão apenas até a quarta feira e devido a grande maioria dos professores já terem fechado as médias, os alunos diminuem a presença. Deste modo para ter um bom número de participantes a aula foi adiantada.

Não consegui avisar a turma com antecedência que essa alteração aconteceria, chegando na sala os alunos os alunos se surpreendem com a aula no dia fora do habitual.

Informo para o grupo o motivo da minha antecipação e damos início a aula. Informo para o grupo que devemos tentar criar um jogo baseado no tênis de campo de acordo com as nossas necessidades.

Esta atividade tem como o objetivo proporcionar para os alunos o protagonismo na elaboração do jogo, dando ao grupo poder de decisão. O grupo inicia a atividade com dificuldades de propor mudanças, pois ficam com dúvidas do que poderia ser mudado. Deste modo vou até a lousa e coloco algumas questões que podemos alterar de acordo com as nossas necessidades. Falo que podemos alterar as regras, os materiais, os locais, a pontuação, o número de participantes e etc.

Desta forma parece que o grupo entendeu melhor a atividade e começam a propor alterações. No primeiro momento para facilitar pedi que os alunos fizessem individualmente para todos terem oportunidades de criar e explorar a sua criatividade. Pois algumas vezes quando trabalhamos em grupo, os “líderes” acabam sempre tendo um protagonismo nas decisões. Após alguns minutos pedi para a turma que agora fossem lidas as propostas de cada um e assim o grupo iria decidir como seria o nosso jogo em consenso.

Eliza foi a primeira a expor suas ideias para o grupo:

- O jogo vai ser por equipe de 4 a 6 jogadores.

Nesse momento outros alunos já começam a falar se também colocaram alguma proposta para o número de jogadores.

Rita concorda com Eliza e diz que também colou para jogar de 6 jogadores. Cristiano Ronaldo se manifesta informando que colocou em suas regras apenas duplas.

Neste momento tento mediar a situação para já definir com o grupo o que eles preferem em relação ao número de jogadores. Após a discussão do grupo sobre o número de jogadores o grupo decide que vão ser 5 jogadores por equipe.

O número de jogadores foi 5 pois em um dos momentos de argumentação Rita diz que ser for dupla vai ter menos tempo para cada um jogar. Interessante ver como o grupo nesse momento optou por ter mais tempo de participação na atividade como jogador desempenhando uma função central na atividade ou invés de ficar apenas como expectador. Pensando numa perspectiva de aulas desenvolvidas através de modelos

tecnicistas ou tradicionais, onde as filas de espera para participar ou realizar as atividades são comumente utilizadas, pode acabar gerando nos alunos uma falta de interesse na atividade proposta. Acredito que as alterações de números de jogadores realizadas durante as atividades anteriores possibilitaram aos alunos tirarem a conclusão que para eles é mais agradável participar da aula por mais tempo, mesmo com um número de jogador diferente do esporte oficial, do que seguir o número de jogadores oficial e ficar um longo período apenas como espectador.

Outra questão que o grupo discutiu foi em relação aos materiais, teve aluno que escolheu raquete oficial, mas a grande maioria optou pela raquete de mão construída pelo grupo em uma das aulas anteriores.

Anitta diz: - Vamos jogar com a raquete de mão é muito mais legal.

Cristiano Ronaldo:

- Eu também acho.

Cássio:

- O Cristiano Ronaldo está viciado nessa raquete, vamos jogar com a oficial.

Após algumas discussões o grupo definiu que cada jogador poderá escolher a sua raquete. Desta forma ficaram disponíveis para os alunos as 12 raquetes oficiais que temos, além das raquetes de mão, onde cada aluno possui a que ele próprio produziu. Mais para frente veremos outras opções de raquetes disponíveis para a utilização na nossa atividade.

Vale ressaltar que eu fiquei particularmente surpreso com o efeito causado na turma pela raquete de mão, os alunos estão trazendo as raquetes para jogar durante o recreio, teve aluno que já produziu novas raquetes em casa e outros que se encontraram na rua para jogar juntos. Esta atividade foi um sucesso com a maioria do grupo.

Tivemos também outras mudanças propostas em relação à forma de pontuar, forma de contar a pontuação, alteração sobre o formato da quadra, mas no final acabaram não tendo força para vencer a discussão em grupo. Desta forma o jogo continuou a ser jogado em uma quadra retangular, podendo pegar a bolinha direto ou após um pingue e a forma de contar foram os pontos manteve-se a tradicional de 15,30,40 e *game*.

Neste momento nos deslocamos para a quadra para iniciar a atividade prática. O grupo não criou um nome específico para o jogo, chamaram apenas de “nosso tênis”, mas dava para sentir o pertencimento do grupo ao jogo. Os alunos tinham e demonstravam ser os autores do jogo, não estavam indo na quadra para praticar o tênis que eles já haviam realizado em outras oportunidades, mas sim, estavam indo jogar um jogo criado, pensado e proposto por eles, para eles. Era algo muito mais íntimo deles, mais próximo, transmitiam uma sensação de pertencimento aquele jogo, aquelas regras e tudo que cercava a atividade.

Já que os alunos optaram por cada aluno escolher a sua raquete, coloquei como opção para o grupo algumas raquetes que estavam na escola e que até o momento não tínhamos utilizado como 4 raquetes de madeira e 2 raquetes de badminton.

**Figura 27: Quatro raquetes de madeira**



Fonte: O autor.

**Figura 28: Duas raquetes de badminton**



Fonte: O autor.

Desta forma cada jogador que entrava em quadra podia escolher entre as raquetes disponíveis. Aproveitei para falar com o grupo que o legal nesta atividade era eles perceberem que não precisamos apenas de raquetes oficiais para jogar o nosso tênis,

podemos usar materiais alternativos e o jogo ainda sim acontece e continua sendo divertido.

Lucas: - Professor, acho bom ser assim, porque eu prefiro jogar com raquete de mão e na minha casa eu também não tenho raquete oficial.

Aproveito o momento para falar novamente com os alunos sobre as questões econômicas, que já havíamos falado em outro momento nas aulas anteriores.

- Bem lembrado Fagner, nem todos nós temos uma raquete profissional em casa. Eu por exemplo não tenho, mas isso não significa que não podemos ou devemos praticar o tênis. Pois como você já sabem, podemos explorar os materiais alternativos como a raquete que construímos. A raquete oficial do tênis tem um custo mais elevado do que a que produzimos, porém conseguimos jogar o nosso jogo com ambas.

Neymar pergunta: - Quanto custa uma raquete professor?

Respondo: - Varia muito Neymar, as mais simples podem sair um pouco mais de 100 reais, mas existe raquete que custa mais de R\$1.500,00.

Neste momento o grupo faz comentários sobre os valores das raquetes.

Lilian diz:

- Nossa, muito caro. Prefiro jogar com a de papelão. Se referindo à raquete que produzimos.

Enzo diz:

- Ah, eu queria ter uma raquete, mas é muito cara.

Damos continuidade após a turma refletir sobre as raquetes. O jogo se inicia e os alunos estão se divertindo. Durante o jogo alguns alunos pedem para trocar a bola de jogo. Iniciamos a atividade com a bolinha de tênis e depois a pedido e aceitação do grupo mudamos para uma bolinha de plástico daquelas utilizadas em piscina de bolinha e que já havia sido usada em outra aula pelos alunos. Outra regra alterada durante o jogo é que cada grupo podia tocar a bola entre si antes de devolver para o outro lado, como se fosse um jogo de vôlei. Porém sem um limite de número de toques.

Finalizamos atividade prática com toda turma participando e entusiasmada. Voltamos para sala, algo que foi questionado pelo grupo que gostaria de ter mais tempo de atividade prática. Já na sala peço para os alunos realizarem um registro do que acharam da nossa unidade didática.

O grupo troca informações entre si, e Amanda me pergunta se pode falar com os colegas ou é igual na prova que não pode conversar. Falo para o grupo que eles podem lembrar e trocar ideias com os colegas, porém cada aluno deve relatar o que ele pensa e não o que a sua colega pensa. Recolho a atividade e finalizo com o grupo a unidade didática.



Explico para a turma que encerramos o trabalho nesse momento com o tênis de campo, falo para eles que nesse momento também acabou a minha pesquisa com a turma e que agora vou analisar tudo que aconteceu e que quando eu terminar os meus estudos conto para eles. Agradeço a participação de todos.

A aula termina e fico ainda por ali refletindo sobre tudo que passou, na aula de hoje pude ver os alunos propondo alterações para um jogo que até pouco tempo, poucos tinham praticado. Me sinto satisfeito não apenas com essa aula, onde vi que além de

propor alterações, os alunos tinham argumentos para suas propostas. Fico satisfeito de ter concluído esta etapa da minha pesquisa, de ver de onde saímos e onde chegamos, mesmo sem dados computados, sinto que tivemos progressos não apenas nas questões técnicas específicas da modalidade, mas também em reflexões sobre as questões sociais que cercam a modalidade e estão presentes na vida de todos nós.

## 7 ANEXO

## 7.1 Anexo A: Parecer do CEP/UFSCar

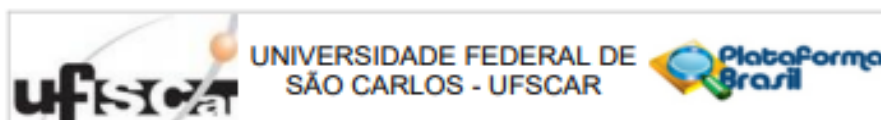
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCAR										
<b>PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP</b>										
<b>DADOS DO PROJETO DE PESQUISA</b>										
<b>Título da Pesquisa:</b> PRÁTICAS INOVADORAS NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR										
<b>Pesquisador:</b> GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS										
<b>Área Temática:</b>										
<b>Versão:</b> 2										
<b>CAAE:</b> 75435723.5.0000.5504										
<b>Instituição Proponente:</b> Centro de Ciências Biológicas e da Saúde										
<b>Patrocinador Principal:</b> Financiamento Próprio										
<b>DADOS DO PARECER</b>										
<b>Número do Parecer:</b> 6.670.548										
<b>Apresentação do Projeto:</b>										
As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram extraídas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES BÁSICAS DO PROJETO_2238891, de 21/01/2024) e/ou do Projeto Detalhado (Projeto_de_Pesquisa_CEP_FranciscoSilva_2, de 21/01/2024): RESUMO, HIPÓTESE (se houver), METODOLOGIA, CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.										
<b>RESUMO</b>										
Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que terá o respaldo da pesquisa-ação a ser realizada com estudantes de uma série de uma determinada escola em cidade do interior de São Paulo. O pesquisador principal aponta o seguinte: "Ao ingressar no ProEF, logo nas primeiras disciplinas de estudo, tivemos a possibilidade de abordar as condutas como os professores de Educação Física escolar atuam, inicialmente foram apresentadas 3 categorias: tradicional (esportivista), abandono do trabalho docente ("rola bola") e práticas inovadoras. O termo práticas pedagógicas inovadoras chamou a minha atenção e com interesse de compreender melhor tal atuação docente, o objetivo deste estudo é analisar indícios de uma prática pedagógica inovadora no desenvolvimento de uma unidade didática nas aulas de Educação Física. A pesquisa seguirá a natureza qualitativa, desenvolvida com estudantes do 6º ano do ensino fundamental em uma escola pública da rede municipal de ensino do interior de										
<table border="1"> <tr> <td><b>Endereço:</b> WASHINGTON LUIZ KM 235</td> <td><b>CEP:</b> 13.565-905</td> </tr> <tr> <td><b>Bairro:</b> JARDIM GUANABARA</td> <td></td> </tr> <tr> <td><b>UF:</b> SP</td> <td><b>Município:</b> SAO CARLOS</td> </tr> <tr> <td><b>Telefone:</b> (16)3351-9685</td> <td><b>E-mail:</b> cephumanos@ufscar.br</td> </tr> </table>			<b>Endereço:</b> WASHINGTON LUIZ KM 235	<b>CEP:</b> 13.565-905	<b>Bairro:</b> JARDIM GUANABARA		<b>UF:</b> SP	<b>Município:</b> SAO CARLOS	<b>Telefone:</b> (16)3351-9685	<b>E-mail:</b> cephumanos@ufscar.br
<b>Endereço:</b> WASHINGTON LUIZ KM 235	<b>CEP:</b> 13.565-905									
<b>Bairro:</b> JARDIM GUANABARA										
<b>UF:</b> SP	<b>Município:</b> SAO CARLOS									
<b>Telefone:</b> (16)3351-9685	<b>E-mail:</b> cephumanos@ufscar.br									
Página 01 de 05										

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB INFORMAÇÕES BÁSICAS DO PROJETO 2238891.pdf	21/01/2024 20:14:12		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_2.pdf	21/01/2024 20:13:28	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235  
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905  
 UF: SP Município: SAO CARLOS  
 Telefone: (16)3351-9585 E-mail: cephumanos@ufscar.br

Página 01 de 05



Continuação do Parecer: 6.670.548

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_2.pdf	21/01/2024 20:13:11	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_CEP_FranciscoSilva_2.pdf	21/01/2024 20:12:50	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
Outros	Carta_Resposta_versao1.pdf	21/01/2024 20:11:44	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_FRANCISCO_01assinado.pdf	31/10/2023 09:22:04	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
Outros	Carta_autoriza_Escola.pdf	30/10/2023 17:15:38	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	30/10/2023 17:13:09	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	30/10/2023 17:12:48	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
Orçamento	Orçamento.pdf	30/10/2023 17:09:47	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	30/10/2023 17:09:24	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_CEP_FranciscoSilva.pdf	30/10/2023 17:05:24	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 26 de Fevereiro de 2024

Assinado por:  
 Adriana Sanches Garcia de Araújo  
 (Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235  
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905  
 UF: SP Município: SAO CARLOS  
 Telefone: (16)3351-9585 E-mail: cephumanos@ufscar.br

Página 03 de 05